

P. CARLOS TESCHAUER S. J.

Vida e Obras

do Padre

Roque González de S. Cruz S. J.

Primeiro Apostolo e Civilizador do

Rio Grande do Sul



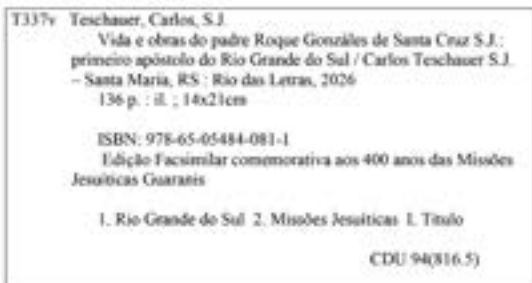
3.^a edição cuidadosamente revista e publicada pelo
Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

TYPOGRAPHIA DO CENTRO ✧ PORTO ALEGRE ✧ RUA DR. FLORES 108

1928

VIDA E OBRAS
do Padre
Roque Gonzáles de Santa Cruz S.J.
Primeiro Apostolo do
Rio Grande do Sul

São reservados ao autor todos os direitos de propriedade e de reprodução



Ficha catalográfica elaborada por Eunice de Oliveira – CRB 16/491



**Coletânea de livros
clássicos missioneiros**

Esta obra é parte da coleção de obras clássicas reeditadas sobre a temática missioneira numa iniciativa do governo do Estado do Rio Grande do Sul e integra as comemorações dos 400 anos das Missões Jesuíticas Guaranis, celebrados em 2026.

A coordenação é da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac), por meio do Instituto Estadual do Livro (IEL) e do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas (SEBP).



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
Secretaria de Estado da Cultura



editorariodasletras@gmail.com
Rua André Marques, 255 - Centro - Santa Maria - RS - CEP: 97010 041

Impresso no Brasil, 2026
Gráfica Pallotti - Santa Maria - RS



O P. Roque González de Santa Cruz, martirizado a 15 de novembro de 1628, segundo uma pintura recente de religiosa franciscana

Passando no próximo dia 15 de novembro a data tricentenária da morte do padre Roque González de Santa Cruz, o primeiro mártir da civilização do Rio Grande do Sul, resolveu a comissão redatorial da Revista reeditar o presente trabalho, obra do nosso eminente confrade P. Carlos Teschauer S. J.

Vida e obras do Padre Roque González de Santa Cruz S. J. alcança destarte, em nossa terra, a sua terceira edição. Só esse fato bastaria para justificar o valor desse trabalho histórico. O Instituto, porém, reestampando-o, quer contribuir com a sua homenagem à memória do grande apóstolo, fazendo uma larga tiragem de modo que o precioso livro possa peneirar no seio da família rio-grandense e tornar conhecida e venerada a memória santa de Roque González de Santa Cruz, o fundador dessa brilhante civilização de que são ainda nos dias que correm um eloquente atestado as ruínas dos Sete Povos das Missões Orientais.

Prefácio

Não venho oferecer ao benévolo leitor uma hagiografia que apresente em cada capítulo uma virtude particular ou exemplo edificante. Conto apenas a vida de um varão apostólico, cuja santidade atestam obras estupendas, mas cuja alma as fontes escassas não nos permitem contemplar na medida dos nossos desejos. Não obstante, ninguém, ao percorrer esta monografia, creio eu, duvidará de quanto sejam sólidas e sublimes as virtudes do protomártir e apóstolo do Rio Grande do Sul.

Com esta biografia do fundador das Sete Missões enceto a relação histórica da catequese e civilização dos nossos indígenas, ou em outros termos, a história primitiva deste nosso Estado. Compreenderá este livro a fase inicial em outros, sobretudo na História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos, relatei os progressos ulteriores. Espero, portanto, achar interesse entre quantos prezam tais investigações de história particular e nomeadamente por ser o material desta parte novo e desconhecido, o que me foi confirmado por pessoa competentíssima e atualmente talvez a primeira autoridade no campo da história rio-grandense.

Julgo ser do meu dever relatar ao leitor a gênese deste trabalho. Conhecia já as obras históricas mais importantes sobre o Brasil e vários Estados, quando visitei os Sete Povos da banda oriental do Uruguai. Nestes estudos ocorreu-me a miúdo o nome do P. Roque González, mas nada me levava a ver nele o primeiro apóstolo desta terra. Pesquisas e investigações prolongadas revelaram-me enfim o papel saliente que este santo sacerdote representou na cristianização pátria.

Ainda não existe monografia sobre homem tão benemérito da nossa civilização; as notícias sobre a sua vida andam espalhadas em documentos inéditos ou diversas obras, hoje extremamente raras.

Exigia, portanto, imperiosamente a história, não menos que a gratidão dos pósteros, fosse enfim tirada das sombras do esquecimento a sagrada memória de quem tanto fez pela religião e pátria.

Tendo conseguido, não sei por que feliz concatenação de circunstâncias, o material necessário para tão árdua tarefa, esmerei-me em desempenhá-la conscienciosamente; com que fadiga, sabe-o Deus e o sentiu quem estas linhas escreve.

Resta-me ainda cumprir o grato dever de agradecer com efusão a quantos me coadjuvaram — alguns já passaram desta para melhor vida — aos amigos neste Estado que me proporcionaram os meios para tão dispendiosos estudos, aos senhores bibliotecários, arquivistas e mais amigos em Buenos Aires, a quem por tantos obséquios e zelo infatigável serei devedor. A todos me confesso extremamente penhorado.

Porto Alegre, outubro de 1928.

O Autor.

INTRODUÇÃO

O Rio Grande do Sul, que hoje ocupa lugar saliente entre os Estados da União, depois de descoberto nos primeiros decênios de 1500, continuou por todo aquele século a ser uma terra incógnita. Foi no princípio do seguinte que o explorou e descreveu, pela primeira vez, o homem apostólico cuja vida pretendo esboçar. O conhecimento cabal só o trouxeram as lutas seculares em que as duas grandes potências ibéricas se disputaram mutuamente a posse deste território.

Quem, conforme a opinião ainda mais seguida, primeiro devassou as brumas do oceano que encobriam estas paragens do sul, foi João Dias de Solís¹ descobrindo o grande estuário platino, ao qual regressou, depois de ter atingido o grau 40 lat. sul. O Rio de Solís ou da Prata, apenas navegado, levou os exploradores ao conhecimento do Uruguai, em cuja banda oriental se havia de iniciar a civilização de nosso Estado.

Sebastião Caboto, chegado à foz do Prata em 1527, foi o primeiro europeu que subiu por aquele poderoso afluente. Os guaranis, sempre pacíficos, quando não provocados à vingança, abasteceram os viajantes de víveres. Na margem oriental encontrou um rio, que até hoje, segundo Guevara² se chama S. Salvador, oferecendo ancoradouro seguro para as embarcações. Levantou neste sitio um fortim, o

1. Foi o Dr. Conrado Haebler quem, por meio de uma cópia manuscrita da "Gazeta Allemã", encontrada no arquivo da família Fugger, recentemente demonstrou que, em 1514, chegara lá uma armada de D. Nuno Manoel. (Hist. Geral do Brasil, por Varnhagen, 3ª edição revista por Capistrano de Abreu, Secc. VI. Nota A. Rio 1905). Esta descoberta parece, porém, ter sido sem consequência, como fora a de Vicente Yáñez Pinzón a respeito do Brasil.

2. Guevara, Hist. de la conquista. Cap. II. Doc. I. 3.

primeiro monumento de conquista, mas os índios, como se compreendessem todo o alcance daquela obra, negaram-lhe todo o auxílio e se retiraram com sinais inequívocos de rancor e despeito. Resolveu-se então o intrépido navegante a retroceder para explorar o rio da Prata, confiando a empresa a João Alves Ramão, a quem deixou dois botes e uma caravela tripulada por número regular de marinheiros, a qual, porém, em breve naufragou durante um temporal. Em situação tão crítica, determinou-se parte da gente a seguir por terra, guiados pelo próprio Ramão. Os índios yarós, conseguindo cortar-lhes a comunicação com os botes, após luta renhida, os destroçaram, matando e ferindo a muitos. O próprio Ramão pagou com a vida a ousadia.

Igualmente infeliz foi a expedição de Martim Affonso de Souza, em 1531, que experimentou na altura do Chuy tão forte temporal que perdeu a Capitânea e um bergantim com alguma gente e “não se deixou ficar nas plagas da província do Rio Grande, onde o lançou de si o próprio mar.” Parece que a Providência havia decretado não passasse o domínio português além do Chuy, assinalando-o com o naufrágio de Martim Affonso. O diário de seu irmão Pero Lopes nos permite lançar um rápido olhar sobre o país à margem do Uruguai.

Ouçamos a descrição:

“Terça feira. 6 dias do dito mês (novembro de 1531) pela manhã se fez o vento sudeste e com ele me fiz a vela no bordo de lessueste e à tarde fui surgir defronte da nau... Estando aqui... Ver se achava rasto de gente: mas nada achei senão rasto de muitas alimarias, muitas perdizes e codornizes e outra muita caça. A terra é mais formosa e aprazível que eu jamais cuidei de ver; não havia homem que se fartasse de olhar os campos e a formosura deles. Aqui achei um rio grande, ao longo dele tudo arvoredo, o mais formoso que nunca vi, e antes que chegasse ao mar, um tiro de besta se sumia. E tomamos muita caça e tornamo-nos ao bergantim... Depois parecia-me que nos podíamos manter com o mantimento que na terra havia e com o pescado, o mais formoso e saboroso que nunca vi”.

“A água já aqui era toda doce, mas o mar era tão grande que me não podia parecer que era rio: na terra havia muitos veados e caça

que tomávamos e ovos de emas e emas pequenas, que eram muito saborosas; na terra há muito mel e muito achávamos tanto que o não queríamos: e há cardos, que é muito bom mantimento e que a gente folgava de comer.”

Entrando no rio, exprime-se por esta forma:

“Quarta-feira, 11 de dezembro, fui pelo rio arriba com bom vento, e vi um braço pequeno e meti-me por ele, o qual a noroeste e neste rio há umas alimarias como raposas (lontras) que sempre andam na água e matávamos muitas, tem sabor como cabritos. Esta terra dos Carandis é alta ao longo do rio e no sertão é toda chã, coberta de feno, que cobre um homem: há muita caça nela de veados, emas, perdizes e codornizes, é a mais formosa terra e aprazível que pode ser.”

“Eu trazia comigo alemães, italianos, homens que foram à Índia, e franceses, todos eram espantados da formosura desta terra, e andávamos todos pasmados que não nos vibrava tornar. Aqui neste esteiro tomamos muito pescado - muitas maneiras, vive tanto neste rio e tão bom que só com o pescado sem outra coisa se podiam manter; ainda que o homem coma 10 libras de peixe, em as acabando de comer, parece que não comeu nada e tornara a comer outras tantas. O ar deste rio é tão bom que nenhuma carne, nem pescado apodrece, e era na força do verão que matávamos veados e trazíamos a carne 10 ou 12 dias sem sal e não fedia. A água do rio é muito fria: quanto o homem mais bebe, tanto melhor se acha. Não se pode dizer nem escrever as coisas deste rio e as bondades dele e da terra.”

Não obstante ser país tão atraente, esqueceram-no e tanto que por muito tempo ainda permaneceu na sombra do esquecimento.

O fito que tinham em mira as explorações aventureiras dos espanhóis, tão ricas em sacrifícios de vidas e fortunas, era a comunicação com o Peri, o El-Dorado daqueles tempos. Na verdade, mais avisado andaria Caboto, se chamasse o Rio da prata, Rio do Ouro. Porém, os contínuos desastres, devidos quase sempre à resistência tenaz e vitoriosa dos guaranis, resfriaram enfim o entusiasmo pela exploração de regiões desconhecidas.

Foi só na segunda metade do século XVI, em 1573, que João Ortiz de Zarate empreendeu nova expedição. Nas bordas do Uruguai experimentou a conhecida hospitalidade dos guaranis, que o proveeram de caça, avestruzes e pescado, seu alimento usual.

Mas, quando o chefe espanhol mandou prender o sobrinho do poderoso tuxava³ Sapican, foram os aventureiros vencidos na batalha de S. Gabriel e a vitória posterior de Garay não conseguiu salvar a posição dos espanhóis, que evacuaram o povo do Salvador. Recaiu novamente o Uruguai num abandono de cinco lustros, que por mais tempo quiçá se prolongaria, se não surgisse em princípios do século seguinte um estadista extraordinário, americano de nascença, oriundo de uma família distinta e dotado de caráter enérgico e esforçado. Tendo exercido influência decisiva nos destinos do antigo Rio Grande, justo é abrirem-se-lhe aqui de par em par as portas da história. Foi *Hernando Arias de Saavedra* chamado também Hernandárias.

Os infortúnios, distúrbios e ambições desmedidas que encheram o último quartel do século próximo findo, tinham patenteado de sobra a necessidade de uma mão firme e bem avisada que empunhasse as rédeas do governo.

Os pais de Saavedra pertenciam à primeira nobreza; tanto mais estranho parece, portanto, que o filho não lhes tenha adotado nome algum. Seu progenitor foi Martinho Soares de Toledo, que governara a província do Paraguai antes do adelantado Ortíz de Zárate; a mãe chamava-se D. Maria de Senabria, filha do adelantado do Rio da Prata Juan de Senabria.

De muito jovem começou Saavedra a servir o rei com dedicação e habilidade em elevado grau. Diz Lozano que os exemplos de valentia, zelo, piedade e prudência que esta vida oferece, igualariam em número aos que a história nos refere de vários séculos. Magnânimo e cavalheiroso, foi protetor constante dos índios indefesos contra vexações e arbitrariedades, zelando entre eles a conversão e ensino religioso; mas sabia também humilhá-los, quando vinham em som de guerra, vencendo-os em várias batalhas campais.

Releve o leitor referir-se aqui um episódio bélico que faz sobressair tanto o caráter dos índios, como o do nobre guerreiro. Estando já iminente uma batalha, veio procurá-lo o chefe indígena, homem de compleição hercúlea e aspecto terrível para desafiá-lo com altiva presunção a uma luta corpo a corpo, a qual decidiria a sorte dos dois exércitos. Aceitou Hernandárias o repto. Travou-se o combate à vista dos arraís, dando ambos os contendores provas de singular destreza

3. Tuxava ou morubixaba é o mesmo que chefe.

em adivinhar os lances ao adversário e aparar-lhe os golpes. Por longo tempo flutuou indecisa a vitória, até que enfim veio declarar-se a favor do general espanhol, que conseguiu prostrar por terra ao selvagem e cortar-lhe a cabeça. Os índios não só renderam-se conforme o ajuste, mas receberam o êmulo vitorioso por entre aclamações de entusiasmo e admiração.

Pela morte de Diogo Valdez de la Banda, cujo governo de pouca duração nada oferece de notável, entrou Hernandárias a dirigir os destinos da futura colônia, como oitavo governador.

Por entre os cuidados administrativos e empresas guerreiras que encheram o primeiro período do seu governo, mereciam-lhes os índios desvelo especial. Protegia, portanto, todos os missionários, dedicando, porém, um afeto particular aos da Companhia de Jesus.

Atraiu a atenção do hábil estadista a nação guarani, ora das bordas do Uruguai, já pela valentia com que tinham resistido à entrada dos europeus, já e igualmente pelo desleixo com que os predecessores descuidaram a civilização de gente tão nobre e destemida.

Feitos os preparativos bélicos, pôs-se em princípios de 1603 à testa de um troço expedicionário de 500 espanhóis. E vencendo quanto obstáculo a natureza lhes opunha no longo trajeto de Assunção ao Uruguai, chegaram à vista do inimigo, o qual em ataque tão impetuoso os acometeu que infligiu tremenda derrota. Dos pormenores nada nos chegou, parecendo aos historiadores demasiadamente lúgubre o espetáculo de meio milhar de espanhóis estendidos no campo de batalha.

“Nem a cavalaria, nem as armas de fogo, nem a reconhecida habilidade do general e superioridade de tática resistiram ao desesperado arrojo dos filhos das selvas,” diz Bauzá.

Convenceu-se o general derrotado que nenhum espanhol pisaria o solo daquelas paragens, enquanto o poder da Cruz não sujeitasse ao doce jugo do evangelho tão indômita geração. Foi neste sentido que escreveu à corte. A proposta, examinada e aprovada pelo conselho das índias, agradou a Felipe III, que em carta ao governador, datada em 5 de julho de 1608, confirmou o plano da conquista pacífica.

“Cedendo aos rogos de Hernandárias, diz Lozano, aceitaram os jesuítas as missões guaranis, que são a coroa mais gloriosa desta província e até de toda a Companhia”.

Entretanto, devido ao proverbial vagar da administração espanhola e aos enredos dos invejosos, passou o avisado estadista pelo desgosto de ver retardada a execução da empresa por quase dois lustros. Após uma administração de nove anos, foi substituído por Diogo Maria Negrón, que, falecendo já em 1615, teve por sucessor interino o general Francisco González de Santa Cruz, o qual no breve espaço de dois meses conseguiu mais que outros em muitos anos.

Apenas se achou Hernandárias livre do peso do governo, retirou-se para Santa Fé, dizendo que já não desejava outra coisa neste mundo além do pão com que se nutrisse, e de um rincão solitário onde cuidasse da salvação de sua alma. Chegado à sua propriedade, reuniu quantos índios que possuía e declarou-lhes que eram livres e poderiam servir a quem quisessem. Julgando-se com tais palavras despedidos, começaram todos a lastimar-se, pois tendo-os o amo tratado como pai, preferiram o serviço em casa dele à liberdade por outra parte. O caridoso patrão não teve outro remédio senão voltar, declarando-lhes que não fora seu intento demiti-los, mas sim expor-lhes o direito que lhes assistia.

Chamado pela terceira vez ao governo por cédula real no ano de 1615, tomou a peito a execução das ordenanças de Francisco Alfaro, que livravam os índios do serviço pessoal, verdadeira magna carta de liberdade, em cuja elaboração tivera ele parte eximia. Deu vista às casas de Santa Fé, bem como a todas as chácaras e habitações rurais, anunciando aos índios que agora gozavam da mesma liberdade que os espanhóis; juntamente pedia informações se viviam contentes com seus amos e se deles recebiam os salários estipulados. Achando muitos espanhóis atrasados em contas neste ponto, mandou encarcerar uns quarenta, com o que alcançou maior pontualidade nos demais. Quem estava impossibilitado de pagar imediatamente, era obrigado a dar fiança para dois meses. A fim de evitar as fraudes, exigia que os respectivos pagamentos se fizessem em sua presença, ou em sua ausência, perante a justiça. Castigos severos reprimiam as vexações e arbitrariedades no trato com os naturais, e as multas, que se impunham, redundavam em benefício dos agravados.

A todos e a tudo se estendia a atividade do governador. Ouvindo da situação precária de algumas jovens espanholas, montou-lhes uma oficina, onde lhes fornecia a lã por fiar a próprio custo.

Um corsário holandês aprisionara na foz do Prata três navios e continuava a infestar aquelas paragens. Armou contra ele três embarcações, confiando o comando a seu sobrinho, D. Jeronymo Luiz Cabrera. O corsário, talvez avisado dos preparativos, retirou-se sem esperar pelo ataque.

Para aumentar entre os índios o respeito devido aos missionários, visitou pessoalmente a primeira redução, e à vista dos neófitos e pagãos, foi beijar a mão ao sacerdote com todas as demonstrações de sincera humildade.

Ainda nos resta relatar um fato, que é uma prova eloquente de sua circumspecta previdência. Numa viagem de Assunção a Buenos Aires, descobriu um saco de erva-mate que levavam os remadores.

Dissimulou na ocasião o desgosto, mas, apenas chegado à cidade, mandou queimar a erva em praça pública, dizendo aos índios: “Não estranheis o meu proceder, é para o vosso bem que o faço, pois o coração está a dizer-me que esta será a fonte de vossa desgraça: oxalá nunca ensinasses aos espanhóis o uso de uma bebida que tão caro vos há de custar”. A história confirmou as apreensões do grande benfeitor dos indígenas.

O seu último ato governativo foi requerer e procurar, com toda a insistência e feliz sucesso, a divisão do território em dois governos, o do Paraguai e o do Prata.

Exonerado enfim do cargo que pela terceira vez desempenhara, retirou-se para Santa Fé, onde em 1634 veio a falecer, chorado por todos como pai da pátria, enquanto ele em sua modéstia nem sequer admitira o tratamento de senhoria. Por se ter distinguido nas artes de paz e guerra, colocou-se-lhe o retrato na sala de honra da afamada casa de Contratação de Sevilha. A história, porém, perpetuou-lhe o nome, aureolado com a glória de ter sido um dos primeiros propagadores da liberdade da raça americana.

Diogo de Góngora, que assumira as rédeas do governo em fins de 1618, foi quem iniciou a execução do plano da conquista pacífica da margem oriental do Uruguai, convidando o P. Roque González de Santa Cruz para tão gloriosa empresa.

Vida e Obras

do padre Roque González de Santa Cruz

I

Anos de juventude e sacerdócio

Dentre todas as missões confiadas aos cuidados da Companhia de Jesus, poucas haverá a que coubesse maior quinhão tanto nas bênçãos de Deus como na admiração dos amigos e nas calúnias dos desafetos, do que às reduções do Paraguai e nomeadamente às dos Sete Povos Orientais no Estado do Rio Grande do Sul.

Passamos a narrar a vida do infatigável apóstolo que primeiro regou, com o suor e sangue, campo tão afamado, dando igualmente nova orientação a toda a atividade missioneira na América do Sul.

Infelizmente a escassez das fontes nos veda assistirmos ao desabrochar de tão elevado talento e acrisolada virtude. É nos dado admirar a arvore gigante cujos ramos abrigaram milhares de silvícolas, mas não há quem nos diga como brotara modesta e singela e se desenvolveu garbosa na esperança do porvir.

Foi pelos anos de 1570 que a cidade de Assunção no Paraguay se encheu de contentamento e alegria. Pois uma das mais conspícuas famílias da então capital do governo do Rio da Prata celebrava o nascimento e batismo de um filho e o regozijo que experimentava, se comunicou aos demais cidadãos entre os quais eram comuns não só os sacrifícios e privações daqueles tempos aventureiros e mal seguros, mas também as raras e, portanto, mais apreciadas alegrias e satisfações.

O menino Roque herdou com a nobreza de sangue a piedade e inteireza de costumes que distinguiam seus progenitores Bartholomeu González de Villaverde e Maria de Santa Cruz. Deram educação esmerada ao filho, o qual numa pronunciada afeição aos exercícios de piedade seguiu os impulsos da graça, entregando-se às práticas de devoção. Seu entretenimento predileto era estar na presença do seu Deus, e chegando aos anos da puberdade, recatou a virtude de forma que conservou a inocência batismal, prodígio quase sem exemplo no meio da dissolução e desenvoltura de costumes, própria a colônias entre gente bárbara.

Esta fidelidade, com que correspondia o jovem Roque à graça, premiou-a o Criador, derramando com mão pródiga favores extraordinários sobre aquele privilegiado coração, parecendo apressar-se a tomar posse desta alma, para que, arrebatada pela formosura infinita, a nada mais aspirasse sobre a terra senão à gloria do Senhor e à salvação das almas.

Um só, mas significativo incidente da sua mocidade nos conservou a história. Um dia, tendo apenas doze anos de idade, em companhia de dois discípulos e amigos, deixou secretamente a casa paterna e após uma viagem de quinze léguas embrenhou-se num deserto. Ao darem os pais com a falta do estremecido filho, foram cheios de angústia em sua procura, receando muito da sua tenra idade e dos perigosos tigres e outras feras, até que finalmente o encontraram no meio de um denso mato, onde numa ermida com seus camaradas estava a ler as vidas dos santos. Perguntado por que razão deixara a casa, respondeu que queria servir a N. Senhor e apartar-se dos perigos do mundo; e contra vontade e só a instâncias dos pais voltou para o lar paterno.

Dali em diante vivia somente para os exercícios da religião na igreja e aos estudos e seus livros no seu pequeno e pobre quarto. A comunhão frequente ele já naquele tempo pô-la em prática. Era de uma modéstia e gravidade tal que ninguém em sua presença usava de uma palavra menos honesta ou indecorosa, e como se fosse já sacerdote, a todos que o conversavam exortava ao serviço de Deus e a aborrecer os vícios. Alma de eleição, favorecida com tais bênçãos do céu, não era para o mundo. Ao seu coração generoso e fantasia ardente representar-se-iam as façanhas e ações heroicas, hoje para nós quase

sobre-humanas, em que no seu tempo os conquistadores rivalizavam; porém longe de invejar-lhes os mimos da fama e glória, resolve envergar a humilde roupeta de missionário, para que, sobrepujando-os em ações heroicas de ordem superior, levasse sem outras armas que a cruz, a feliz efeito o que nunca teriam conseguido aqueles legendários protagonistas da conquista.

Estando, porém já em idade de tomar as ordens sacras, muito tempo hesitou em dar esse passo decisivo, considerando-se indigno deste alto ministério, formidável até a ombros de anjo, de sorte que precisava da animação do bispo diocesano.

Raiando o dia em que pela vez primeira ia oferecer o incruento sacrifício do novo testamento, é impossível imaginar os afetos de generoso devotamento e santo júbilo que agitaram aquele coração abrasado no amor do seu Deus. A cidade de Assunção não pôde conservar-se apática ante um acontecimento que tão de perto a interessava e acudiu em peso para ver aquele espetáculo de piedade e modéstia, aquele jovem de tão nobre ascendência, a vergonha de uma das primeiras famílias, que durante os anos da juventude tinha sido por suas virtudes a edificação e o encanto da cidade, e si seus patrícios não chegavam a imitá-lo, queriam ao menos demonstrar o respeito que lhes impunha tão ilibada virtude. Chegado o momento de começar o santo sacrifício, se levanta um murmúrio surdo no meio do templo e todos pedem como a uma voz que celebre com uma palma na mão⁴, símbolo da vitória já alcançada sobre as paixões e, sem o adivinharem, prognóstico do martírio com que anos mais tarde havia de consumir o sacrifício da sua vida, honra excepcional e significação singular de apreço que a modéstia do neo-presbítero soube declinar.

Apenas de posse dos grandes poderes sacerdotais, o P. Roque fê-los frutificar. O método que adotou e o campo que escolheu, logo manifestam seu coração de apóstolo. Dedicou-se à missão entre os índios de Maracajú que habitavam as regiões de um tributário da margem esquerda do rio Paraguai, umas trinta léguas ao norte de Assunção. Sobre o tempo que trabalhou entre eles e a índole desses índios nada referem as fontes; o que é certo é que diversos anos doutrinou e pregou entre eles, convertendo muitos e deixando de si memória santa, que ainda depois de sua morte se conservava.

4. Gambón, S. J. Los três primeiros mártires. p. 7.

Encontrando-o em seguida cura da catedral, podemos supor que seus patrícios, entusiasmados por suas virtudes, o pedissem para seu pároco. O bispo diocesano, querendo conservá-lo nas fileiras do clero secular, nomeou-o vigário geral, fato que determinou ou antes acelerou outro, decisivo para a sua vida, como veremos no capítulo seguinte.

II

Entra na Companhia de Jesus — Missão entre índios ferozes

Havia muito tempo que seus pensamentos e poucos dias que seus passos o encaminharam para a porta do colégio dos jesuítas, quando o honroso convite do bispo o moveu a apressar a execução da sua resolução. Renunciando às lisonjas e honras do mundo, o pároco da catedral de Assunção apresentou-se como candidato à Companhia de Jesus no ano de 1609⁵ julgando achar nela abrigo seguro contra os perigos das prelações. Contava então cerca de quarenta anos⁶. Admitiu-se a cidade e o reino e muito ganhou a religião e o noviciado. Outra fonte diz que foi com grande sentimento da cidade por ver o muito que perdia em tal cura e pai.

Mas o seu generoso coração exultava de satisfação de ser admitido e de escrever o seu nome no rol daquela falange de heróis que, cobertos da humilde roupeta da Companhia de Jesus, já começava a encher a América com o renome de seus cometimentos mais que humanos. Os nomes de Diogo de Torres, Simão Mazela, José Gataldino, Ruiz de Montoya, Marcello de Lorenzana, Durán de Mastrilli e outros representavam uma plêiade de varões apostólicos do Novo Mundo em cujos preclaros exemplos não tardou em retemperar-se e inflamar-se o zelo do humilde noviço.

5. É incerto o dia, provavelmente em 9 do maio.

6. Techo, Hist. Parag. c. VIII. cap. 34.

Dotado de uma eloquência natural, habituado como poucos ao manejo idiomático da difícil língua guarani, ainda aperfeiçoado na sua missão dos maracajús, tendo já alguma experiência de tratar os índios, caráter de ferro, moderado pela suavidade e afabilidade da conversação, unindo a essas qualidades naturais o brilho de uma virtude a toda prova, o P. Roque era fadado como poucos para as empresas da grande obra e célebre missão entre os índios do Paraguai.

Ainda não completara o tirocínio da nova milícia, quando os superiores, considerando sem dúvida compensada a falta do tempo pela solidez da virtude do noviço, mandaram-no para a missão dos guaycurús, campo que demandava dedicação e zelo heroico.

Os guaycurús, nômades em extremo e sem domicílio fixo, eram entre as hordas do Grão Chaco a mais temida. Sobretudo depois da introdução do cavalo, tornaram-se o flagelo dos europeus e das tribos vizinhas, com as quais mostravam não ter parentesco algum. O idioma era de pronúncia branda, apesar das palavras sesquipedaes que pareciam tirar do fundo do peito. Os homens andavam nus, usando apenas a tanga: as mulheres, porém, vestiam uma saia, às vezes guardanecida de caramujos, que lhes descia até o joelho.

Pintavam o corpo e usavam a tatuagem tanto os homens como as mulheres, porém esposas dos tuxavas a restringiam aos braços, deixando a do rosto às subalternas e escravas.

As casas eram portáteis e feitas com esteiras de junco, das quais sempre tinham boa provisão para os frequentes concertos. Não conheciam a rede, servindo-lhes de cama o couro de veado ou de vaca estendido no chão.

Para amansarem os cavalos, levavam-nos a um pântano, onde montados se cansavam debalde e acabavam por serem domados. Tratavam os cavalos com especial cuidado e adestravam-nos para a caça e a guerra de sorte que possuíam a melhor remonta do Paraguai e os espanhóis lhes compravam a bom preço. Desde que introduziram o cavalo, modificaram também as armas, adotando as bolas e exercitando-se no uso do laço.

Em suas migrações orientavam-se de dia pelo curso do sol e de noite pela posição das estrelas, entre as quais sabiam distinguir os planetas maiores. Celebravam a festa das estrelas à volta das plêiades, desfazendo nesta época todos os toldos e limpando as esteiras para assegurarem a felicidade para o resto do ano.

Segundo parece, criam na imortalidade da alma: sobre o tumulto do chefe inalavam o cavalo predileto do falecido. Procuravam apaziguar a ira dos maus espíritos; da divindade, porém não pareciam ter nem uma ideia vaga. Não tinham leis nem propriamente governo; até na guerra deixavam-se guiar mais pelo instinto da própria conservação do que pelo mando dos seus chefes, conseguindo estes todavia por vezes executar manobras não indignas de um exército disciplinado e até fatais aos soldados espanhóis.

Assassínios e mortes injustas não eram punidos, antes era aplaudido o malfeitor vitorioso.

Não deixavam sossegar a população de Assunção, donde um dia levaram cativas, entre outras senhoras, a própria irmã do governador Hernandárias.

Tal era a gente a que foi mandado o noviço de seis meses, dando-se-lhe por companheiro um jovem sacerdote, o P. Griffi. Se em geral para a catequese dos indígenas se exigiam virtudes sólidas, bem se compreende em que elevado grau as devia possuir quem se destinava à de tão barbara e indômita nação.

Despedindo-se do provincial, este lhe disse: “V. R., meu padre Roque, ainda no noviciado e V. R., meu padre Vicente, ainda de não muita idade, tem alcançado o que outros, brancos de cans, e veteranos na nossa milícia desejaram com ânsia e não podem conseguir.” Acompanharam-nos até a praia, onde se embarcaram o governador Hernandárias, parente mui chegado do P. Roque, e a principal nobreza da cidade, assombrados da coragem e alegria com que se iam expor aos perigos certos daquela expedição com o fito glorioso de converter os bárbaros cujo furor já tantas vezes tinham experimentado.⁷

Sem dúvida teria sido preferível adiar missão tão espinhosa para quando houvesse à disposição dos superiores maior número de missionários. Para iniciá-la contudo sem tardança, moveram ao provincial duas razões: a comunicação mais fácil com a província de Tucumán e a segurança dos colonos, que já desesperavam de poder vencer inimigo tão temível. Novamente vemos, pois, confirmada a experiencia antiga que, aonde não chega o poder das armas, ali se encarra a conquista a cruz do missionário. O bispo e o governador, aprovando o plano, contudo pouca esperança lhe deram de êxito favo-

7. Lozano, *História de la Compañia de Jesús en la provincia del Paraguay*, lib. V, cap. 24.

rável. Não negava o jesuíta a grandeza e variedade dos obstáculos, mas terminou dizendo que em homem apostólico não devia ir tão longe a providência que só aceitasse empresas cujo resultado lisonjeiro não admitia dúvida.

III

Perigos e obstáculos

Partiram, pois, em fins de 1609 ou princípios de 1610 para a região ocupada pelos guaycurús os dois missionários, levando poucos em sua companhia, entre os quais um índio guarani, que, tendo vivido entre aqueles selvagens, serviria de intérprete. Entrando terra adentro, jornadassem três dias por entre pântanos e terrenos alagadiços, quando foram percebidos pelos postos de observação, que os anunciaram como vanguarda dos espanhóis.

Soa o rebate, de boca em boca voa a nova que os cristãos vêm, não instruí-los na religião, mas escravizá-los: convocam-se em conselho os chefes para deliberarem sobre os meios de se evitar qualquer surpresa. Concordaram enfim em mandar espias a Assunção, para indagarem o verdadeiro intento dos espanhóis.

O P. Roque, tendo avisado os seus do perigo que corriam, avançou confiadamente como se ao certo soubesse que iam ser otimamente recebidos, e chegando ao primeiro acampamento ou toldo, declarou, por meio do intérprete, que viera unicamente para lhes dar conhecimento de Deus e estabelecer uma paz durável com os espanhóis.

O intérprete acrescentou por própria conta serem os padres protetores declarados da liberdade dos índios. Mas o morubixaba de quanto ouvia não se mostrava movido. Os dois jesuítas, longe de com isto se enfadarem, exprimiram a sua firme resolução de ficarem morando no toldo à discrição dos bárbaros, para lhes aprenderem a língua.

O idioma guaycurú era com efeito uma das primeiras e não a menor das dificuldades queurgia vencer. Ao cair da noite costumavam os missionários assentar num canhenho os vocábulos aprendidos durante o dia, para mais facilmente os poderem recordar. Ora os índios desconfiaram do cuidado com que os viam tomar notas durante a palestra com o intérprete, e imaginaram que levantavam uma carta do país. Já estavam decididos a matá-los, quando o P. Roque, que algo suspeitava, lembrou-se de ler publicamente o que escrevera. Ouvindo que se tratava dum resumo da doutrina cristã, até os mais exaltados aquietaram e o chefe parecia impressionado pela simples leitura dos artigos da fé.

Quando ao cabo dum mês julgavam ter granjeado a confiança geral, trataram de transferir a aldeia móvel para mais perto de Assunção, onde o P. Roque fundou uma povoação fixa, assegurando-lhes que nada tinham que temer da parte dos espanhóis. A tudo se prestaram os índios, ávidos que eram de quanto lhes quebrasse a monotonia do viver quotidiano.

Correu, porém, a transmigração grave risco, ao divulgar-se que morrera um indígena às mãos dum espanhol. O que salvou a vida aos missionários foi patentear-se em breve a falsidade da notícia e inteirarem-se os índios de que gostavam os espanhóis de lançar tais boatos. Além disto, quando ouviu o tuxava que por ordem do governador foram presos os noveleiros, arraigou-se-lhe mais no espírito o intento de viver em paz com os europeus.

O primeiro ano passaram os missionários entre privações incríveis. Era o alimento, à exceção dos animais peçonhentos, o comum dos índios; a água péssima e escassa, a casinha estreitíssima, armada com esteiras e, portanto, acessível a tigres e cobras venenosas. Para remedarem a falta de víveres, tentaram os missionários aprovisionar-se por si mesmos. Mas em vão. Lavraram um campo e fizeram sua sementeira de trigo e milho, mas o trabalho da colheita pouparam-lhes os guaycurús, devorando os grãos antes de sazoados.

Respiravam um ar corrompido pela exalação pestífera dos pantanais e o cheiro insuportável do óleo rançoso de peixe com que os índios untavam o corpo. O que porém mais que tudo mortificava os servos de Deus eram os costumes da gentildade, os ritos de superstição, as noites de embriaguez com vozeria desconcertada e toda a imprudência da lascívia.

Foi só pouco a pouco que conseguiram reprimir tais abusos. Explicavam com assiduidade a doutrina, sobretudo aos meninos, tendo muita vez que suprir um sinal ou gesto a palavra que não acudia. Mas tudo era falar a surdos e malhar em ferro frio. Veio-lhes então o céu em auxílio. Declarou-se naquela comarca a peste que, vitimando os corpos, a muitas almas foi ocasião de salvação.

Os dois padres repartiram entre si o imenso trabalho. Médicos improvisados, sangravam os doentes, e enfermeiros solícitos, proviam-nos de comida e lenha e até chegavam a dar a própria roupa para os cobrir. Caridade tão heroica moveu enfim muitos corações e cinquenta adultos, vendo-se às portas da morte, pediram o batismo. Receberam este sacramento igualmente não poucos meninos moribundos e já anteriormente um filho de um tuxava.

Trabalhando desta sorte por pouco menos de dois anos numa missão que com tão escasso fruto respondia a sacrifícios de toda a sorte, preludiou o P. Roque às empresas gloriosas que depois empreenderia.

IV

Pacificação dos guaycurús

Neste tempo, em 1611⁸ chegara o visitador régio D. Francisco de Alfaro, trazendo as célebres ordenanças reais, que, entre outras disposições, libertavam os índios em todas as províncias da servidão pessoal. Tinha porém o magistrado ordem de regular tudo de forma que não fossem prejudicados os espanhóis em seus interesses, que consideravam direitos.

Opondo-lhe ao princípio os colonos tenaz resistência, resignaram-se enfim a pagarem salário aos índios por onze meses, havendo um de trabalho gratuito, prazo que o rei ampliou ao depois a dois meses. Mas paulatinamente voltou tudo ao antigo estado, que se prolongou, como diz Southey, até a época da independência, a qual veio enfim trazer a liberdade a uma colônia pela metade escravizada.

8. *Guevara, Anales VI*, p. 2 e p. 158.

Voltando porém à viagem de visitação, encontrara o comissário régio em Córdoba o provincial dos jesuítas e o governador do Paraguai, os quais o acompanharam até Assunção. Já se iam acercando da cidade, quando lhes saiu ao encontro um grande barco adornado de folhagem e flores em que vinha o filho do morubixaba guaycurú em cujo toldo se hospedara o P. Roque. O chefe influente mandara o filho dar as boas-vindas ao ilustre hóspede e pedir-lhe a permissão de ir em pessoa apresentar-lhe os cumprimentos pela chegada e as homenagens de súdito.

Tão galhardamente desempenhou o jovem índio a missão de que vinha incumbido, que encantou a todos a graça nativa das palavras e a distinção ingênita das maneiras.

Em testemunho da inteira fé que Alfaro dava aos protestos de fidelidade, passou com os companheiros para o barco dos indígenas. Nisto sobreveio o velho chefe, acompanhado do P. Roque e numerosa comitiva. Trazia consigo mais um filho, pedindo ao padre provincial que lho batizasse. Fê-lo o P. Torres, servindo de padrinhos Alfaro e o governador.

Rogou a estes seus compadres o guaycurú que insistissem com o mesmo padre não lhes tirasse o P. Roque. Claro é que pedido tão bem apadrinhado não deixaria de ser recebido com agrado, contudo declarou o superior providente que só poderia atendê-lo se os trabalhos apostólicos do missionário não continuassem tão infrutíferos como até então.

Declarou em seguida o visitador régio que tanto guaranis como guaycurús, sendo de ora em diante súditos imediatos do rei, não poderiam ser dados em comenda, mas entregues aos cuidados da Companhia de Jesus, haviam de instruir-se na religião, manter-se na obediência ao soberano e adquirir a civilização cristã. E, dirigindo-se ao provincial, comunicou-lhe que os missionários empregados nesta tarefa receberiam da caixa regia a congrua dos párocos no Peru. Respondeu o P. Torres que a quarta parte bastaria para religiosos a quem o voto da pobreza lembrava o dever de reduzir as suas despesas. Belas palavras, que por si só bastam para refutar a opinião tão frequente que o intento dos jesuítas, ao se encarregarem das missões, era o de enriquecerem a ordem.

Seguindo viagem, chegou Alfaro a Assunção, onde publicou as ordenações régias. Mal se ausentara, porém, quando o povo, atribuindo a autoria moral dos novos decretos aos jesuítas de tal modo os guerreou que julgaram conveniente retirar-se da cidade. Talvez se agravasse a situação, se um cidadão dos mais respeitados não desse raro exemplo de desprendimento e obediência. Com todos os índios de suas comandas apresentou-se ao governador, declarando que antes queria ser pobre do que viver à custa da liberdade alheia. Tão nobre ação não podia deixar de influir na disposição do povo que não só se aquietou, mas também convidou os jesuítas a voltar... Porém o fermento do descontentamento continuou a lavar, diz Southey, e criando estava um espírito de partido, que nunca mais se extinguiu.“

Se a sorte das ordenanças patenteia a fraqueza do governo espanhol na administração colonial, contudo põe ela em relevo o espírito de caridade que as inspirara, contrastando vivamente com o sistema de extermínio adotado na América do Norte.

V

O P. Roque no Paraná

O batismo do jovem guaycurú, que relatamos no capítulo precedente, despertara esperanças, que infelizmente não se realizaram. Mas ao menos conseguira o P. Roque o que tanto desejavam em Assunção, a pacificação dos guaycurús. Os superiores deram-lhe, portanto, ordem de dirigir-se para Ignacio-Guaçú, doze léguas distante da margem esquerda do rio Paranapanema, no atual Estado do Paraná, redução fundada pelo P. Lorenzana em 1610.

Logo ao chegar em 1612⁹ achou o P. Roque a povoação assolada por dois flagelos. Sobre fome devida à má colheita, grassava a varíola. Felizmente foi abundante a novidade do ano e também o estado sanitário melhorou. Notando, porém, que os galpões dos índios em dias de chuva mal lhes davam abrigo, vencendo toda a oposição, mandou transferir a aldeia para local mais cômodo e arejado.

9. Guevara, *Anales* VI, p. 124.

Traçou a planta da nova povoação, dividindo-a em nove quadras, uma para a praça, as outras cada qual com seis edifícios de cem pés de frente, contando cinco habitações para as famílias, que ordenava morassem sobre si. Desta forma foi o P. Roque autor da planta que, ao depois, foi seguida em todos os povos jesuíticos.

Mas onde se esmerou o mais que pode, foi na construção da igreja, cujo esboço trazia ideado. Fez cortar nas brenhas uns setecentos esteios de mais de quarenta pés de comprimento o dois de largo, fálquejá-los e, depois de esquadriados, arrastá-los com juntas de bois ao local da obra. Sem mais conhecimentos da arte, além dos que lhe inspirava o zelo da glória de Deus, era o P. Roque arquiteto, carpinteiro e pedreiro. O P. Francisco de Valle, seu companheiro, de gênio alegre e faceto, no-lo pinta em plena faina numa carta dirigida ao provincial: “O P. Roque por sua caridade é superior a tudo, agora está feito um Salomão, não pensando senão na obra da igreja: é um rei de Tyro, cortando madeiras e conduzindo-as com sumo trabalho: mas não para nisto, porque ele em pessoa é o fac-totum e exerce todos os ofícios, até o de carreteiro, juntando os bois. Contudo não se descuidou de ensinar aos índios a cultura de algodão.”

Causava pasmo aos vizinhos a beleza da nova povoação, que em breve aumentou consideravelmente, pois, atraídos pelas comodidades que oferecia, muitos dos visitantes pediam serem alistados entre os catecúmenos.

Da grande perícia com que dirigia o P. Roque a administração interna, dá-nos ideia o fato de ter sido ele o primeiro que introduziu o castigo corporal no regimento das aldeias, como refere o P. Guevara para o ano de 1613.

Passado o período da fundação, metade de 1614, empregou o zeloso missionário as horas de lazer em diversas traduções para a língua guarani, em que era sobremodo versado. Falaremos mais adiante desta sua atividade.

No meio do afã e fadigas da fundação, o P. Roque não descuidava nem os exercícios espirituais nem a cura d'almas dos seus guaranis, conforme ele mesmo relata numa carta ao provincial. P. Torres: “Quanto ao espiritual, escreve ele, por mais ocupações que temos tido, nunca faltamos aos nossos exercícios espirituais e seu método, e no que toca às almas de nossos filhos, temos exercido todas as obras de

caridade, que pudemos; porque entre esses pobres índios necessariamente se exercem todas; e os que estão entre eles, não só têm de ser pais da sua alma, mas também têm de cuidar de seu corpo, não esperando retribuição humana senão a celestial glória, que não fenece e que única procuramos. Faço-lhes prática cada domingo e festas que guardam, ensinando-lhes a doutrina antes de ouvirem missa; enterramos e dizemos missas pelos defuntos; visitamos e curamos os enfermos; ensinamos os meninos e as meninas. Os meninos de escola são cento e cinquenta e outras tantas meninas, senão mais; todos esses aparecem cada tarde na igreja, separados os rapazes das raparigas, rezando duas horas e assim sabem muito bem as orações e o catecismo e muitos ajudam a missa e agora com a vinda de V. R. começaremos a ensinar-lhes a ler, escrever e contar. Enquanto os meninos estão rezando essas duas horas, acompanham-nos os catecúmenos e depois de saberem os meninos, ficam os catecúmenos mais uma hora para serem instruídos e catequizados para o batismo.“

Não só da grei, mas de cada ovelha cuidava este bom pastor. Abundando as cobras venenosas, foram em um ano mordidas não menos de doze pessoas; um índio ficou a seis léguas de distância da redução completamente paralisado, de sorte que seus companheiros não puderam trazê-lo e resolveram deixá-lo no mato e só depois de dois ou três dias avisaram o P. Roque. “Logo parti, escreve na citada carta, com toda a pressa possível para vê-lo, ainda que sem esperança de encontrá-lo vivo, porque seus companheiros disseram que a víbora que o tinha mordido, era muito venenosa e além disso havia muitos tigres que o podiam ter devorado; apesar de tudo eu resolvi ir vê-lo, ainda que com o dito receio de não encontrá-lo mais em vida. Chegando ao lugar onde o tinham deixado, duplicou-se-me a pena e receio, porque vi na vizinhança muitos corvos que, pensava, se teriam cevado no corpo morto; cheguei e achei-o estendido no chão, nu e cheio de cinza, com que nas ânsias do sofrimento se tinha manchado; pois os companheiros lhe tinham acendido uma pequena fogueira ao retirar-se; a boca e o nariz estavam cheios de cinza e capim. Vi que se não mexia e, chamando-o, não respondia: tive-o por morto, ainda que o coração me dissesse que não o estava; mandei vir água, lavei-lhe a boca, o nariz e os olhos que tinha cerrados de sangue que o veneno fizera brotar. Pareceu-me que olhava para mim; e ele começou a respirar e, assim

que abriu os olhos e me reconheceu, animou-se tanto que parecia ter visto um anjo do céu; disse-me que queria confessar-se; fê-lo muito bem e apenas acabei de dar-lhe a absolvição, deu sua alma ao Senhor e eu fiquei com a maior consolação que jamais me parece tenho tido em minha vida, por testemunhar caso tão singular da providência de N. Senhor para com as suas criaturas. Enterrei-o com o auxílio dos índios que levava e coloquei uma cruz sobre o seu túmulo e voltei muito contente para a redução.“

Releve o leitor essa citação algo extensa e circunstanciada; pois nada caracteriza melhor o belo e apostólico coração do P. Roque González.

No fim da sua extensa carta, depois de exprimir sua satisfação pela docilidade dos índios de S. Ignacio, narra como acodem regularmente à missa dos domingos e festas que celebram com muito prazer, mas particularmente a do padroeiro da igreja e da redução que é Santo Ignacio ao qual têm muita devoção; gabam-se de tê-lo por orago, chamando-se com inocente desvanecimento os do povo de S. Ignacio.

Para a festa preparavam-se muitos dias, levantando arcos na praça, onde havia de passar a procissão. Saíam na véspera a cavalo e à noite faziam grande iluminação e estrepitoso alarido com flautas, campainhas, tambores e trombetas; e todos a uma chamavam por S. Ignacio, parecendo estarem fora de si de contentes. Mas o que levou o regozijo ao auge foi verem subir uns foguetes, coisa inteiramente nova para eles. Desta forma passaram toda a noite em claro, ultimando os preparativos.

No dia da festa apinhou-se a igreja de gente, de sorte que muitos tiveram que ficar fora. Depois da missa cantada começaram as danças apropriadas. Muito agradaram uns rapazes pintados e adeçados com gosto, que vieram em nome dos tuxavas principais do povo com seus presentes de papagaios, perdizes, porcos, tatus e outros animais para ofertá-los ao Santo. “Direi, continua o P. Roque, o que disse o primeiro menino ao Santo. Vinha em nome do morubixaba principal que se chama Diogo Anhagara que quer dizer — dia do diabo; tomando, pois, o menino a etimologia deste nome, disse ao Santo que vinha em nome de Diogo Anhagara para dar-lhe as graças do que por sua intercessão havia recebido, tendo-lhe por intermédio de seus filhos amanhecido o dia de Deus, a ele e a seus súditos, passado já o dia do diabo, que ele era antes da sua conversão.

Depois seguiram os outros meninos, observando a mesma ordem nos seus presentes e ditos segundo os nomes dos tuxavas. Acabada essa cerimônia, saiu a procissão em boa ordem, indo um andor ricamente enfeitado e nele a preciosa relíquia com V. R. os mimoseou e ao pé da relíquia uma bela imagem de N. Santo Padre, propriedade da redução. Levaram o andor quatro tuxavas com suas camisas grandes que lhes emprestais para a festa. O prestito passou por baixo do arcos muito bem adornados e vistosos pela variedade de frutos e animais - caça que os rodeavam, tendo-se esmerado os índios em levar vantagem uns aos outros.

VI

Fundação de Itapuã

Os neófitos de S. Ignacio viviam em contínuo sobressalto, por causa dos selvagens indômitos do Paraná inferior, os quais também obrigavam a levar forte escolta a quem vinha de Tucumán.

Tamanho era o ódio que votavam aos cristãos que parecia ser obra de índios apóstatas e transfugas das missões. Já o P. Lorenzana tentara travar relações com inimigo tão feroz, mas a honra de anunciar-lhes o evangelho estava reservada ao nosso heroico desprezador de perigos e mestre exímio no trato com os indígenas. Levando por única arma uma cruz e um quadro da Virgem intitulado “A Conquistadora”, empreendeu a conquista espiritual daquela região em que as armas espanholas debalde procuraram penetrar.

Em dois de janeiro de 1615 pôs-se a caminho que o levou por um terreno pantanoso e quase intransitável até que se pode embarcar em canoa que o conduziu à lagoa de Apupe, chamada de S. Anna pelos conquistadores, a mesma que hoje é conhecida pelo nome de Iberá. Chegaram uns índios dos arredores, convidando o missionário para que lhes designasse um local onde construíssem uma povoação. Como anteriormente lhes tinham pregado o evangelho padres franciscanos, mas que não os tinham mais visitado, seja pelos contínuos ataques dos

índios paranás, seja por outros trabalhos de maior importância, parecia conveniente primeiro entender-se com eles. Baixou, pois, à cidade de Corrientes e combinaram os padres franciscanos que, se no prazo de seis meses não enviassem missionários de sua ordem, poderia tomar posse em nome da Companhia.

Satisfeito com a resposta voltou à lagoa e consolou seus habitantes, dando-lhes a palavra que em pouco tempo veriam cumpridos os seus desejos.

A posição deste sítio parecia ao P. Roque tão favorável para as expedições apostólicas, que o considerava como chave de toda a bacia do rio Paraná e, caso seus planos malograssem, tencionava fazer da futura povoação o seu refúgio. Ainda não tinha passado o mês de janeiro quando partiu Paraná acima e tendo subido quarenta léguas, não tardaram os índios a tolher-lhe o passo num estreito guarnecido de numerosas ilhas. Estavam pintados como para a guerra e brandiam seus arcos, macanás e lanças. O morubixaba, dirigindo-lhe a palavra, perguntou como ousara entrar sem armas numa terra por onde nem os exércitos espanhóis conseguiram passar, pagando sempre a ousadia com a morte quem se atrevera a devassar aquela região. Se vinha para pregar um novo deus, soubesse que ele, o morubixaba, era senhor absoluto de quanto via.

Nem o aparato bélico de tanta gente, nem as bravatas do chefe atemorizaram o P. Roque, que, cheio de zelo, declarou haver um só Deus e senhor do céu e da terra, acrescentando que o missionário não temia quantas armas traziam e bem as dispensava para si quem vinha para lhes fazer bem, tornando-os filhos de Deus pelo batismo. Tanta placidez havia no rosto e persuasão tão santa nas palavras, que os selvagens, esquecidos do seu natural indômito, lhe deram livre passagem, e alguns até lhe pediram a graça de os fazer cristãos. Mais adiante teve que vencer igual resistência e enfim encontrou, num sítio chamado Itapuã, a quatro tuxavas com número considerável de súditos. Também ali triunfou a santa intrepidez do missionário, que, achando o local aptíssimo para uma redução, erigiu uma grande cruz.

Desejando, porém, dar o mais cedo possível notícia de sua próxima viagem às autoridades seculares e eclesiásticas, apressou-se a voltar para Assunção, onde também esperava receber quanto necessitava para a nova fundação.

Mal os índios souberam de seu regresso, levantados por um apóstata, declararam guerra aos tuxavas de Itapuã, por terem hospedado o estrangeiro, e marchando sobre eles, tentaram derrubar a cruz há pouco arvorada. Mas os itapuanos, cercando-a em derredor, defenderam-na, apesar de pouco numerosos, com tal denodo e felicidade que, não perdendo um só homem, puseram em fuga os agressores. (Vide ns. I e II).

Por morte de D. Diego Martin Negrón, em 1615, veio a governar interinamente a província do Paraguai, o irmão do P. Roque, D. Francisco González de S. Cruz. Desejando aumentar o lustre de sua casa, decidiu-se a sujeitar aquela região do Paraná ao domínio espanhol. Após larga conferência com o irmão, o autorizou a fundar quatro povos nas margens dos rios Paraná e Uruguai, a levantar capelas e até a prover os cargos de administração civil. O provincial, além dos vasos sagrados, forneceu a ferramenta necessária.

A pequena caravana, voltando, chegou na véspera da festa da Anunciação de 1615 sã e salva a Itapuã¹⁰ onde fica a hodierna Villa Incarnación em frente a Posadas, capital das Missões Argentinas. O P. Roque que ouvira da boca dos Itapuanos o que tinha acontecido, louvou-lhes o valor e o respeito com que na sua ausência tinham defendido a santa cruz. No dia seguinte consagrado à encarnação do Verbo divino (dia particularmente memorável para o padre como aniversário da sua primeira missa) celebrou em uma pobre choupana o incruento sacrifício que ofereceu pela conversão dos seus Itapuanos. As circunstâncias do dia e de sua devoção ao mistério determinaram-no a consagrar a nova povoação a N. Senhora da Incarnação de Itapuã. Deram-lhe os tuxavas uma casa de taipa que também serviria de capela interina. Correu ele as imediações e mandou emissários para mais longe, convidando os índios a virem residir em Itapuã. Desde já conseguiu reunir número regular. Quando no fim do ano chegou o P. Boroa, marcaram o terreno para o novo povo, e iniciaram-se todos os trabalhos que já descrevemos nas transmigrações de S. Ignácio, como sejam derruba, fálquejo e carretagem de madeira, transporte não raro braçal dos outros materiais, principalmente barro e palha para a edificação

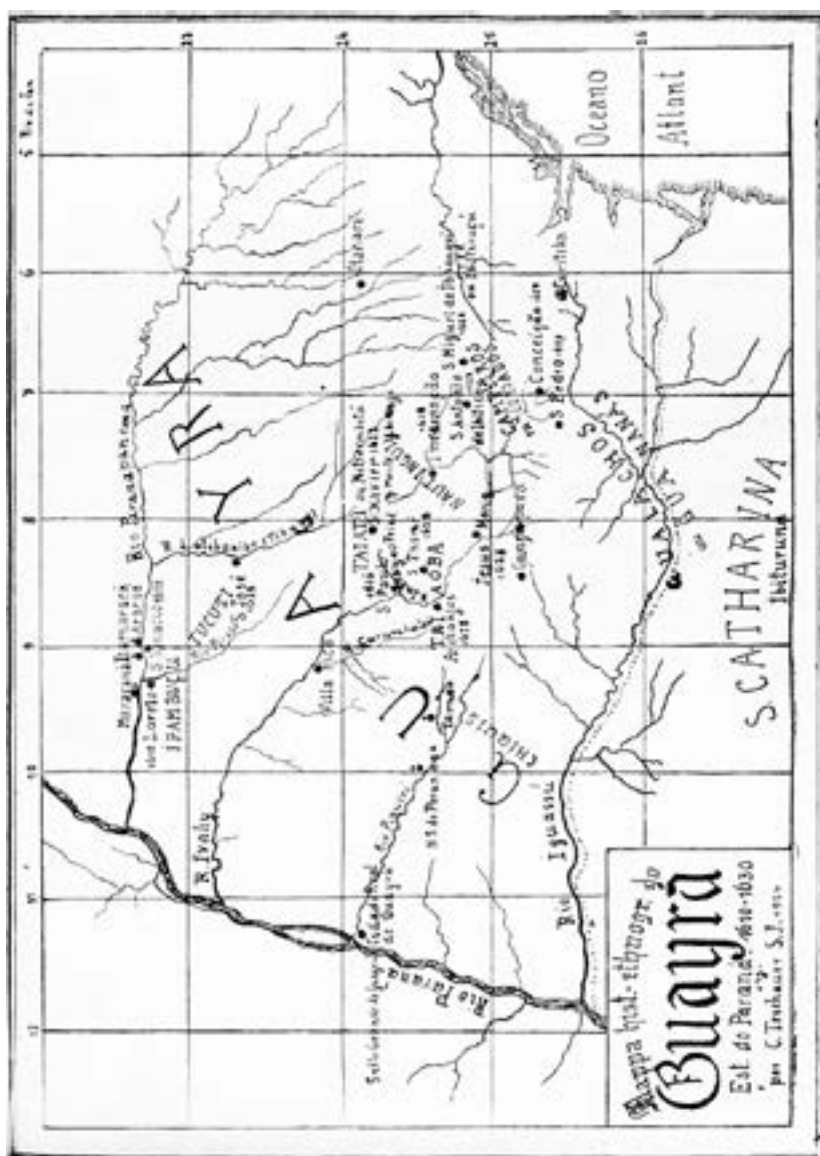
10. Informe del P. Provincial Manuel Querini al Rey D. Fernando VI, sobre el estado de la provincia dei Paraguay en 1750. — Tanto Gay, Rep. Jesuit. cap. 20, art. 1.º, como Moussy, Descript de a Conf. Argentine, III. p. 662, reproduzindo ambos o erro de Azara Descripción e Hist. del Paraguay, c. 13, p. 357) fazem fundar a redução de Itapuã em 1614.

das primeiras casas e do templo, granjeando nisto a coadjuvação dos índios mais pelo exemplo que por palavras. E sobre tanta fadiga havia falta do mais necessário; o alimento ordinário eram cardos ensossos e farinha de pau, como denominam os espanhóis a que nós chamamos de mandioca. Para acrescentar e variar lista tão breve, juntaram umas ervas, de que viam comer os papagaios, o que induziu os índios a alcunhá-los com o nome destes trepadores.

Acabado o templo, a ele se trasladou o quadro de N. Sr^a. a Conquistadora. Certamente iam quebrando o poder do inimigo de todo o bem os santos mistérios do nosso culto, que agora se celebravam com mais regularidade; mas tais e tantas eram ainda as adversidades que parece milagre não terem sucumbido os missionários.

O fruto de tão heroica paciência não se fez esperar. Mais de seis mil pessoas chegaram a batizar-se, número muito superior ao de outras reduções.

Que as “fábulas jesuíticas” tinham curso já muito cedo também na América do Sul e até entre os selvagens, é fato que a história por vezes atesta. Assim agora os índios jarós espalhavam contra os missionários que escondiam entre seus livros e papéis um veneno muito enérgico de que em certas ocasiões lançassem mão com êxito seguro. Não tendo ideia o P. Boroa de tal balela que corria e querendo explicar a dois índios vindos de fora um mistério de nossa fé com maior clareza, tomou seu livro em que tinha algumas estampas. Começou a olhá-las e os índios a fugir; chegou-se mais perto e eles recuaram medrosos; chamou-os, mas debalde, debandando com assombro dos ademanes carinhosos do padre: retiravam-se do suposto veneno. Só pouco a pouco desimpresionaram-se da dita invenção dos jarós.



Mapa histórico-etnográfico do Guairá (1610—1630), organizado por C. Teschauer S. J.

VII

Fundação de S. Anna — Visita do governador

Passados mais de seis meses e não tendo aparecido missionário algum na lagoa de Apupe ou S. Anna, resolveu o P. Roque, segundo a combinação, fundar aqui nova redução na segunda metade do ano de 1615. Entregando pois Itapuã, cuja fundação se podia considerar acabada, aos cuidados do P. Boroa, atravessou, seguindo o curso do rio, as trinta léguas que o separavam da lagoa, com mais ousadia que segurança: pois eram habitadas por índios ferocíssimos, aos quais contudo chegou a pregar o evangelho. Os apupenses receberam-no com os braços abertos como a um anjo do céu e por certo o era daquela terra que ia conciliar com o céu, estando convencidos que podia livrá-los de toda a sorte de vexações a que andavam expostos.

Reuniram-se os dispersos no sítio que lhes designara o padre, construíram-lhe casa e capela, lavraram uma roça comum e trabalharam com tão desusada atividade que ao cabo de quatro meses contava a nova povoação seiscentos vizinhos.

Chegou neste comenos a notícia da reeleição de Hernandárias e julgou o P. Roque ser de grande utilidade conferenciar com homem tão bem-intencionado sobre a grande obra que trazia entre mãos.

O excelente estadista havia pouco lhe desposara a irmã, esperando talvez encontrar nele mais decidido apoio para o plano predileto da sujeição do Paraná ao domínio espanhol. Dissuadiu-lhe, porém, o padre o intento por inoportuno, ponderando não estarem os índios suficientemente preparados, antes andarem desconfiados por uma balela de serem os missionários espias dos espanhóis e bem poderia a precipitação deitar a perder completamente o que circunspeção, paciência e tempo haviam de alcançar; enfim não faltava por outra parte vasto campo para o zelo e talento administrativo. Hernandárias, porém, obstinou-se em que tudo se preparasse para recebê-lo a ele e mais um destacamento de cinquenta espanhóis. Cumpriram-se ordens tão formais. Chegados a Itapuã, saudaram os soldados a cruz com salva de arcabuzes e honras militares e entrou o governador pela aldeia e templo, que tinham adornado, quanto a pobreza o permitia. Refere Techo que Hernandárias dirigiu aos companheiros as seguintes

palavras: “De joelhos demos graças ao Senhor, pois ao poder da sua cruz é que devemos pisar hoje esta terra, que a espada e a valentia espanhola não conseguiram conquistar em muitos anos.” (Livro V, cap. 6). Agradecendo em seguida aos missionários o zelo, os felicitou pelo resultado obtido; aos índios, porém, exortou ao respeito e obediência, dando ele próprio, como já em outra ocasião referimos, o exemplo de humilde deferência.

Mas, entretanto, já se iam realizando as apreensões do experimentado P. Roque; pois os índios da outra banda do rio, descontentes da visita governamental, tomaram atitude hostil, o que obrigou Hernandárias a retirar-se no mesmo dia que chegara, pretextando urgência de voltar para Assumpção¹¹. Trezentos índios, porém, lhe tinham armado uma espera e o teriam atacado, se não interpusse o P. Roque toda a autoridade. O governador, esperando ainda granjear as boas graças do chefe índio, lhe ofereceu, em nome do rei católico, um bastão como insígnia de comando, com que lhe conferia a autoridade de chefe supremo em terras do Paraná. Desdenhosa foi a resposta do régulo: “Até agora, retrucou, exerci esta supremacia sem aquele pau; portanto não lhe vejo, para o futuro, serventia alguma.”

A visita, se merece este nome a estada tão rápida como tímida do governador, ainda anos depois deu ensejo a um pleito renhido entre a cidade de Assunção e os padres da Companhia. Pretendiam os moradores desta cidade o domínio sobre os Itapuanos pelo título de conquistadores de Itapuã. Negaram os padres como insubsistente a razão alegada e os de Assunção a provavam com a visita do governador Hernandárias, a que qualificavam de conquista, pretendendo que entrar e ver índios já reduzidos era o mesmo que conquistar rebeldes.

Correu o pleito as vias ordinárias e diversas instâncias, mas o supremo tribunal decidiu em favor dos índios.

Quando o governador chegou a Apupe, tinham por fim voltado os franciscanos, que fizeram valer o seu direito de prioridade, acrescentando que tencionavam transferir os habitantes para uma aldeia próxima, a qual faltavam moradores. Consentiu o P. Roque, pois a Companhia de Jesus tinha a cultivar campo vastíssimo.

11. Veio, viu e saiu de Itapuã o mesmo dia de sua chegada: veio temeroso, viu admirado e saiu receando um ataque daqueles mansos cordeiros. Que não temeria quando eram bravos leões? pergunta Guevara. Hist. do Paraguay. Anot. VI p. 193. — A nota de Groussac, sobre descabida aqui, não resiste à crítica.

De volta de S. Anna fundou o P. Roque em 1616 outra redução na região denominada Jaguapua quatro léguas distante de Itapuã, donde a visitavam os missionários, enquanto nela não estabeleceram residência. Eram essas duas povoações uns como postos avançados que ligavam a capital da colônia como o Paraná. Deste modo penetrando as brenhas milenárias, o P. Roque abriu caminho à civilização, intento que as armas espanholas, mui longe de o conseguir, nem sequer tinham ousado por espaço de mais de um século.

VIII

Expedição ao Alto Paraná

Em princípios de 1617 o novo provincial, P. Onate encarregou o P. Roque duma expedição Paraná acima, recomendando-lhe que explorasse as ribanceiras com o duplo intuito de achar os sítios mais aptos para novas fundações — questão sempre tida em conta de importantíssima — e de indagar simultaneamente a índole e disposição das tribos indígenas. Nenhum europeu lá chegara e os próprios neófitos tal medo tinham aos habitantes daquela região, que recusaram terminantemente acompanhar o intrépido explorador sacro. Porque, diziam, com tanta pressa nos queres levar para o açougue? Aonde vais com os olhos fechados? Sejam teus guias os que desejam ver-te morrer; pois nós, que te amamos, jamais tocamos nos remos nem te damos viveres nem embarcações. É a perfídia dos pajés, a perversidade dos apóstatas e o ódio que os índios guardam aos europeus que nos impedem de acompanhar-te. Não se devem qualificar de desobedientes aqueles súditos que, não obedecendo a seus donos, têm em mira o bem destes?

Porém o P. Roque respondeu resolutamente que levaria a cabo seus intentos, sem temor da morte que lhe era bem-vinda por Cristo.

Viu-se, pois, obrigado a dirigir-se às aldeias administradas pelos franciscanos. Mas os índios que, atraídos por grandes promessas, anuíram, logo desanimaram com o que ouviram aos Itapuanos.

Nesta situação embaraçosa ofereceu-se um recurso donde me-
nos se esperava; apresentou-se contra toda a expectativa Arezipandú,
tuxava de Santo Ignacio. Este índio outrora o guia dos missionários,
o maior zelador da fé na redução e cristão modelo deixara-se seduzir
pelo influente tuxava Tabacambi, conjurando-se com ele para a ruína
da florescente cristandade. Mas ainda a tempo caíra em si o apóstata
e pedira humildemente perdão, estando agora resolvido a ressarcir e
compensar a infâmia da sua apostasia por esta ação heroica. Animado
pelo P. Boroa, viera com doze dos seus pôr-se à disposição do P. Ro-
que, afrontando a morte em prol da propagação da fé — resolução he-
roica que moveu a doze moradores de Itapuã a seguir-lhe o exemplo.
Com tão diminuta comitiva empreendeu a exploração, como no-lo
atesta numa carta ao P. Valle.

Apenas tinham vencido umas dez léguas, soou alarido bélico,
ouviu-se o som de buzinas e viram-se subir colunas de fumaça, sinais
que todos sabiam ser de alarme. Sucederam as peripécias já por vezes
descritas: grande tropel de índios chefiados por vários tuxavas, a pas-
sagem do rio tomada por chusmas de selvagens pintados e armados
para guerra e todo o arsenal de armas indígenas, brandidas por entre
uivos de ameaça. Quando os companheiros do padre a primeira vez
toparam com tão temeroso aparato, faltou-lhes o esforço, a ponto de
exigirem pronto regresso.

Animava-os o P. Roque González, dizendo: “Se Deus estiver
conosco, quem será contra nós? Faça-se a sua santíssima vontade, po-
rém confio que nos há de salvar, favor que cumpre peçais com preces
fervorosas.” Apenas o chefe índio, depois de ouvido o fim da empresa,
intimara aos viajantes que voltassem, afoitamente respondeu o padre
que não viera para ceder ao primeiro obstáculo, tinha de executar or-
dem superior e, como ministro de Deus, havia de cumprir com o de-
ver sagrado. Interveio o sobrinho do morubixaba e, receando o velho
Arepizandú alguma violência, com ares de quem manda, rogou venia
de passar, porque o padre era o grande benfeitor dos índios, que entre
eles nunca ofendera a quem quer que fosse. De fato puderam seguir
avante, mas não tardaram a encontrar outros selvagens capitaneados
por três apóstatas, os quais saíram ao encontro do missionário, dando
declaração categórica que dispensavam ouvir o antigo estribilho que
lhes vinha salvar as almas, sendo que não pretendia na realidade senão

entregá-los aos espanhóis. Enchendo-se de santa indignação, respondeu o P. Roque com a explicação dos principais mistérios da fé, com que conseguiu apaziguar algum tanto os índios.

Prosseguiu o padre sua navegação rio acima. As águas lhe franquearam o passo, mas as ondas dos gentios, diz Guevara, que das margens o ameaçavam com feros esgares, prosavam por a pique ou destroçar-lhe a embarcação. Tabacambi, morubixaba poderoso de um povo ribeirinho a que impôs seu nome, convocou duzentos guerreiros e enviou-lhe um sobrinho ao qual instruíra na arte de enganar. Para ganhar tempo e não deixar fugir a quem já considerava presa sua, ordenou-lhe detivesse o P. Roque com o pretexto de que não fora prevenido da sua vinda. Não escapou ao missionário a astúcia; porém opondo dissimulação à dissimulação, mandou dizer ao chefe índio que agradecia a atenciosa urbanidade - esperava as ordens de entrar. Efetivamente foram dadas quando Tabacambi tinha reunido sua milícia para a recepção. Colocou em duas alas seus guerreiros armados de arco e flechas e adornados com vistosas plumagens de avestruz, único enfeite admitido quer em festa quer em guerra; estendiam-se desde o povo até a margem do rio, deixando no meio uma larga comprida rua, onde havia de passar o padre, aos olhos dos selvagens já, sacrificado à paixão do chefe. Isto apareceu com seu distintivo particular, insígnias de sua majestade e domínio: uma camisa larga que lhe pendia dos ombros até os talões, uma espécie de diadema de plumas e por cetro um varapau comprido em que se apoiava. Passou do seu palácio ou antes tugúrio pelo meio de seus súditos até a margem do Paraná donde saiu o P. Roque; saudaram-se mutuamente, porém com intenções bem diferentes; o padre com a sinceridade de varão apostólico; Tabacambi, porém, com dissimulação, só esperando o momento próprio para dar o sinal de acometê-lo com bárbara ousadia.

Chegados à casa do morubixaba, começou este a pôr por obra seus dislates, proferindo frases bombásticas e ocas, de sentido, quando o missionário, revestindo-se de santa intrepidez, com autoridade e apostólica altivez interrompeu o loquaz orador mais ou menos assim: “A ti, Tabacambi convém ouvir-me como o ministro do Todo-poderoso, cujo embaixador eu sou, para te anunciar sua palavra que deves ouvir com reverência e executar com prontidão.” Estavam presentes os guerreiros de Tabacambi, sim armados, mas sem ânimo de manejar

as armas que empunhavam e admirados do santo arrojo do P. Roque, da resignação e paciência do seu chefe esperavam em vão o sinal combinado. Ninguém ousou interromper o missionário e quando concluía, declararam-se muitos em seu favor e suplicaram-lhe que os não desamparasse. Prometeu visitá-los; porém, por enquanto, disse, chamava-o o dever aos demais povos para anunciar-lhes a boa nova. Tabacambi e seu sobrinho quiseram opor-se a isso, porém o padre fê-los calar. Ninguém fez mais oposição; saiu do porto em demanda da terra de Acancurú, tão antigo apóstata como mau e pérfido cristão. “Confiando na proteção de Deus ousou o missionário entrar e se não conseguiu converter o chefe, este lhe franqueou a passagem rio acima. Mas vendo o P. Roque tão pouco dispostos os índios daquelas regiões, resolveu regressar convencido que, antes de pregar-lhes o evangelho, urgia ganhar-lhes a afeição com toda a sorte de benefícios.

Toda essa tão dificultosa como perigosa expedição efetuou-se em um mês, conseguindo em tão pouco tempo o glorioso apóstolo o que nenhum dos valorosos capitães, quantos se celebrizavam no Paraguai, alcançou em mais de sessenta anos. O impertérito missionário explorou o Alto Paraná e abriu-o à navegação desde Itapuã até os celebres saltos de Guaíra entre o 24° e 29° de latitude meridional.

Não sabemos o que admirar mais, se a santa intrepidez deste grande varão e o domínio que exercia sobre os selvagens, ou a rapidez com que venceu as distâncias e os inúmeros obstáculos, amparado pela proteção divina, que a tudo presidiu.

IX

Peste e outras provações

Grande foi a consolação do P. Valle que se achava em Itapuã, ao tornar o companheiro salvo de tamanhos perigos por quem tantas vezes oferecera o santo sacrifício da missa. Arepizandú e seus magnânimos amigos receberam os encômios tão justamente merecidos. Mas a ocasião não era para lestras. A fome dispersara os moradores pelas maltas e Itapuã estava deserta.

Ao que parece ainda não tinham os missionários a praxe, depois tão corrente, de abastecer os neófitos com viveres ou quem sabe, ainda não conheceriam o apetite ou antes a voracidade dos indígenas. Tornou à aldeia a maior parte dos habitantes, mas o alimento impróprio, a que os obrigara a fome originou um mal pestífero que atacou a muitos, entre eles ao P. Valle. Caíram em peso sobre o P. Roque os trabalhos, que já por duas vezes experimentara e de que tornou a dar conta com sua saúde férrea e paciência invencível.

Teve a satisfação de abrir a muitos moribundos a porta do céu pelo batismo. Aproveitando esta circunstância, os pajés ou feiticeiros divulgaram entre aquela gente simples que o batismo dava morte certa. Acharam fé entre alguns neófitos. Uma mãe lavou por diversas vezes seu filho batizado, como para tirar-lhe uma mancha daninha. Outra índia opôs-se com tanta veemência, que descarregou contra o P. Roque uma paulada, que não acertou. Um índio por igual motivo arrojou-se a ele e telo-ia deixado em estado lastimável, se não fosse socorrido por outro. Os pagãos odiavam aos missionários e lhes proibiam de entrar nos seus toldos. Finalmente refugiarão-se com seus filhos às mais densas e emaranhadas brenhas. Porém não desanimou o homem de Deus, envidando antes todo o esforço de sua energia e caridade.

Qual pai que não teme as ameaças dum filho que enlouqueceu, desprezava todos os perigos, corria as povoações, cruzava os campos, penetrava os matos e, aonde não podia chegar em pessoa, mandava neófitos zelosos, convidando os fugitivos a voltar e inculcando-lhes a necessidade do batismo. Triunfou o incansável desvelo; todos os moribundos, com exceção de vinte obstinados, se fizeram batizar.

Um catecúmeno, que andava longe da aldeia, sentindo-se atacado do mal, embarcou, sentando-se o cavaleiro sobre um tronco que rolara para o rio. Ao chegar a Itapuã, foi avistado e levado à presença do padre. Pouco depois de batizado, expirou o neófito fervoroso.

Mal se restabelecera o P. Valle, navegou o P. Roque rio abaixo, devassando ribanceiras e ilhas na extensão de setenta léguas, onde conseguiu batizar a muitos.

A epidemia grassou também na região do Paraná, donde ele tivera que regressar pouco antes, e a mortalidade foi grande, acrescenta o P. Techo.

X

Início das missões no Rio Grande do Sul

Já relatamos as tentativas infrutíferas de Ortiz de Zarate na segunda metade do 16.º e de Hernandárias em inícios do século seguinte, para sujeitar à dominação espanhola as terras ao longo do Uruguai. O triunfo que debalde intentaram as armas, havia de alcançá-lo a cruz, e os primeiros louros regados do próprio sangue colheria quem sempre a levava na mão e lhe trazia a invocação com feliz prognóstico no apelido.

A fama das florescentes reduções sobre o Paraná penetrara até a região na margem oriental do Uruguai. Desejosos de se convencerem com os próprios olhos da verdade do que ouviam dizer, chegaram a Itapuã alguns índios da banda oriental, pretextando comerciar com os reduzidos e conhecer os missionários. Acolheu-os o P. Roque o melhor que pode e, vendo a boa impressão que de tudo recebiam, entrou a pensar em estender o sistema das reduções à pátria daqueles hóspedes curiosos. Diminuto era o número dos missionários, mas o provincial, reconhecendo a alta importância de se abrirem tão vastas regiões à pregação do evangelho, consentiu em que fosse o conquistador sacro às terras do Rio Grande. “Entregam a V. R., lhe disse, a Companhia e esta província a empresa mais gloriosa e suprema de que dispõe nosso instituto, que é a conversão da gentildade e de tantas almas que se acham nas ditas regiões (do Rio Grande) e o mais necessário é que V. R. conceba um espírito apostólico com que deseje abraçar no amor de Deus todas essas almas, padecer muitos trabalhos e até, se fosse necessário, derramar o sangue por elas como genuíno filho do nosso Padre e da Companhia. E como para tão árdua empresa, como é claro, falecem as forças humanas, toda a confiança deve V. R. pôr no auxílio divino, pedindo a N. Senhor a benção para esta conversão com contínuos sacrifícios e gemidos ao céu, como se praticará, também em toda a província.” Apenas receberam este glorioso destino, entrou o P. Roque a tratar dos preparativos imediatos da viagem, jejuns, oração e penitência; foi esta a matalotagem com que se preveniu para atrair a graça divina sobre os corações dos primitivos habitantes do Rio Grande do Sul. “Raioi, escreve Guevara, o dia 25 de Outubro de 1619, dia

felicíssimo para o Uruguai; adornou-se com a maior pompa que a pobreza lhe permitia, a igreja de Itapuã, deu-se um repique para chamar a gente à missa: disse-a o P. Roque, oferecendo-se a si em sacrifício pela conversão dos povos gentios, recebeu a comunhão um menino, que devia acompanhá-lo na sua evangélica excursão; disseram-se outras missas e cantaram-se as ladainhas de todos os Santos para o bom êxito da jornada que todos se prometiam da divina clemência e do patrocínio de Maria Santíssima cuja devota imagem trazia o missionário consigo e chamava a conquistadora. Mas desta vez a expedição não devia passar de tentativa.

Depois de longa e fervorosamente encomendar a empresa ao Altíssimo, pôs-se o obediente missionário a caminho, levando poucos companheiros. Por ínvias regiões chegaram até Aracatin, afluente do Uruguai. Lá os aguardavam muitos índios em som de guerra, tendo os corpos completamente nus, pintados de genipapo. Brandindo furiosamente as armas, exigiam que não passassem além. Respondeu o P. Roque que sua vocação não lho permitia e tão eloquente perorou sobre os principais mistérios da fé, que os índios admirados e confusos se retiraram para as aldeias.

Os companheiros, porém, tão violento abalo sofreram com o perigo a que acabavam de escapar, que instantaneamente pediram licença de tornar a Itapuã. A todos deixou partir, menos dois jovens, aos quais encarecidamente rogou que ficassem para lhe servirem de acólitos da missa, a qual diria sobre altar portátil. O tempo de penetrar a banda oriental ainda não chegou.

Recolheu os hospedes Nieza, chefe influente, conduzindo-os à sua aldeia, que ficava à distância de duas léguas. Logo ao chegar, levantou o missionário à vista da numerosa turba pagã uma grande cruz, sobre a margem direita do rio Uruguai. Sem detença explicou em quanta veneração deveram ter o símbolo da redenção e como lhes convinha aceitar o doce jugo de Cristo. E dando-lhes o exemplo de acatamento, tirou o barrete e, de joelhos, beijou reverentemente a cruz que acabava de arvorar. A impressão produzida nos ânimos foi quanto podia ser salutar e benéfica. (N. IV).

Os índios seguiram-lhe o exemplo, desde o maior até o menor, tão transidos de reverência ao imprimirem os ósculos que enterneceram o P. Roque por ver que a semente da divina palavra não caiu sobre pedras.

XI

Grandes e vários obstáculos

Não se iludia, porém, o experimentado conhecedor da raça indígena sobre a grandeza e variedade dos obstáculos que se lhe opunham. Viva e profunda era a antipatia contra a doutrina cristã e não provinha tão somente duma quase instintiva aversão, natural em gente de índole selvagem e inculta, mas baseava-se em vícios profundamente arraigados e mais que tudo no péssimo exemplo e trato que davam aos índios os colonos portugueses e espanhóis.

A poligamia, tão comum entre aquelas tribos, tinha por esteio não só a incontinência, mas também o vício da embriaguez: pois quanto mais servos se ocupassem na preparação dos vinhos feitos com milho, frutas e mel silvestre, maior seria a provisão com que poderia o índio saciar a paixão pelas bebidas fermentadas. Os chefes chegavam a ter cinquenta mulheres, porque lhes aumentava a autoridade possuírem com que prover ao sustento de família tão numerosa.

Compreende-se perfeitamente como gente afeita à liberdade de costumes rejeitaria a lei da pureza cristã e com que desdém o selvagem da vida nômade e errante olharia para a reclusão das reduções. Uma tribo despediu-se um belo dia de quem a reduzira, alegando como motivo que não lhes agradava um Deus, que, presente em toda a parte, lhes via todos os atos.

Outro impedimento, quiçá maior que o que deixamos exposto, era o péssimo exemplo dos europeus, tanto portugueses como espanhóis. Certo português, em S. Ignacio Miri, ia de casa em casa, roubando quantos índios e índias podia, quando, admoestado pelo missionário, que, como bom pastor, se opunha aos estragos feitos no indefeso rebanho, apontou-lhe à frente com a arma de fogo. Os espanhóis atropelavam todos os direitos divinos e humanos para abastecerem as fazendas de escravos, chegando a correr as reduções com espada em punho à cata de índias, outros as arrastavam pelo cabelo de dentro das casas para as embarcações. Quando as índias vinham oferecer víveres, convidavam-nas a entrar nas balsas, que logo largavam rio abaixo, e pouco se lhes dava a eles se as cativas eram solteiras ou casadas.

Estratagema ainda mais abominável inventou a cobiça dos caçadores de escravos. Índios jovens e de boa presença, capturados por outra parle, eram mandados aos ranchos das índias com ordem de lhes ganhar a afeição e trazê-las consigo.

Essa malícia diabólica rendeu aos inventores número avultadíssimo de indígenas, as quais ou passavam para o serviço doméstico ou eram vendidas.

A fim de não espantarem a caça apetecida, inventavam quanta mentira lhes lembrava contra os padres, inimigos das crenças e usos indígenas. Como refere o Dr. Iarque, até tiveram a desfaçatez de aconselharem os índios das reduções a abandonar estas e a se mudarem para perto das vilas, dando morte aos missionários. Outros disseminaram por entre os infiéis a calúnia de que o fim de se juntarem em reduções era o de os poderem os padres mais facilmente vender. Alguns portugueses entraram em S. Paulo e no Rio com espantosa multidão de índios, e perguntados como os puderam juntar, respondiam que lh'os venderam os padres do Guaíra.

Propagando-se a calúnia por longas terras, criou grande embaraço à propagação da fé.

As dificuldades que enumeramos, argumentavam de vulto entre os habitantes das bordas do Uruguai, o mais que podia ser, como inimigos do estrangeiro e orgulhosos de suas valentias tradições pátrias. Não admira, pois, a resposta do bispo Zúñiga de Assunção com que despachou o pedido de Hernandárias, solicitando missionários para as missões entre os guaranis: "Nenhum dos meus clérigos, disse o prelado, se atreverá a meter-se entre antropófagos." O governador, estranhando estas palavras, foi ter em pessoa com o bispo, mas nada alcançou.

XII

Sistemas de catequese dos índios

Não é este o lugar de tratarmos da administração que adotou o P. Roque para reduções já constituídas — falo-emos quando lhes descrevermos o ulterior desenvolvimento; aqui nos cumpre tão somente expor o método que seguiu em arrebanhar os selvagens e atraí-los para as povoações que seriam fundadas.

Naqueles primeiros tempos do Paraguai havia duas espécies de catequese, uma que poderíamos chamar volante e outra a que cabe o nome de estável. A primeira, adotada por S. Francisco Solano, era como que a preparação para a segunda. Sobre qual das duas convinha seguir houve reiteradas deliberações entre os missionários.

Discutiu-se a mesma questão na grande consulta em Salta, para a qual convocara o visitador Estevam Paes, recém-chegado da Europa em 1602, todos os jesuítas de Tucumán e do Paraguai, ponderou-lhes o inconveniente das contínuas viagens, a instabilidade de conversões feitas de corrida e a inconstância quase certa de neófitos abandonados a si mesmos.

Alegou o método de Solano que, percorrendo Tucumán e grande parte do Chaco, batizara uma multidão quase infinita: vivia ainda, assim dizia, o apóstolo, mas de seu trabalho apenas restava vestígio. Como as searas desonradas se abafam com o mato que tão de pressa se desenvolve, sobretudo na América, assim definhavam as cristandades solitárias e sem pastor no meio da infidelidade. Não havia que opor a tão justas observações, somente lembraram os missionários que eram necessárias as viagens apostólicas para se explorarem aos infiéis a terra e disposição dos ânimos e grangear-lhes a afeição, no que concordou o visitador. Vemos, pois, postos em prática ambos os sistemas, sendo, porém, preferida a catequese estável.

Nas viagens costumavam acompanhar ao missionário alguns neófitos, os quais iam armados, quando os superiores o julgavam oportuno, para a defesa própria ou dos futuros catecúmenos contra a agressão de pajés e tuxavas, que às vezes empregavam violências, tanto contra os hóspedes como contra os súditos que a estes quisessem seguir.

Sabia-se porém geralmente, mesmo entre os índios bravios, que tais turmas de índios guiados pelos missionários nunca vinham com intenções hostis, e até quando os cristãos eram mais numerosos que os visitados, não lhes incutiam terror. Os pagãos, ao ouvirem donde vinham os hóspedes, logo largavam as armas e o tuxava ia beijar a mão ao padre, o qual como refere o Dr. Iarque (Rev. do I. Hist. Brasil. t. 26), lhe agradecia pessoalmente ou pelo intérprete a urbanidade, louvando-lhe a ele a valentia e à tribo a fama de guerreiros, a qual enchera a terra toda e por si só bastava para se empreender tão longa viagem, cumprimentos estes que enchiam de fumos de vaidade ao bárbaro, impando como se fosse o maior triunfador que jamais entrou Roma a dentro.

Enfim recebendo um pequeno presente, corre o régulo a chamar a família e os amigos. Hospedado perto do toldo do tuxava, tem o missionário ensejo de examinar a disposição daquela gente. Se o chefe com todos os súditos não acolhia a boa nova da salvação, o que afirma o Dr. Iarque ter sido caso excepcional, nunca faltava quem a ouvisse, sobretudo entre os cativos. Já vimos, porém, que as expedições sacras a índios mais ferozes eram de feição algum tanto diferente.

O sistema de catequese estável veio a ser novamente objeto de discussão em 1615, ano em que o padre Onate entrou a governar a província do Paraguai. Duvidaram alguns se convinha viverem à grande distância dos colégios dois ou três padres, entre os índios, à maneira de párocos.

Ponderaram os perigos que ameaçavam a virtude no meio de gente nua e licenciosa e o risco que corria o fervor do espírito de entorpecer pouco a pouco, enquanto nos colégios o bom exemplo da comunidade e a disciplina paternal exercida pelos reitores impediam que o tropel dos negócios absorvesse toda a atenção. Estas e outras razões pareciam militar em favor de uma catequese feita por missionários, que sem residirem entre os índios, os fossem visitar de quando em quando.

Os adeptos da opinião contrária invocaram primeiro uma antiga experiencia de muitos anos e quanto ao perigo de se perder o fervor, nada obstava que o religioso a espaços voltasse ao colégio: de mais a mais, não era para esquecer que, mesmo entre pessoas que deixaram pais e pátria com todas as esperanças mundanas, ainda se fazia

rigorosa escolha, quando se tratava de mandar alguém ao desterro voluntário entre os selvagens.

Se, apesar de todas as precauções humanas, houvesse uma defecção, tão pouco havia de comprometer a Companhia, como a apostasia de Judas infamou o colégio dos apóstolos. Enfim era coisa sabida que excursões apostólicas padres residentes em colégios muito aproveitavam as povoações que já tinham cura, porém de nenhum modo bastavam de que dele careciam. Os índios, que geralmente recebiam com dificuldade o batismo, em breve largavam a observância dos preceitos, se não houvesse quem com práticas frequentes e administração dos sacramentos lhes acudisse.

Alegaram a bula de Pio V, que motivara com esta mesma razão a reserva que impunha em batizar os índios onde faltasse sacerdote que os pudesse doutrinar. Terminaram o arrazoado, citando o exemplo do P. Anchieta, que no Brasil fundara muitas residências de dois ou três religiosos, à grande distância dos colégios. O resultado da deliberação foi a confirmação das reduções com missionários que nelas residissem, condição vital para tal gênero de aldeamento.

XIII

Fundação do povo da Conceição no Uruguai

O P. Roque, chegando ao Uruguai, tomou posse de tão extenso território, em nome de Cristo e do rei e determinou fundar uma povoação numa localidade denominada Ibitiracua, que, distando uma légua do rio, era ponto de reunião a muitos tuxavas. Para angariar neófitos, passou o Uruguai e pisou, pela primeira vez, o solo rio-grandense em 1619.

Mas, apenas encetara a faina, chegou-lhe a triste nova que os selvagens da outra banda, descontentes do acolhimento que tivera por Nieza, o principal tuxava da região, preparavam um levante e já tinham queimado a cruz plantada pelo missionário.

As forças de Nieza eram insuficientes, bem o sabia o P. Roque, por isso foi ter com o chefe dos revoltosos e, depois de lhe apaziguar o furor com alguns presentes, a força de eloquência o mudou de tal forma que o selvagem deu a promessa formal de paz e sujeição. Partiu logo o santo missionário para tranquilizar os índios rio acima, aos quais os boatos de guerra tinham afugentado. Regressou ao depois para Ibitiracua e lá, onde a Companhia havia de alcançar os mais belos triunfos, começou um longo exercício de paciência, esperando por sete anos o momento propício para iniciar o trabalho apostólico em terras do Rio Grande.

Os pagãos não se cansavam de espalhar que ele não passava de emissário secreto dos espanhóis, e que, servindo-se do pretexto da religião, procurava escravizá-los.

Entretanto não era para desprezar o fruto que colhia. Em seis meses juntara mais de 200 famílias e quando chegou o coadjutor P. Affonso de Aragón, argumentou o número de forma que foi preciso construir uma igreja espaçosa. Benzendo-se no dia 8 de dezembro e tendo fundado o P. Roque a povoação em 1619, na mesma data recebeu a invocação de N. S. da Conceição.¹² Foi na mesma ocasião exposta à veneração dos fiéis uma imagem da Virgem, donativo do provincial, que a enviara de Tucumán. A dupla solenidade tanto impressionou os índios que tornou a aumentar o número dos catecúmenos.

Foi por este tempo que se efetuou a divisão política e eclesiástica de que já fizemos menção. Continuaram sujeitas à Assunção as reduções do Paraná e Guáira, passando, porém, para a diocese de Buenos Aires as terras do Uruguai e do hodierno Rio Grande.

D. Diogo Góngora, primeiro governador da nova província, tencionava explorar o rio Uruguai desde a foz até as nascentes, mas era empresa, diz Southey (Hist. do Brasil, cap. 22) que ninguém, a não ser jesuíta, poderia tentar com alguma esperança de escapar com vida. Entregou portanto aquela região aos trabalhos apostólicos da Companhia, pois com a vinda de alguns tuxavas que pediam missionários, julgou ter achado ocasião oportuna. Foi este o primeiro ato por parte do novo governo do Rio da Prata que diz respeito aos jesuítas (Lozano, *Conquista*, liv. III, cap. 16).

12. Charlevoix e Guevara apontam erroneamente como dia da fundação deste povo o 8 de dezembro de 1620. Reproduziram o mesmo Gay e Moussy. *Description de la Conf. Argentino* 111. p. 662; p. 721 marca até o ano de 1616: Gay. *A Republ. Jesuitica* cap. 20 art. 10. Pfotenhauer, *Die Missionen der Jesuiten in Paraguay* (I, p. 120). copiou também este como outros erros.

O provincial, a seu turno, quando visitou a nova residência da Conceição, passou ordem ao P. Roque de explorar por 150 léguas o vale do Uruguai. Porém antes de o acompanharmos, pedimos venia para inserir aqui uma breve resenha da sua atividade literária no idioma guarani, a que se dedicou durante os mencionados longos sete anos em Conceição.

XIV

A língua guarani

Os sete anos que passou o P. Roque em Conceição formam a época a que devemos assinalar o catecismo, os sermões e relatórios que nos deixou.



Frontispício da igreja de São Miguel, das Missões guaraníticas, fundadas pelo Pe. Roque, outrora um dos maiores templos da América, antes de começada a obra de conservação pelo governo rio-grandense.

Sabia a fundo a língua guarani, o que não era de admirar, porque, falando-a de menino, lhe fora como que uma segunda língua materna, e chegara a manejá-la com maestria consumada. A eloquência com que falava aos índios em sermões e discursos de ocasião, de tal modo lhe granjeou a simpatia daquela gente admiradora do dom da palavra que o estimava como a um dos seus, dando-lhe as honras de chefe. Era, pois, o homem da providência para quebrar a resistência obstinada das tribos mais indomáveis, quais eram as que habitavam as margens do Uruguai. Deles diz judiciosamente Bauzá, historiador de renome:

“...Se as demais tribos resistissem com o mesmo denodo e constância, como as da margem esquerda do Uruguai, a Espanha se retiraria, não só vencida, mas exausta.” (Dom I Append.).

Outrossim não havia quem igualasse o P. Roque como mestre e guia dos novéis missionários, quer em desvendar segredos da língua indígena tão diferente das europeias, quer em instruí-los na maneira de tratar com os selvagens.

O que porém mais lhe realça o mérito é o catecismo, o qual, mais do que os de Anchieta, Bolaños e Montoya, havia de ter fama — verdade obliterada numa época em que eram conhecidos os que com mais viva luz espancaram as brumas daqueles primeiros tempos da cristianização do Paraguai. Até há pouco se opinava ser o P. Montoya quem primeiro escrevesse um catecismo indígena, nos domínios espanhóis na América do Sul. Veremos que não lhe cabe a honra.

Os sínodos celebrados em Assunção nos anos de 1603 a 1631 consideraram como tarefa da mais inadiável urgência induzir os párocos à catequese dos índios residentes nas respectivas paróquias. Era óbvio que para este ensino se exigia o conhecimento do idioma do país, mas havendo tantos e tão diversos, já estabelecera o sínodo de 1603 na constituição 2º o que se segue:

“Por haver muitas línguas nesta província e mui dificultosas, de sorte que seria grandíssima confusão dar instrução em cada uma e muitos índios de menos capacidade entenderiam que a doutrina também diferia na substância... Ordenamos que a doutrina e o catecismo se ensinem na língua guarani, por ser clara e mais geralmente se falar nestas províncias.”

A 3ª constituição prescreve, para desempenhar o ofício de pároco, o conhecimento do catecismo do P. Frei Luiz de Bolaños e aquela prática da língua que se exige na administração dos sacramentos.

O sínodo de 1631 torna a recomendar o mesmo catecismo, acrescentando, porém, um ponto que chama a nossa atenção. “Por não ter traduzido Bolaños os artigos da fé e a Salve Rainha, o sínodo pede e encarrega o P. Diogo Boroa, reitor da Companhia de Jesus, que edite e comunique a tradução dos artigos de fé e da salve que fizera o venerável Roque González.” Executando-se pontualmente esta disposição, foi introduzida parte importante do catecismo do P. Roque no manual oficial de doutrina prescrito com toda a solenidade pela autoridade competente.

Tal distinção acarretou-lhe violento ataque, que não visava menos que eliminar o dito catecismo do rol dos livros ortodoxos.

Foi D. Bernardino de Gárdenas, bispo de Assunção, que instaurou processo de heresia, não contra o missionário que havia anos já falecera, mas contra os irmãos da ordem. Acusou-os de terem, por ignorância da língua, introduzido no catecismo guarani monstruosas e gravíssimas heresias.

A incriminação julgou-se tão grave, que do Palácio de Buen Retiro, então residência habitual dos reis de Espanha, se expediu ordem ao arcebispo de Chuquisaca que submetesse a causa ao juízo de uma comissão composta dos mais graves teólogos e abalizados conhecedores do idioma guarani. Também D. Cárdenas foi convidado a formular por menor a sua arguição.

“Fe-lo, diz Southey, com a habitual violência.” Incriminou de heréticos principalmente três vocábulos, atribuindo-lhes significação inaudita, à qual o decoro da língua recusava emprestar termos. Acrescentou que o demônio não poderia excogitar heresias mais abomináveis do que compreendiam aquelas poucas palavras e que se julgaria réu do mesmo crime de heterodoxia, se não as impugnasse.

Por ordem do arcebispo de Chuquisaca reuniu-se a junta em Assunção, cujos membros, quase todos de elevada posição, eram reconhecidos geralmente tanto os eclesiásticos como os seculares, por bons teólogos e peritíssimos na língua guarani.

Presidia D. João Blasque de Valverde, ouvidor da audiência real de Charcas e capitão geral da província do Paraguai. Depois de

apresentar o documento oficial da sua nomeação de presidente pelo bispo de Buenos Aires, desde já observou que o catecismo incriminado fora prescrito sob pena de excomunhão e não era permitido usar de outro. Os membros da comissão, entrando em maduro exame dos termos taxados por Cárdenas de heréticos, concordaram em que não havia outros mais próprios e que não era lícito alterá-los, andando, como observavam alguns, unicamente o catecismo do P. Roque em mão de todos os párocos, tanto do clero secular como regular. Mas o que mais estranharam foi a prova com que se pretendia demonstrar serem aqueles termos nomes de demônios. Fora procurá-la Cárdenas nas alturas do século VIII, nas atas do concílio de Roma convocado em 745 pelo Papa Zacharias, nas quais se acha a condenação de um certo Aldeberto, que invocava demônios, cujas denominações ali se citam. Nestes nomes, depois de truncados, achara Cárdenas os vocábulos que tanto o escandalizavam.

O acórdão foi unânime, e o protocolo por todos assinado dizia que o catecismo do P. Roque era isento de qualquer erro. Desta forma, passou a prova de fogo da calúnia e o exame crítico da ciência à obra catequética do nosso apóstolo.

Pouco conhecido aos historiadores é um opúsculo em cuja redação se esmerou o P. Dias Tano, refutando com diáfana clareza e lógica irresistível as arguições de Cárdenas. O já citado Bauzá conclui a narração dos fatos que acabamos de expor, com as seguintes palavras:

“Livres de toda a suspeita, saíram triunfantes os catecismos e vocabulários jesuíticos do julgamento a que os haviam submetido, e, para demonstrar mais uma vez quão benéfico seja sempre o uso de crítica em investigações históricas, reivindicou-se para dois sábios até então obscurecidos, o P. Roque González e Frei Luis de Bolaños, a glória de terem iniciado a tradução do catecismo castelhano para o guarani, enquanto a história, até agora desencaminhada a este respeito, só nos falava do P. Ruíz de Montoya.” (Bauzá, Dom. Esp. vol. livro 4, p. 379, 2ª ed.).

(Quem desejar esclarecimentos mais minuciosos sobre a questão que esboçamos, poderá colhê-los no *Anuario do Estado do Rio Grande do Sul* para 1906. no qual publiquei o artigo *A língua guarani e o venerável Roque González*.)

XV

Tentativa de explorar o Uruguai — Tempos de luto e dias de festa

Deixamos o P. Roque encarregado pelo provincial da exploração do rio Uruguai, que em vasto semicírculo cinge o nosso Estado. É um espetáculo sublime que oferece a natureza, onde a violência do homem ainda não lhe tirou o encanto nativo. Parece lembrar ainda aquela manhã primordial, em que subiu pura e bela das mãos do Criador.

Desprezando, pois, as fadigas, aprontemo-nos a singrar com o explorador apostólico o veio do rio possante, que serpenteia já por entre campinas dilatadas, já pela espessura multissecular das brenhas. Nas ondas habita a capivara e abunda peixe variado e saboroso. De quando em quando aparecem na margem umas como colunas de granito, mas, vistas de mais perto, mostram serem troncos de árvore petrificados. Bandos de papagaios multicores, erguendo o voo, enchem os ares com seus gritos desconcertados. As conchas são tantas que não se sabe se é a elas ou aos papagaios que o rio deve o nome.

Entre a caça abundante das ribanceiras nota-se a anta e a paca, cujos trilhos cortam o cerrado; o veado e a avestruz, que atravessam, qual mais ligeiro, a extensão das campinas; o tatu saindo da toca em noites de luar e enfim o tamanduá, que de passo vagaroso, porém firme, anda à cata de algum formigueiro ou cúpula de cupim: a todos, porém, vence e espanta o terror das selvas e do campo, o esforçado e ágil jaguar.

Tal era a região que em 1622 se dispunha a devassar o impertérito investigador de terras incultas. Mas apenas se divulgou o seu intento, opuseram-se os índios, suspeitando que ia abrir caminho aos espanhóis. Aquele chefe que primeiro se rebelara por ocasião da vinda do padre, foi também desta vez o autor de uma oposição geral.

Uma noite ouviram-se à beira do rio, entre alarido formidável, gritos de ameaça contra a vida do P. Roque. As trevas lhe permitiram fugir para Conceição, onde os companheiros o aconselharam a adiar a expedição para mais tarde.

Não podendo levar a cabo a empresa que lhe fora confiada, entrou a pensar em fundar mais uma redução na margem do Uruguai. Para remover as primeiras dificuldades, deveriam os neófitos convidar os índios da circunvizinhança a uma das grandes caçadas, que de vez em quando se costumavam fazer. Número conveniente de caçadores cercava bom espaço de campo, e estreitando paulatinamente o círculo, chegavam a apanhar toda espécie de caça, com a qual depois se banqueteavam. Tal diversão, que sempre atraía muita gente dava ao missionário ótimo ensejo de reconhecer a condição da terra e dos habitantes e de ganhar com alguns presentes as boas graças das pessoas mais influentes.

O convite, porém, aliás sempre atendido, desta vez foi balado, porque tinham aparecido entretanto dois hospedes terríveis: a fome e a peste, que não pouparam nenhuma povoação recém-fundada. O pânico foi assaz grande e muitos se dispersaram pelos campos, fugindo ao contágio e procurando um alimento qualquer, ainda que nocivo à saúde. O P. Roque voava de um lugar a outro para acudir a tanta necessidade corporal e espiritual e tanto ele como o companheiro empenhavam todo o esforço, para salvar a existência da povoação. Os pagãos aproveitavam para os desacreditarem quanto podiam e os pajés diziam a boca cheia que ali tinham o castigo de terem tantos índios deixado os usos avoengos.

Qual astro aclarando com um raio de esperança as trevas duma noite de temporal, calhou chegar em meio de tanta calamidade a notícia da canonização do fundador da Companhia Jesus, S. Ignacio. Entre os festejos com que se celebrou tão fausta nova, despertou pela graça e novidade a atenção de todos um combate simulado, que ao compasso da música executaram dois bandos de meninos, representando dois exércitos rivais de pagãos e de cristãos. Como nos refere Techo, ensaiava-os o P. Roque de forma que, tendo vencido a turma cristã, aprisionasse os contrários, lançando-os por terra, com bons modos, já se vê, como convinha a prisioneiros voluntários, e em seguida os levasse à presença da autoridade eclesiástica e civil. Por fim todos, tanto vencedores como vencidos, se prostrariam diante do altar de S. Ignacio, agradecendo-lhe a graça da santa fé, que os filhos espirituais do recém-canonizado lhes tinham comunicado. De certo foi esta a primeira vez que nas margens do Uruguai se apresentou uma cena

completamente análoga às cavalcadas e, quem sabe, talvez tenham contribuído as representações alegóricas usadas nas reduções jesuíticas para a aceitação daquele jogo dramático, outrora tão pronunciada em todo o Rio Grande do Sul.



Parte lateral da igreja de S. Miguel, construída pelos índios guaranis, sob a direção dos antigos missionários da Companhia de Jesus.

Por este tempo foi o P. Roque à Assunção, levando consigo o celebre morubixaba Cuaracipú e vinte catecúmenos do Uruguai, que com geral satisfação foram batizados pelo reitor do colégio, servindo de padrinho o governador D. Manoel Frias. Ali também festejaram a canonização de S. Luiz Gonzaga.

A situação do povo da Conceição continuou, porém, tão melindrosa, devido aos estragos da peste e fome e à perseguição da parte dos pajés, que quando em 1625 chegou o provincial Nicolão Durán, deliberou seriamente com os missionários se não convinha abandonar aquele posto ocupado havia anos. Depois de bem discutida a questão, venceu o parecer do P. Roque, que optara pela conservação. Exortou-os, pois, o provincial à paciência e constância no amanho de campo tão sáfaro e escabroso. E em breve foi recompensado o zelo desinteressado daquele trabalho.

O chefe dos pagãos desafetos concebera o plano de fundar uma aldeia nas proximidades da redução, para guerreá-la mais de perto. Propalou-se o intento fora de tempo e os cristãos indignados prenderam o régulo e o expulsaram para longe. A desgraça lhe abriu os olhos e chegou a converter-se com todos os seus, aumentando a população de Ibitiracua com 144 cristãos. Percorriam agora livremente os missionários aquela região, onde se fundaram varias reduções.

XVI

Um pajé ou feiticheiro uruguaio

Não tardou em surgir novo perigo que, por interno, maior estrago ameaçava. Um feiticheiro famoso, chamado João Cuará, recebera o batismo no Guaíra, só para combater eficazmente a religião cristã. Começou a viajar por terras do Uruguai e Paraná, dirigindo-se de preferência a neófitos, com o fito de fazê-los apostatar da fé católica e imbuí-los duma doutrina que ele próprio inventara.

Levando a ousadia a ponto de fazer propaganda em Assunção, foi condenado à força por vários crimes que cometera, mas perdoado, não se sabe por que intercessão, o relegaram para Santa Fé. Consequindo evadir-se, entrou furtivamente em Itatim, povo de neófitos sob a direção dos reverendos padres franciscanos. Pediu aos índios não o traíssem e como lho promettessem, começou a semear naquele campo recém-arroteado o joio do seu ensino pernicioso, cuja substância se concretizava, segundo Techo, nos seguintes pontos: Separação do missionário, inimigo mortal da raça indígena, desprezo da confissão como meio ignóbil de devassar os segredos da vida alheia, abominação da crisma e santos óleos, como de imundície, e do sal que se dá no batismo, como de veneno mortífero para crianças e adultos.

De mais a mais, aconselhava com o exemplo e a doutrina a poligamia, dizendo que os padres a proibiam para não se aumentar a população, e exortava a voltar às usanças antigas, sobretudo às li-

bações em honra dos defuntos. Enfim chegava a dizer que, em lugar de venerar os santos, o tivessem a ele por santo e até por deus, caso contrário havia de transformá-los em sapos e rãs. Ensino tão subversivo, acompanhado da desenvoltura de devassidão, mudou em breve a cristandade em Latim, de sorte que o cura frei João Gamarra, perito na língua e trato dos índios, começou a indagar solícito e aflito a causa de tão rápida perversão, a qual lhe foi enfim apontada por um menino, que lhe revelou o verdadeiro carecer de Guará. Deu-se imediatamente ordem para o prender, mas o astuto impostor, com seus mais dedicados adeptos e a grei de concubinas que sempre o rodeava, tinha conseguido acoitar-se num esconderijo, donde fazia excursões a vários pontos e também à margem do Uruguai.

Apenas lhe sentira o P. Roque em Conceição os efeitos da deletéria atividade, recebeu, por uma carta de frei Gamarra, aviso de que deram caça a tão perigoso pseudo-mestre; mas refugiado a um canavial escapara, se uma das suas mulheres não o traísse. Carregado de ferros, foi levado em escarmento pelo Paraná e Paraguai, passando lambem por Itatim. Em Assunção, os tribunais o condenaram à pena capital, que executada, veio livrar as missões do Paraná e Uruguai de gravíssimo perigo.

XVII

Fundação de S. Nicolau, a primeira das Sete Missões

Sete anos estivera o P. Roque em Conceição, como atalaia em posto avançado, sempre com os olhos fitos na margem oriental do Uruguai, quando, em congregação provincial do ano de 1626, foi pelo P. Nicolao Durán Mastrilli nomeado superior das missões sobre o Paraná e Uruguai.

O novo cargo, como se o obrigasse a atividade mais intensa, não lhe parecia consentir que diferisse por mais tempo a execução do plano que havia tanto tempo concebera. Removidos algum tanto os impedimentos, passou o rio e, guiado por um catecúmeno, alcançou

a foz do Piratini. Avançando mais duas léguas, achou-se em local que lhe pareceu próprio para uma povoação. Soube ganhar a afeição dos índios e no dia da invenção da Santa Cruz do mesmo ano¹³ depois da missa, arvorou o símbolo da redenção e tomou posse do sítio, que chamou S. Nicolau, em deferência ao prenome do provincial.

Logo no primeiro tempo escapou a dois perigos de vida gravíssimos. Foi o primeiro que, caminhando de noite pela selva, desencadeou-se medonho temporal e à luz dos coriscos viu dois tigres, dos quais mal teve tempo de fugir. O segundo o ameaçou na choça dum índio, que traiçoeiramente o acabaria a golpes de macana, se Deus não estorvasse ao malfeitor o criminoso intento.

Não podendo como superior prolongar sua estada na recém-fundada povoação, a entregou ao P. Aragón. que soube cativar a estima geral a ponto de poder reunir em três meses, 250 famílias, número que em breve se elevou a 500. (Techo, Livro VII, cap. 31.)

Poucos anos depois, quando o apostólico e virtuosíssimo Pe Rançonier visitou esta redução, pode-lhe apreciar o processo e o profundo espirito de fé. Conta-nos que com tanto afeto e impetuosidade se atiraram à porfia sobre ele os neófitos para lhe beijar a mão que por pouco o não sufocaram. Foi preciso que os dois padres, que estavam presentes lhe valessem, arredando a multidão. Os tuxavas prepararam-lhe uma demonstração extraordinária: três índias, esposas dos principais e mais influentes chefes, saíram a visitar o missionário em sinal do maior respeito e apreço. Pois os índios conservam as mulheres recolhidas e estas observam tanto recato, que sempre andam retiradas nas casas nem são visíveis para outros¹⁴.

13. Também o provincial M. Querini — Informe al Rey D. Fernando VI — aponta o ano de 1626 como o da fundação de S. Nicolau. Lozano. porém, dá o de 1625 (conquista I, p. 33): Moussy (Description III, pg. 663) até o de 1627 (Gay, p. 707. reproduziu a mesma inexatidão.

14. Pe. Rançonier (belga), Litt. Aun. scriptae nomine et jussu P. provincialis, Antverpiae, 1636. Reductio S. Nicolai Piratinonsis. "Huic item Reductioni initium dedit P. Rochus González, Leucis amplius septem a conceptione distal. Prope amnem Piratini sita ext qui in Uruaig influit. Anno 1626 criix luc fuit exaltala, eo díó quo ejus Inventionein alibi Ecclesia celebrandam proponil... Cum hane Reductionem visitavi, omnes ad manum meam deosculandam tanto affectu atque impetu certatim venere, ut parum omnino abfuerit quin suffocarer nisi duo Patres mihi assistentes irruentem turbam semovissent. Solae tres praecipuorum caciquiorum uxores ad me videndum egressae sunf, idque in summum honoris signum. Indi enim cas ita abdunt, atque hae tanta sunt verecundia praeditae, ut semper in suis domihus delituerint neque ab ullo videri se sinant."

XVIII

A Viagem a Buenos Aires e brilhante recepção

Em Conceição encontrou o P. Roque um espanhol, Hernando de Zayas, conhecedor da língua guarani e dos costumes dos índios, que através de mil perigos viera entregar-lhe uma carta do governador do Rio da Prata, D. Francisco de Céspedes.

Como o antecessor, estava aquela autoridade convencida que a conquista do Uruguai não se faria à viva força. Desejando, porém, levar a cabo uma empresa que tanto recomendaria sua pessoa e casa à liberalidade real, determinou valer-se dos préstimos do P. Roque. Naquela carta o exortava a descer o Uruguai até Buenos Aires, para combinarem um plano de se levar adiante a exploração do dito rio.

Por tão prometededor convite rendeu as devidas graças a Deus o zeloso missionário e sem tardança se embarcou, no dito ano de 1626. Escolheu por companheiros os homens mais destemidos de Conceição e conseguiu também levar o chefe da tribo, Diego Nieza, para quem muito esperava duma visita à capital.

Logo no primeiro dia abriu o P. Roque, com grande pasmo de Zayas, apenas com a sua palavra eloquente, caminho por entre 400 índios que lho queriam embargar. Outros selvagens de diferentes tribos acorriam, só para ver a quem tanto ouviram celebrar.

Com 25 dias de viagem chegaram enfim a Buenos Aires. O governador, satisfeitíssimo com tão pronta obediência e querendo dar aos índios uma ideia, quanto possível fosse, elevada, da civilização espanhola, determinou fazer-lhes brilhante recepção. Entre salvas de artilharia e o repique festivo dos sinos, foi à frente dum luzido esquadrão dos cidadãos mais grados receber os hospedes fora da cidade, seguindo-o dois filhos seus, um comandando uma força de cavalaria e o outro um batalhão de infantaria.

As tropas das três armas desfilaram diante dos índios e executaram diversas evoluções. Ao som de trombetas foram em seguida levados ao palácio do governo, onde se lhes serviu uma refeição. O governador em pessoa os quis apresentar ao bispo e, pondo ambos os joelhos em terra, beijou-lhe o anel para dar o exemplo do respeito que se deve aos príncipes da igreja.

Nem tanto havia mister para causar aos filhos das selvas profundíssima impressão, mas a que produziu tamanho aparato passou a expectativa geral. Diego Nieza declarou-se com todo o seu povo súbito obediente do rei da Espanha e dos governadores mandados pelo soberano.

O instrumento público, que desta sujeição se lavrou, dizia expressamente que os novos súditos não seriam dados em comenda nem teriam outros sacerdotes que os da Companhia. Nieza foi nomeado supremo morubixaba de quantos índios sobre as margens do Uruguai abraçassem o cristianismo. O bispo, a seu turno, delegou para todos os efeitos ao P. Roque, entregando-lhe uma patente, em virtude da qual poderiam os jesuítas fundar reduções em toda a extensão do bispado, e se lhes concediam todas as faculdades que os reis católicos comunicavam aos delegados da Santa Sé e os padroeiros das igrejas da América do Sul podiam entregar aos missionários. De tudo se lavraram documentos autênticos, que o reitor do colégio assinou em nome do provincial.

Informou Céspedes ao rei que o rio Uruguai em pouco tempo seria povoado de cristãos, se o P. Roque fosse auxiliado por número maior de missionários; antes de tudo enviasse trinta jesuítas. O bispo escreveu no mesmo sentido e estas cartas encontraram a aprovação da corte e não tardaram em produzir o desejado efeito. Dois anos mais tarde trouxe o P. Gaspar Sobrinho novos missionários para o Uruguai.

Passados dez dias em regular estes negócios, voltou o P. Roque, explorando ao mesmo tempo as margens do Uruguai na extensão de cem léguas. Pouca esperança de fundar povo neste trecho lhe davam as observações feitas nesta viagem, mormente porque seus habitantes não tinham moradas fixas. (V. ns. V e VI).

XIX

Um interinado perigoso

Céspedes, não se pode negar, fez todo o possível para coadjuvar a propagação da fé entre os índios do Uruguai, mas infelizmente não soube separar bastante o interesse próprio dos da religião. Pretendia fundar uma cidade que figuraria no título de marquês a que aspirava. (Lozano, Hist. de la Conquista).

Esquecido do trato que fizera com Nieza, enviou três espanhóis: Zayas, já nosso conhecido, Bravo e Payá, para presidirem como corregedores as novas reduções. Bem previa o P. Roque as consequências funestas, mas não ousando contrariar a vontade formal do governador, permitiu que assumisse o cargo Zayas em Conceição, Payá entre os yaguarilés e Bravo em Yapeyú, e exortou os índios a aceitá-los. Mas os pagãos da margem oriental, vendo na vizinhança os odiados espanhóis, reuniram forças e, caindo sobre um troço, saído da Conceição, o despojaram e com insultos o mandaram voltar.

Foi agravada a situação pela imprudência de Zayas, o qual, sobre ser imperioso e, o que pesava mais, pouco respeitador da modéstia das índias, chegara a insultar um jovem aparentado com as famílias mais notáveis.

Rebentou enfim em chama a indignação que lavrava por entre a população; pegam em armas e sitiam o imprudente corregedor na casa dos missionários, aonde se açoitara, exigindo a extradição do culpado para o sentenciarem. E não escaparia ao furor popular, se o P. Alfaro não fizesse valer toda a sua autoridade. Zayas ficou na aldeia, mas já não ousava sair de casa e mudou completamente de proceder.

Entre os yaguarités já tinha o P. Roque reduzido quantos bastavam para constituir uma povoação, a qual o governador dera o nome de S. Francisco Xavier. Payá, mal se viu só entre os índios, começou a tratá-los tão áspera e voluntariosamente, que o poderoso tuxava Potivara resolveu matá-lo. Mas Tabaca, o chefe da aldeia, não lhò consentiu.

O resultado foi uma fuga geral das autoridades. Payá meteu-se num esconderijo. Potivara retirou-se para os campos, acompanhado de mil índios e Tabaca, temendo uma agressão do chefe poderoso, a quem contrariara. internou-se pelas selvas.

Informado de quanto se passara, recorreu o P. Roque ao provincial, pedindo viesse dar cabo a tanta desordem. Quando se soube da chegada desta autoridade a Conceição, compareceram diante dele os tuxavas, não com súplicas, mas com a exigência formal de serem removidos os corregedores, caso contrário acabariam com as nascentes cristandades, por que não se lhes observavam as condições sob as quais se tinham sujeitado ao domínio espanhol.

Diferiu o provincial a resposta para o dia imediato. E, quando tornaram, lhes declarou não poder despedir os corregedores, mas que havia de mandar um padre ao governador, levando-lhe a exposição exata da situação, bem como dos seus pedidos, e não duvidava obteria despacho favorável. Nisto convieram os índios e tiveram, decorrido algum tempo, a grande satisfação de receberem por intermédio do P. Miguel Ampuero, que fora a Buenos Aires, não só a revocação dos corregedores, mas também valiosos donativos para as reduções do Uruguai. (Techo. VII, c. 36).



Paredão de admirável beleza arquitetônica, amparado por escoras, do templo de S. Miguel, antes do iniciadas as obras de conservação.

XX

Em caminho ao país dos Tapes

Durante o ano de 1626, tão fértil em importantes empresas, funda o P. Roque a redução de S. Nicolau, empreendendo longínqua viagem a Buenos Aires, realiza ao mesmo tempo a exploração do rio Uruguai, tenta a do Ibicuí, funda mais duas reduções, entra na vasta região do Tape, estuda-a, como mesmo nos informa e nisto gasta ainda parte do ano seguinte. Não é o trabalho de um homem, mas de muitos ou antes de um gigante: e ao passo que se aproxima do termo de sua atividade, esta parece crescer e até multiplicar-se.

Considerava o P. Roque a foz do Ibicuí (29° 20' lat. S.) ponto de entrada para a vasta região que se estende do rio Uruguai até o Atlântico. Veremos como mais tarde reformou esta sua opinião. Para a explorar, subiu com número reduzido de remeiros o Ibicuí, em cujas margens encontrou, depois vencidas umas quarenta léguas, o domínio de Tabaca¹⁵, chefe poderoso, que os acolheu otimamente.

Não só mostrava inclinação a abraçar a fé, mas congregou também número de índios suficiente para formar uma aldeia.

Querendo confirmar auspícios tão prometedores, fez o P. Roque, de uma árvore secular, cruz tão gigante, que para a erguer foi preciso chamarem-se em auxílio homens, mulheres e meninos. Demorando-se mais algum tempo, edificou uma capela provisória, demarcou os prédios e batizou as crianças, Dedicou-se a aldeia recém-fundada, com toda a pompa que as instâncias permitiam, a N. Sra. da Candelária.

Chegara entretanto a notícia da viagem do P. Roque aos índios do interior, que indignados vieram com força armada sobre Candelária, onde o julgavam encontrar. Tendo ele entretanto seguido avante, escapou não só à morte, mas também lhe foi poupada a dor de ver a cruz derribada, a capela destruída e os neófitos ameaçados.

Mal, porém, lhe chegou a notícia dos tristes fatos e de ataque planejado contra Yapeyú, malbaratando a vida, voltou, por mais

15. Diferente do tuxava acima mencionado.

que lh'ó dissuadissem os companheiros. De volta soube que Tabaca e os demais tuxavas, ausentes durante o assalto, ainda não tinham conseguido reunir guerreiros para fazer frente a inimigo tão poderoso. Não desanimou o P. Roque: pelo contrário, procurando os chefes da multidão hostil, vinda do interior, já com dádivas. já com palavras de severa autoridade, alcançou não só que o deixassem seguir viagem, senão também que lhe servissem de guias à região do Tape, depois tão afamada pelos trabalhos bem-sucedidos dos missionários.

XXI

Entra no Tape, hoje Cima da Serra¹⁶

Explorava à vontade o Tape ou Serra Geral, angariando ao mesmo tempo índios para uma redução, quando soube que do sertão vinha um exército inimigo para lhe tirar a vida. E, de fato, não se fizeram esperar. Bem puderam os morubixabas sustentar-lhes o primeiro embate, mas sobrevivendo sempre novas forças contrárias, pegou o missionário em uma serra que lhe servia para cortar as árvores e fabricar as cruzes que costumava erguer, e empunhando aquela arma singular, foi ao encontro dos selvagens. Estes tomados de súbito pânico fugiram, bradando aos seus que o missionário usava terrível instrumento munido de dentes agudos com que cortaria a gente, e que nas folhas de um livro lia as coisas mais secretas. Deu-se este encontro na região de Itayasaco, nome que Guevara interpreta por pedra inclinada, à margem do Ibicuí-mirim, onde ao depois foi fundada a redução de S. Miguel, no centro do Rio Grande do Sul, não longe da atual cidade de Santa Maria da Boca do Monte.

16. Não pretendo indicar que o país dos Tapes compreendesse tão somente a região serrana. A respeito dos seus limites são assaz obscuros os autores e divergem entre si.

Livre do grande perigo, pode o padre continuar a exploração, mas sempre de sobreaviso pela inconstância dos índios.

É aqui o lugar de completar a descrição já encetada em capítulo anterior, do antigo Rio Grande, qual no-la deixaram os primeiros missionários. Entramos na Serra Geral, aquele vasto planalto, que com suas escarpas e contrafortes atravessa em rumo leste-oeste todo o Estado. Se os autores não concordam nos limites daquela região, são unânimes em tecer-lhe os maiores elogios. Nós que a atravessamos, aceitamos como Southey, sem hesitar, o que dela narraram os jesuítas, descrevendo-a como terra privilegiada, ornada de todas as belezas imagináveis de vales e montes e tendo um clima fecundíssimo.

Campos se estendem a perder de vista, desdobrando paisagens variadíssimas e rasgando horizontes de vastíssima extensão. Alternam eles com vales risonhos, que adorna a odorante e esbelta árvore de mate, enquanto lá no alto das serras negreja o verde-escuro pinhal de copas arredondadas, oponente em seu silêncio quase religioso e luz abafada, onde erguem os braços ao céu, como em súplica muda, mil candelabros gigantes formados pelas esguias e possantes araucárias.

Em face de quadro tão encantador, enche-se a alma ao visitante de respeito e admiração, por ver a mão do Criador tão claramente pródiga com aquele abençoado torrão.

Depois de descreverem a feição geral da terra, não deixaram de mencionar os cronistas várias curiosidades, que chamaram a atenção dos que primeiro a percorreram. Entre elas ocupa o primeiro lugar a árvore escapú, ou escapis segundo Charlevoix, hoje quase desconhecida, da qual, com o sol fora, cai tão abundante orvalho que semelha aguaceiro. Encontrei o curioso vegetal nos arredores de S. Luiz Gonzaga das Missões, onde o chamam árvore de chuva e fiz uma descrição no folheto *Poranduba Rio-Grandeense*, p. 10¹⁷.

A palmeira rasteira, cuja fibra referem que dá um fio delgado (como seda), é sem dúvida a tucum. No pássaro branco que chamam sineiro, porque em seu grito acharam analogia com o toque do sino, reconhecemos imediatamente o nosso ferreiro ou araponga, cuja voz nos parece imitar o som de martelo batendo em bigorna ou de lima afiando serra. Infelizmente já vai rareando, com a extinção das matas, este melodioso amigo das solidões silvestres. Também o urutau, no

17. Cf. também Anuario do Rio Grande do Sul, de 1902.

fundo da mata, solta as suas graves e espaçadas notas que ecoam ao longe como plangentes sons de abandonados no deserto.

A anta — que Lozano, autor do século 18, descreve tão minuciosamente, referindo entre outras curiosidades que os índios chamavam a via láctea *caminho das antas*, ainda não vem mencionada no século do P. Roque.

Em compensação encontramos repetidas referências a um animal hoje desconhecido no Rio Grande. Neste país, refere Southey, estribado em autores do século 17, vive um anfíbio feroz chamado *ao*, de conformação análoga à da ovelha, mais voraz porém do que o tigre e com não menos formidáveis presas e garras. Se um índio, para lhe escapar, sobe a uma árvore, o animal, ou espera pacientemente até que a presa venha a tombar desfalecida, ou com berros chama os companheiros que quais castores, se põem a roer o tronco¹⁸.

É provável ser o *ao* o famacósio dos primeiros naturalistas, do qual dizem Techo e depois Lozano que do pelo se fazia uma peça de fato, a qual deram o mesmo nome, de maneira que não se sabe qual das duas concepções seja a mais antiga.

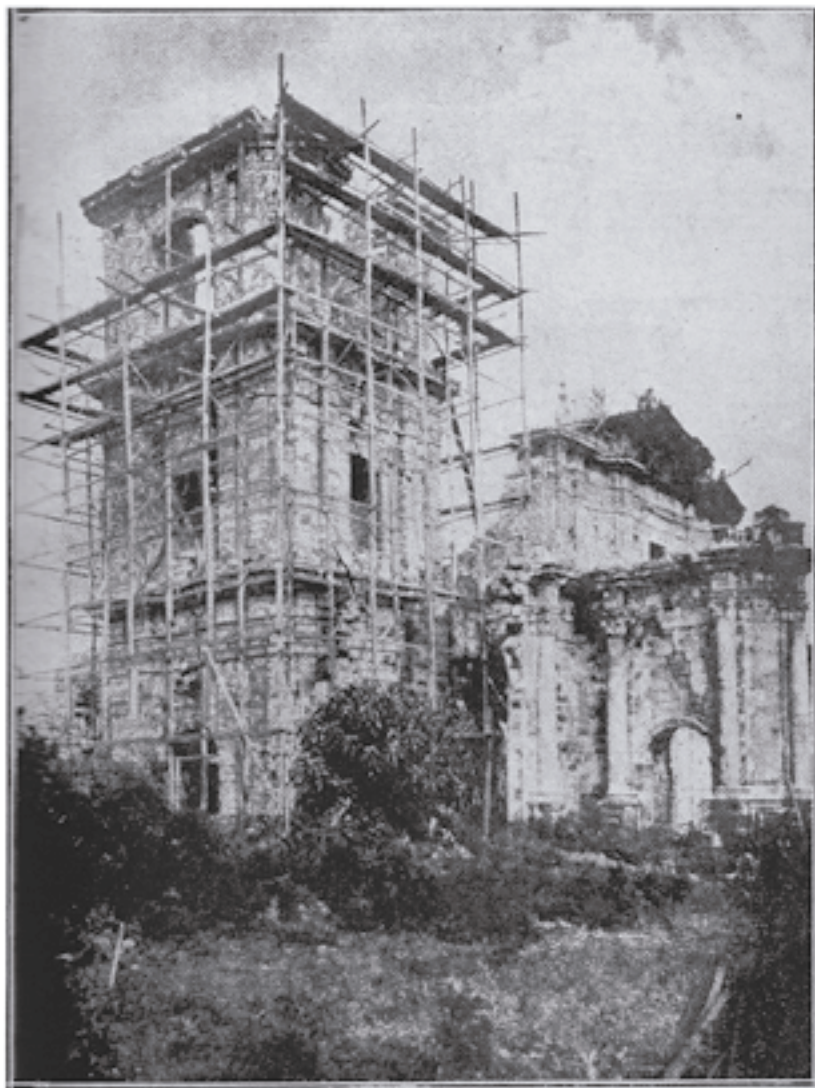
Que os campos do Rio Grande já estivessem povoados também de gado vacum é provável.

Quanto ao reino mineral, só temos as informações de Techo, que fala da abundância de pedras cristalinas, as quais poderiam aproveitar a indústria europeia. Serão, sem duvida, as ágatas e cristais de rocha, tão comuns na região serrana.

A nação tape, pertencendo ao grande tronco guarani¹⁹ era tão numerosa que o nome se tornou designação genérica de muitas tribos. Diziam que era a gente mais disposta a aceitar o evangelho, mas tão feroz a achou o P. Roque e tão alheia à doutrina, que se convenceu de ainda não ter chegado o tempo propício para a catequizar.

18. Parece extinta essa singular fera. Uma passagem de uma carta que vem nas Letf. Edif. t. 15, podia dar essa explicação dizendo: Hallaron los indios el secreto de deshacerse de estos animales. Se juntan on cierto número y forman una fuerle palizada, en la qual se encierran. Luego dan grandes gritos y acuden de todas partes los animales: y entretanto que trabajan en sacar tierra para que caygan las estacas, los matan los indios sin riesgo alguno con sus flechas.

19. Vide. *Habitantes primitivos do Rio Grande do Sul*. Rio Grande, 1911.



A torre da igreja de S. Miguel durante as obras de conservação.

XXII

A mais antiga descrição do Rio Grande do Sul

Tendo o P. Roque voltado de tão longa excursão aos Tapes, dirigiu ao P. Nicoláo Durán um relatório que contém a mais antiga descrição do Estado do Rio Grande do Sul. Foi escrita na redução dos Reis em 15 de Novembro de 1627, um ano antes do martírio²⁰. Deste precioso documento colhemos que não foi de corrida que visitou a região missioneira e a Serra Geral.

Descreve primeiro a posição e extensão do território. De Buenos Aires à redução dos Reis na foz do Ibicuí há 100 léguas de distância, deste último ponto até S. Nicolau vão 50 léguas, que é o melhor terreno em todo o Uruguai e Paraguai, certamente grande e insuspeito louvor em boca de quem tantas terras andou.

Da densidade da população dá-nos o seguinte cálculo. Todo o Uruguai é habitado por 20.000 índios que cultivam a terra, com exceção de dois ou três mil que vivem da caça e da pesca na planície entre Buenos Aires e Yapegú.

“É falso, acrescenta, haver milhares de índios no Ibicuí, como dizem os governadores, e quem afirma viverem 100.000 índios no Uruguay funda-se em informações de índios, que não sabem dizer a verdade; a quatro chamam muitos e de cem dizem que são tantos como as ervas do campo.”

Com o que acabamos de referir concordam os missionários brasileiros, que abertamente chamam aos tupis mentirosos: *Tupis et Guaranis eiusdem furfuris, semper merdaces*, i. é, “guaranis são da mesma laia, sempre mentirosos”.

20. Ch. Calvo, *Recueil Historique complet des Traités de l'Amérique*. tom. XI pp. 206. 218. — Gabriel Soares e um autor anônimo que vem citado no t. XXVI da Revista do Instit. Hist. Brasileiro esboçam o litoral do Rio Grande na ocasião de descreverem a mata do Brasil. Do interior, porém, do seu sistema orográfico e potamográfico, da extensão do país, da índole dos seus habitantes, do comércio com os portugueses no Jacuí, deu-nos Roque González as primeiras informações. Também as indicações e dados relativos ao Rio Grande no primeiro mapa do Paraguai que veio à luz pouco depois da sua morte, fundam-se neste relatório. O mencionado mapa dá, segundo Alexandre von Humboldt, a primeira vez todos os grandes traços do boa parte da América do Sul.

“Em todo o Tape, escreve na mesma carta, não há um posto para reduzir nem sequer duzentas famílias, porque, como antigamente devia ser muita gente, destruíram os matos e acabaram com eles e agora só há capoeiras e assim lavram entre cerros e penhascos. Por isso acham-se distribuídos em aldeinhas, das quais as maiores são de cem índios.”

Passa a dar-nos o P. Roque uma notícia preciosíssima de nossa história primitiva, asseverando que já naquele tempo os portugueses, deixando os navios fora da barra, subiam pelo Jay (o nosso Jacuí) para comerciarem entre os guaranis em roupa e chapéus.

Em seguida propõe ao provincial um plano para compreender aquelas terras no âmbito da atividade missioneira.

“Venhamos agora à substância das coisas, como se há de reduzir aquela gente e por onde cumprir entrar. Eu, como já disse, lá estive, examinei e quase que cheguei a medir aquela terra, de modo que vi por onde temos que iniciar a conquista espiritual, e é pela banda de S. Nicolau, porque do Piratini, sobre a qual está S. Nicolau, há 20 léguas ao Tape, mas pelo Ibicuí haveria a vencer 100 léguas, antes mais que menos, porque de S. Nicolau até Reis, em frente da embocadura do Ibicuí, há 40 léguas e de lá ao Tape 60.”

Aponta mais um motivo para se preferir o roteiro recomendado, patenteando grande talento de organização. “Por esta via conseguiremos dispor nossas reduções uma perto da outra, como já começamos, porque da Conceição a S. Nicolau não há mais de cinco léguas, de forma que se acodem mutuamente com facilidade e, o que é o principal, se coadjuvam em reduzir o gentio; porque é certo que uma redução funda outra e esta a seu turno terceira, o que não se dará se estivessem separadas por 40 a 50 léguas.”

Outra proposta poderia à primeira vista causar estranheza. Dá conta ao provincial de ter informado o governador que seriam necessários dois núcleos espanhóis, para servirem como de freio às reduções, conservando-as em temor, sem o qual entre índios não se conseguia fruto de durar. Aquele medo que tinham aos espanhóis considerava ser traça da providência divina, para levar os filhos das selvas ao conhecimento do Criador e seu divino serviço. Invoca neste ponto uma experiência de quase quarenta anos.

O papel que os espanhóis desempenharam-no ao depois os portugueses e mamelucos, por temor dos quais não ousavam os neófitos deixar as reduções. Mas na nossa “História do Rio Grande do Sul”, vol. I, cap. V, provamos como naquelas cristandades sucederam ao motivo do temor outros mais elevados.

Termina o P. Roque a citada carta com avisar-nos que nesta expedição duas vezes arriscou a vida e que pode afirmar que em todos os seus trabalhos e expedições apostólicas não sofreu tanto como nesta ao Tape.



Parte lateral da antiga igreja de S. Miguel, dos índios guaranis.

XXIII

Trabalhos apostólicos na região das Sete Missões

Informado o P. Roque, em fins de 1627 ou início de 1628, por um morubixaba, que ao norte do Piratini ficava uma região chamada Caasapamini, muito própria para se fundar um aldeamento e que seus habitantes estavam dispostos a aceitar a pregação do evangelho, para lá se dirigiu e fundou Candelária²¹, assim chamada por celebrar a igreja na data da fundação a festa da Purificação de Nossa Senhora.

Naquele mesmo dia houve batismo solene, conferindo-o o P. Roque em pessoa a 176 catecúmenos, e no mesmo ano conseguiram reduzir três mil índios, número que mais tarde se elevou a sete mil.

Deixando o P. Romero á testa de tão auspiciosa cristandade, continuou o P. Roque, a devassar as terras vizinhas para preparar o terreno aos novos missionários cuja chegada esperava. Entrou primeiro nas selvas do Caaró, onde as exortações do P. Romero e o bom exemplo dos povos vizinhos já tinham produzido alguma inclinação à doutrina. Dos sessenta tuxavas que lá moravam, induziu a maior parte a não fazerem roça mui longe, removendo desta maneira um obstáculo para uma povoação futura.

Depois de lhes ter prometido um missionário, dirigiu-se aos extensos bosques que correm ao longo do Ijuí, abrigando umas quinhentas famílias sob tuxavas diversos, entre os quais havia um chamado Nheçum, que era respeitado como chefe supremo pela eloquência nativa de que dispunha e arte mágica que exercia.

Rodeavam-no constantemente adutores de diversas tribos, aos quais exigia, em troca do alimento quotidiano, o venerassem como divindade. Este grupo, como é óbvio, não podia deixar de odiar o missionário e opôs-se à evangelização. Sem reacear-lhe a ferocidade, foi ter com este chefe o P. Roque e com tamanha autoridade lhe falou que o sujeitou à lei de Cristo.

21. Não se confunda esta povoação com outra do mesmo nome margens do Ibicuí, a qual não passou da fase inicial.

Para separá-lo da roda dos lisonjeiros e confirmar-lhes as boas disposições, o levou a S. Nicolau, onde lhe preparou recepção solene. Nheçum, voltando ao Ijuí, mandou levantar igreja e casa para os missionários e até induziu os tuxavas, seus vizinhos, a lhe imitarem o exemplo; mas não largava as feitiçarias, nem despedia as concubinas.

Tendo, apesar de tudo, o P. Castillo dado informação favorável a respeito deste indivíduo de duvidosa sinceridade, lançou o P. Roque no dia da Assunção de Nossa Senhora de 1628 os alicerces duma aldeia e templo, ambos dedicados à Virgem, constituiu autoridade civil, presenteou a vários tuxavas e, tendo exortado o povo em prática fervorosa, lhe deu como cura de almas e administrador temporal o P. Castillo.

Despediu-se deste seu companheiro com sentimento e mágoa, por deixá-lo tão só como cordeiro entre lobos. Quanto, de fato teve de sofrer naquele posto avançado este padre, bem o revelou numa carta que dirigiu ao P. Boroa, dizendo: “Não se pode exprimir com palavras quanta virtude é necessária para catequizar índios: já tinha eu reunido umas quarenta famílias, quando uns homens indômitos começaram a pôr à prova minha paciência, mas por nada me apartei do caminho que tenho que seguir. Oxalá tivera eu as virtudes do P. González, então não seria indigno de apascentar este rebanho.”

O superior da missão do Uruguai e Paraná chegara entretanto ao Tabaty, afluente do Uruguai. Agradou-se daquele sítio e prometeu aos índios um missionário, logo que o tivesse à disposição.

XXIV

Funda o P. Roque a redução de Caaró

Neste comenos se soube que os novos missionários vinham subindo o Paraná. Alvorçado lhes foi ao encontro o P. Roque, esperando-os em Itapua.

Recebeu-os com grande contentamento para recreá-los, fez por seus neófitos representar vários jogos cênicos. Em seguida os instruiu como deveriam tratar os índios e dividiu-os, enviando uns para Assunção e outros para o Guaíra²².

Ele mesmo, em companhia do P. Rodriguez. se dirigiu ao Ijuí e Caasapamini e, dando uma volta, entraram no Caaró em 31 de Outubro de 1628.

Era este o nome duma terra que, entestando com o Uruguai, se estendia dez léguas para o interior, não se distinguindo da vizinhança senão por uma população mais densa.

Era o torrão que havia de ensopar com o sangue o nosso infatigável apóstolo, lugar tão caro a nós e até há pouco inteiramente desconhecido, o qual à custa de repetidas pesquisas e não pequenos sacrifícios conseguimos finalmente determinar. (cf. o mapa e o A. do apêndice e o cap. 33 desta biografia).

Achando-se encravado entre aldeias já cristãs, Caaró fecharia dum lado, depois de evangelizado, o baluarte contra os pagãos e do outro abriria o caminho para o Atlântico.

22. A desacertada tradução que fez D. M. Serrano y Sanz da "Historia Provinciae Paraquariae Soe. J." - diz que o seu autor, o N. Techo, estava entre os missionários recém-chegados da Europa e recebidos pelo superior das missões, o P. Roque: "Mientras todo lo referido acontecia, llegaron nuevas de que diez misioneros venidos de Europa navegaban rio arriba por el Paraná, y estaban ya cerca del P. González, quien, alegre al saberlo, fué á Itapúa, donde lo vi por vez primera; nos recibió á todos con grandísimo contento, y nos recreó con vários juegos que hicieron los neófitos. En seguida nos instruyó de como debíamos tratar á los indios..." Que o P. Techo não estava presente na dita recepção feita pelo P. Roque aos recém-vindos, nem o viu pela primeira vez nem jamais chegou a vê-lo nesta terra, evidencia o respectivo texto original em latim que copieie da edição de Lovaina de 1673 que assim reza: "Itapum celerrime properat (Gonsalvius), quo codem ferme temporis momento, ipse et novi hospites convenere..." (liv. VIII, cap. 21). Nada se encontra aqui que se refere ao P. Techo nem que visse ao P. Roque a primeira nem outra vez; era um impossível, sendo que Nicol. de Toiet Techo) estava então na Europa tendo dezessete anos de idade.

Tendo-se ouvido o voto dos tuxavas e sobretudo de Quarabay sobre a nova fundação, arvorou-se uma cruz e nomearam-se correge-dores para a nova aldeia, a que se deu a invocação de Todos os Santos, por ser o dia 1.º de Novembro. Começaram os missionários a batizar as crianças e instruir a gente, não suspeitando que estavam em véspe-ras de serem vítimas de tremenda conjuração.

XXV

A conjuração

Quem urdiu a trama de maliciosa crueldade, foi, como já apontou acertadamente Southey, um certo Potivara, índio fugido das reduções, que votava aos padres um ódio fidalgo e lhes linha jurado a morte, como parece provar um atentado anterior contra o P. Aragón.

Procurando quem lhe servisse de companheiro na empresa infernal, encontrou-se com Nheçum²³. Reconhecendo nele a índole soberba, fingia acreditar-lhe, como o vulgo néscio, no caráter divino e, para arraigar ainda mais tão desvairada opinião no ânimo, cuja vontade e simpatia procurava ganhar, lhe dizia que acharia obediência no céu e no tempo, nas selvas e feras. Sujeitar-se a um sacerdote seria nele aviltamento da sua soberania divina à condição de súdito e escravo; acrescentava que os padres lhe tirariam as concubinas para as darem em matrimônio à gente vil, deixando-lhe para maior confusão tão somente a mais velha. Estimuladas desta sorte as paixões, o pajé soberbo e sensual determinou lavar no sangue dos missionários o lábio de leviandade com que os tinha admitido.

Não admira tamanha crueldade em selvagem cujos costumes ainda nada tinham de cristão e que bem sabia o alvo que tinha em mira o P. Roque, insistindo na unidade e indissolubilidade do matrimônio.

23. Não se deve com Charlevoix (liv. 7) e Southey (cap. 23) confundir este adivinho com o morubixaba Diego Nieza. Veja Append. crit. B.

O primeiro golpe havia de descarregar-se sobre tão incômodo pregador, que naquela ocasião estava no Caaró, onde viviam dois tuxavas que também julgavam possuir algo divino ou sobre-humano. A estes mandou o recado de assassinar aos padres, enquanto ele, tendo dado sorte igual aos missionários que lhe estavam mais à mão, reuniria os índios para um ataque contra as demais reduções, com cujos tuxavas tudo se achava combinado.

Desenvolveu Nheçum uma atividade de espantar para sublevar o povo no Ijuí. Repreendia os que já seguiam a lei de Cristo ou vinham trazer os filhos ao batismo e, enchendo-se de furor, ameaçava-os, como se regesse o mundo inteiro, com pavorosa esterilidade nos campos e medonhos temporais.

XXVI

Martírio do venerável P. Roque e seus companheiros

Ainda no dia 15 de novembro, em que havia de deixar este mundo, escreveu o P. Roque uma carta ao P. Romero que nos mostra quão pouco se arreceava do perigo. Dizia nela que tudo ia em bom andamento e que pouco faltava para se reduzirem quinhentas famílias.

Ouçamos agora a relação dos tristes sucessos no Caaró. Celebrara o P. Roque o santo sacrifício, sem suspeitar que seria o seu viático, e feita a ação de graças costumada, mandou vir um neófito, para guindar um sino a uma árvore. Acudira muita gente à praça e em frente à igreja.

Caarupe, um dos conjurados, julgando a ocasião oportuna para executar o plano sanguinário, mandou alguns índios acercar-se do padre, armados de instrumentos que pareciam convenientes ao trabalho que se fazia. Cercaram a vítima para evitar que lhes escapasse ou lhe viesse auxílio de fora. Nisto curvou-se o padre sobre o sino para prender o badalo, e a um aceno de olhos de Caarupe²⁴ um gol-

24. Em Astrain (*Historia de la Compañía de Jesús en la Asistencia de España*), tomo V. p. 514 erradamente aparece presente ao martírio como ocupando o lugar de Caarupe, o morubixaba Nhegum ou Necú).

pe de macana vibrado por Marangoa prostrou por terra, exânime, o sacerdote, enquanto outro índio, amiudando furiosamente os golpes, partia-lhe o crânio.

Foi assim que aquela generosa alma, livre já das peias do corpo, voou para as regiões da paz e luz eterna.

O dia memorável em que a terra rio-grandense bebeu o sangue do seu primeiro apóstolo foi o dia 15 de novembro do ano de 1628.

O alarido que levantaram os algozes, ébrios de alegria, atraiu o P. Affonso Rodríguez, que numa cabana estivera a recitar as horas canônicas. Mal apareceu, rodearam-no os malfeitores, trucidando-o com a mesma sorte, de suplício. Contava o jovem missionário 33 anos de idade e, segundo o provincial P. João Ferrufino, levou ao túmulo a túnica da inocência batismal. Era devotíssimo da paixão de Cristo, em cuja meditação tão copiosas lágrimas derramava, que por pouco não o cegaram.

Se eram numerosos os índios que se alegravam com o assassino, não faltou também quem tivesse compaixão dos missionários indefesos, que ainda depois de mortos eram alvo duma crueldade ferina. Despiram e esquartejaram-nos, arrancando-lhes os intestinos.

Em seguida profanaram os paramentos, quebraram os vasos sagrados, derrubaram o altar, rasgaram o missal e também aquele quadro da Virgem, chamado a “Conquistadora”, companheiro inseparável do P. Roque, quando saía a novas conquistas apostólicas.

Enfim atearam fogo na capela, lançando nele todos os crucifixos.

Mas não eram estas as únicas coroas que havia de distribuir aquela perseguição. O velho sogro do tuxava Guarobay, já catecúmeno e um daqueles que admitiram os padres, chegou à praça, ignorando completamente a conjuração e o crime que acabava de se perpetrar.

Vendo o que sucedera, exprobrou aos assassinos tão covarde atentado contra sacerdotes inermes, a quem eram mais devedores do que aos próprios pais, porque a estes só deviam uma vida semelhante à das feras, enquanto aqueles lhes tinham ensinado a viver como convivinha a filhos de Deus.

Passou a estranhar a sevícia exercida contra os despojos mortais de pessoas de quem já nada tinham que temer.

“Que loucura, terminou, darem-se os parabéns por tão horrendo crime, como se fosse façanha gloriosa!”



Martírio dos padres Roque González e Afonso Rodríguez

Não podendo os malfeitores sofrer tão justa repreensão, atiraram-se sobre o velho e o fizeram em postas. Também um dos rapazes que trouxera o P. Roque, para servirem de acólitos, reprovava corajosamente a crueldade covarde dos conjurados, enquanto o companheiro escondia os santos óleos, para os subtrair à profanação.

Só o receio da vingança dos pais e parentes impediu aqueles desatinados de matar também a estes intrépidos meninos que serviram, ao depois, de testemunhas do glorioso martírio e dos acontecimentos que o acompanharam.

Quando, pouco depois, recebeu Nheçum a notícia do se dera no Caaró, não cabendo em si de contente, vestiu um manto feito de penas, convocou a sua gente e foram em busca do P. Castillo. Achan-do-o em casa, fingiram que vinham receber os presentes costumados e tão apetecidos. Mas apenas o padre lhes trouxe grande quantidade de cunhas de ferro e de anzóis que tinham pedido, traiçoeiramente lhe amarraram os braços e as mãos.

Supondo a vítima que era a cobiça motivo da agressão, ofereceu-lhes quanto tinha em casa e mais a própria pessoa em escravo. Porém os verdugos lhe tornaram: “Matar-te-mos, como já foram mortos Roque e Affonso.”

“Não me tirareis a vida, contestou o P. Castillo: tal morte é princípio de vida melhor.” Mal pronunciara estas palavras, ataram-lhe uma corda grossa e o arrastaram para fora da aldeia por pedras e sarças, apupando a vítima com gritos de escárnio. Feriam-lhe o rosto e o corpo com golpes de espada e atravessaram-lhe os olhos com seitas. Finalmente o acabaram, esmigalhando-lhe a cabeça, já toda enlameada, com uma saraivada de pedras.

Deixando no bosque o corpo do mártir, como pasto aos tigres, entre exclamações de regozijo voltaram á aldeia.

A morte do P. Castillo se deu no dia 17 de novembro, dois dias depois do martírio dos padres González e Rodríguez.

XXVII

Atividade ulterior de Nheçum

Nheçum pôs imediatamente saque à capela e reservando para si os paramentos ou por zombaria ou em sinal de triunfo, apresentou-se ao povo revestido de casula. Mandou que lhe fossem apresentados os meninos batizados para os desbatizar, como ele dizia.

Inventando um rito para este efeito, lavou-lhes a cabeça com areia, rapou-lhes a língua e peito com uma concha, como para dar a entender que lhes apagava na alma o efeito do sacramento. Enfim para ser a cerimônia bem diferente da que usavam os padres, rebatizou os meninos, deitando-lhes sobre os pés agua duma cabaça, que trazia escondida, inculcando ao néscio vulgo uma origem mágica do liquido.

“Não vos parece, perguntou finalmente com estólida presunção, que sou um deus a valer e sei batizar bem?” Terminou exortando a todos deixassem a doutrina pregada pelos padres e voltassem ao teor da vida antiga.

Para o dia seguinte estava marcado marchariam sobre o Piratini para dar a morte aos missionários lá residentes. O P. Affonso de Aragón, informado do que se tramava, já se ia preparando em fervorosa oração para o sacrifício da vida.

Em S. Nicolau, primeira fundação do P. Roque em terras do Rio Grande, só se achavam alguns jovens, porque o mais da gente andava fora, ocupada nas lavouras; porém estes poucos, enchendo-se de coragem, dispuseram tudo para uma resistência valorosa. Os padres, não querendo desamparar os neófitos, postaram-se à porta da igreja, mas estes não lhò consentiram, dizendo que deste modo todo o povo arriscava a perder os pais espirituais.

Nisto aparecem os índios de Nheçum, pintados para a guerra à maneira pagã, e dando gritos selvagens, lançaram-se sobre a pouca gente que viam de frente. Esta sustentou o combate desigual com galhardia, mas enfim venceu o número e os agressores, já senhores da aldeia, procuravam por toda a parte os padres Aragón e Clavijo, esquadrinhando o templo e casa de residência. Não os achando, para obrigá-los a sair do esconderijo, lançaram fogo sobre o colmo da igreja, arrancando e acendendo folhas dos livros do P. Affonso, os quais traziam sobre a cabeça como adorno triunfal.

Corria o mês de novembro e os calores eram intensos, mas com pasmo geral não se ateava o incêndio.

Neste entrementes, cobrando ânimo, voltaram os jovens à carga. Reacende-se a peleja, são mortos uns 60 pagãos e muitos feridos, enquanto os cristãos escapam com poucos e insignificantes ferimentos.

Os padres tinham-se retirado para Conceição, aonde o P. Alfaro, a cujo cargo estava aquela redução, tinha chamado o chefe Nicoláo Nienguri, que acudiu com vários tuxavas e muita gente.

Ao saber dos acontecimentos, declarou com seus companheiros que não havia outro meio de salvação senão a guerra aberta aos infiéis e, sem perda de tempo, dirigiu-se, à testa de 200 homens escolhidos e bem armados, para o Piratini, com o fito de tolher o passo ao invasor que de poucas forças dispunha.



Morte do P. João del Castillo, martirizado pelos guaranis a 17 de novembro de 1628.

XXVIII

Castigo de Nheçum e mais conjurados

Chegando a notícia da morte dos padres Roque e Rodríguez às outras reduções, grande foi o temor dos missionários, qual ainda cresceu com os boatos adrede assoalhados pelos infieis, para exagerarem a extensão do levante.

A inquietação, porém, tocou ao auge, quando souu pela terra ser morto o P. Castillo e ter Nheçum, conforme se dizia, assalariado as tribos costeiras do Atlântico para dar cabo das reduções.

Entretanto tinham-se juntado sobre as margens do Uruguai uns 800 guerreiros para fazer frente ao inimigo.

Dirigiram-se ao Ijuí, onde só encontraram o irmão Antonio Bernal, que não tendo onde encerrar os ossos do P. Castillo, os levava numa batina para Piratini. No dia imediato chegaram à vista do inimigo e, mandando-lhe mensageiros, exigiram a extradição de Nheçum e dos demais assassinos, se quisessem voltar em paz.

Responderam os infieis com um chuva de setas. Avançaram pois os cristãos com denodo e, desbaratando os contrários, juncaram o campo de cadáveres, enquanto o exército vencedor não teve outras baixas senão três mortos e trinta feridos.

Nheçum conseguiu evadir-se, pois antes de travar-se a luta já passara o Uruguai numa balsinha feita de ramos. Por muito tempo não se soube ao certo do seu paradeiro: correu o boato que sucumbira vítima dum troço de índios errantes, notícia que enfim acalmou o sobressalto em que viviam os índios reduzidos de uma nova agressão da parte de inimigo tão encarniçado. De fato só em 1644 foi preso pelos paulistas no salto grande de Uruguai.

Mas voltemos aos sucessos do Ijuí. Toda a população se rendeu ao vitorioso Nienguiri, que destruiu as casas de Nheçum, tão numerosas como as concubinas, e deu-se pressa em alcançar S. Nicolau, onde encontrou um reforço valioso. Acabara de aparecer um esquadrão de cavalaria espanhola que o cavalheiro português Manoel Cabral, residente em S. João de Corrientes, armara à própria custa.

Também os padres franciscanos Gregorio Osuna e João Gomarria tinham mandado uma tropa auxiliar de 400 neófitos. Outra força trouxera Arepizandú e alguns tuxavas das reduções vizinhas.

A alma de toda aquela resistência bem-organizada fora o reitor do colégio de Assunção e vice-provincial, o P. Diogo de Boroa que, não tendo alcançado nada do governador, não poupava esforços para reunir as tropas mencionadas, e em pessoa as acompanhara até S. Nicolau.

E viera a tempo. Pois já no dia seguinte investiram contra a aldeia 500 índios do Caaró, sem suspeitarem que se achava ocupada por tanta gente de escol.

Tanto maior foi o assombro, ao verem cavalaria espanhola, e cegos de terror se meteram pelos bosques, onde os esperava Nienguirí, dizimando-os sem piedade. Cabral, conseguindo fazer junção com esta tropa, decidiu a vitória. Entre os 58 prisioneiros também se achavam os assassinos do P. Roque, cuja morte vingaram no dia imediato, quando se apossaram de Caaró.

Sob a presidência de Cabral e Nienguirí, deliberaram os tuxavas sobre o castigo que convinha infligir aos rebeldes. Houve três pareceres. Uns pediam a pena capital para todos, outros queriam restringi-la só aos autores do levante e enfim desejavam os padres se poupasse a vida a todos, porque não queria a Companhia vingar com sangue a morte de seus filhos.

Prevaleceu a sentença de Cabral, que condenava à morte os cabecilhas da sedição e mais doze dos conjurados cativos.

Caabure e Gaarupe morreram enforcados. Marangoa foi sentenciado no mesmo sítio onde tirara a vida ao P. Roque. Só Caabure terminou a vida blasfemando, os demais receberam o batismo.

Potirava, tendo escapado da batalha, mas entregue por um dos companheiros, foi também executado.

Todos os prisioneiros declararam a uma que o móvel da rebelião não fora outro senão o ódio à religião de Cristo e o apego às crenças antigas.

Marangoa declarou que ouvira o P. Roque falar depois de morto e referiu as palavras que saíram do coração já arrancado do corpo. Passemos a relatar este facto. (V. Append. crit. R e N. X.).

XXIX

O coração do P. Roque

Os leitores estarão lembrados que os assassinos lançaram os despojos dos mártires no fogo que devorava a capela. Muitas testemunhas oculares depuseram no inquérito jurídico que, ao voltarem os índios, acharam os corpos quase ilesos do fogo e para maior confusão dos criminosos ouviram uma voz que parecia sair do coração do P. Roque, dizendo-lhes o que várias testemunhas substanciaram nestes termos:

“Ternamente vos amei e em paga de tanto afeto me destes morte cruel, mas não tivestes poder senão no corpo, minha alma goza da gloria do céu. Muitos serão os castigos que sofrereis pelo parricídio, pois filhos meus vingarão o desacato com que tratastes a imagem da Mãe de Deus.”

Alguns acrescentavam ainda ter-lhe ouvido que novamente lhes havia de acudir e trazer auxílio.

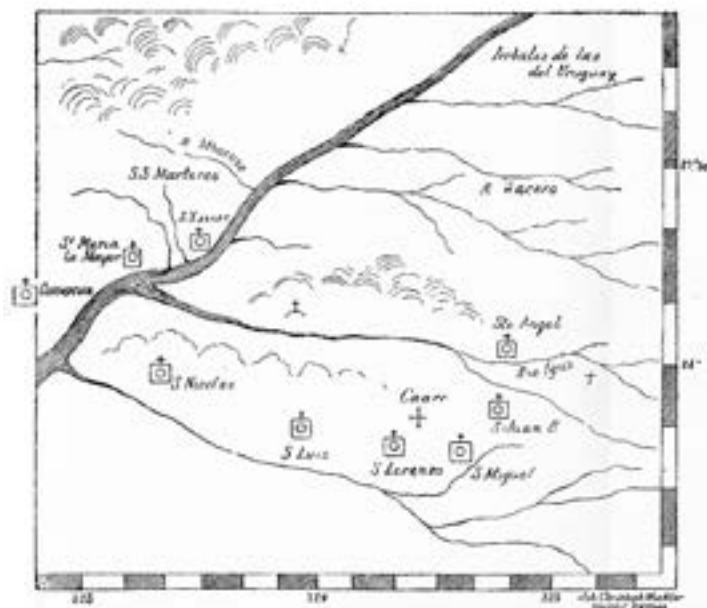
Palavras dignas de discípulo de Cristo, - que ainda na cruz perdoou aos verdugos, — e sentimentos próprios de mártir, pois já o protomártir S. Estevão orara pelos perseguidores.

Mas os índios de Caaró bem longe estavam de tomar a peito doutrina tão comovente; enchendo-se de furor, investiram Caarupe e Marangoa contra aqueles despojos do mártir como quem queria sufocar a voz maravilhosa.

“E ainda fala o embusteiro!” exclamou um deles. Mas notando Caarupe que os lábios já desfeitos pelos golpes reiterados não podiam articular palavra alguma, mandou ao algoz abrir o peito à vítima. Mas nem assim calou a voz. Buscando donde partisse, enfim se convenceram que sabia do coração. Cheio de sanha cruel, atravessou-o então Caarupe com uma flecha que terminava em ponta de ferro. E, atirando a fogueira meio apagada, tornaram a lançar nela os membros truncados, mas o fogo, que reduzira a cinzas a capela e casa de residência, não os consumia²⁵.

25. Agradeço aqui ao Exmº Sr. General Bartholomeu Mitre (já falecido) a gentileza com que durante alguns meses me franqueou o acesso à rica biblioteca americana que possuía. Foi lá que encontrei o texto latino de Techo, hoje tão raro que nem se acha nos maiores colégios da

Além do que temos referido, asseveram as testemunhas que todos a quem tingiu o sangue do P. Roque as mãos, as tiveram depois cobertas de uma espécie de pústulas, as quais, em se abrindo exalavam cheiro tão insuportável aos próprios criminosos que não podiam deixar de reconhecer o castigo de Deus (Southey cap. 23), que este era o mal que o coração do P. Roque tinha dito lhes havia de vir.



Misiones Soc. Jesu Paraguayenses, desumptae ex P. Lozano

Companhia. O exemplar que consultei pertencera ao noviciado em Bordéus, pois acham-se no frontispício os seguintes dizeres: "Domus Prob. Burdigal. Soc. Jesu Cat. inscript." A edição é de 1673. "Leodii ex-offic. typogr. Math. Hovii. Sub signo Paradisi Terrestris 1673." O trecho citado enche quase o cap. 25 do livro VIII e reza assim: "Interim accidit res mira dictu: quippe Rochi Gonsalvi cor ex ipso cadavere gravi et articulata oratione in hunc modum carnifices perstrinxit": "Occidistis corpus meum et ossa mea confregistis, non spiritum, qui jam inter Beatos regnat. Ob id magis ac (maiores?) vos manent calamitates; nam filii mei (Neophytos intelligebat) injuriam Dei Matris imagini illatam ulturi convoiabunt." Unanimes hoc asseruere auriti et oculati testes captivi, quorum aliqui addidere alias voces ex eodem corde fuisse auditas, quae dicerent, *se illis denuo ad-futurum opemque laturum*: adeo nihil vindictae spirant Martyres in suos occisores, etiam post mortem benevoli. Prodigii raritas non mansuefecit, sed exasperavit obstinatos. Quare Caarupe Marangoa tortori rursus mandat ut, Rocho pectus aperiat, scruteturque unde voces emittat. Is dissecto pectore cor cum eripuisset. Illo. illo. inquit. praesigliator loquitur continuatoque furore sagittam. ferro cuspidatam in illud collimat Iransadigitque..."



O relicário que contém o coração do P. Roque, ainda bastante bem conservado, e que foi levado a Buenos Aires em setembro de 1928 pelo R. P. Thomaz Travi S. J., postulador da causa da beatificação do mártir, depois de ter estado em Roma 295 anos.

Voltando às relíquias dos mártires, temos que dar primeiro notícia sobre o coração do P. Roque. Foi trasladado para Roma e nesta ocasião assevera o P. Nieremberg tê-lo visto, bem como a ponta da flecha, que também se salvara do incêndio. Ainda hoje após três séculos, existe a relíquia preciosa, inclusa numa cápsula de metal dourado que imita a forma de coração. Por duas vidraças de cristal aparece o coração do mártir, enchendo quase todo o interior e mostrando de um lado a ferida feita pela flecha. Remata o relicário uma coroa encimada por uma cruz, a cujo pé se cruzam duas palmas.

A bem lavrada peanha traz a seguinte inscrição:

Cor prodigiosum
Ven. P. Rochi González
A Sta. Cruce. S. J. pro Xto necati
in Paraq.a 15 Nov. 1628

Quer dizer: “O maravilhoso coração do venerável P. Roque González de Santa Cruz, morto por Cristo no Paraguai. em 5 de novembro de 1628.”

Fiz a descrição supra segundo uma fotografia que devo gentileza do Rev. P. Carlos de Souza Gomes S. J., então residente em Roma.

A autêntica que acompanha a relíquia é de 9 de outubro de 1696. Foi nesse dia que, na presença de notário e testemunhas se mudou da caixinha antiga para o atual relicário. Ela era de madeira, de forma oval e de um palmo de comprimento. Estava fechada e trazia cinta cor-de-rosa, duas vezes selada com lacre em que ia expresso o nome de Jesus.

Assim fora conduzida para Roma em 1633 pelo P. J. R. B. Ferufino, procurador eleito e enviado da Província do Paraguai, o qual celebrou também o coração do mártir em sentenças novas e sublimes que começam pelas palavras: “*Cordi omnium cordatissimo*” e terminam pela frase: “*Nemo invulneratus amat.*”

Tendo verificado o notário que estavam intactos os selos, quebrou-os, abriu a caixinha e achou o coração com duas legendas que diziam ser o do P. Roque González. Entregou-o ao P. Ant. Rego, então assistente da província de Portugal, que o encerrou em um cristal de

rocha, o qual, a seu turno, foi incluído na cápsula de metal dourado acima descrita. Fechou-a em seguida e a ligou com uma fita cor de rosa, marcando-a com o selo do seu cargo. (Cf. Mss. ined, n. XI. do Apêndice).

Essa preciosa relíquia foi levada a Buenos Aires em fins de setembro de 1928.

XXX

A “Conquistadora”

Reservamos para este lugar alguns pormenores sobre o quadro da Virgem, chamado a Conquistadora, do qual já por vezes fizemos menção.

Refere Lozano que, antes de passar às mãos de quem tanto o prezava, já alcançara este título. Trazido pelo provincial Diogo de Torres em 1610 para S. Ignácio-guaçú, fora exposto à veneração dos fiéis na igreja da aldeia.

Ora tinham chegado das margens do Paraná dois tuxavas pagãos, atraídos pelo desejo de verem o provincial. Os padres, acolhendo-os o melhor que puderam, aconselharam-lhes à miúdo ficassem residindo em S. Ignácio, para que, aprendendo a lei de Deus, recebessem o batismo. Mas os dois hospedes, negando-se a tudo, insistiam em voltar para a terra natal, dizendo que, acostumados ao peixe quotidiano, não poderiam passar sem ele em S. Ignácio. Os padres lançaram mão do último recurso e rogavam aos jovens ao menos pedissem à Mãe de Deus, representada naquele formoso quadro, as luzes precisas para reconhecerem o que lhes convinha. Anuíram os selvagens.

No dia imediato, sem entender-se um com o outro, vieram ambos ter com o provincial, para lhe declarar que a Virgem os tinha alumiado e já estavam resolvidos a aceitar a religião cristã e juntamente pediam desculpa de sua tão aturada resistência.

Por ter vencido a obstinação dos selvagens, chamavam os padres a Virgem do quadro “A Conquistadora”. A devoção que lhe tinha o P. Roque era extraordinária. Em todas as viagens apostólicas levava-o consigo. Tinha o costume de recomendar-lhe as almas dos selvagens, em cujo território penetrava, e a ela atribuía todos os triunfos que obtinha.

Foi portanto Maria Santíssima que, já nos inícios da história do nosso Rio Grande, o abençoou e cumulou de graças, como se quisessem mostrar-se reconhecidos os filhos desta terra por tão especial favor, deram a uma extensa região o nome de Terra da Mãe de Deus, que é o que quer dizer Tupanceretan²⁶ denominação geográfica que não tornamos a encontrar em todo o Brasil²⁷.

É esta como que a única lembrança que ainda nos resta daquele quadro formoso, consumido pelas chamas do incêndio, que reduziu a cinzas o templo de Caaró no dia do martírio do P. Roque, o qual, como vimos, ainda depois de morto, profetizou seria vingada a injúria irrogada à Mãe de Deus²⁸.

26. Theodoro Sampaio, “O Tupi na geographia nacional”, escreve Vocab. Geogr. Brasilico: “tupã-ci-retama, terra da Mãe de Deus, pais de Nossa Senhora; Rio Grande do Sul.”

27. Moreira Pinto, Diccionario geographico do Brasil. 3 tom., Rio de Janeiro, 1899.

28. Ignorando este fato, diversas pessoas, sobretudo os habitantes de Itaty, na República Argentina, afirmam que uma estátua que lá se acha era a que levava o P. Roque. De mais a mais, é demasiadamente pesada para ter sido transportada tão frequentemente a grandes distâncias e através de matas invias. Cf. o artigo do P. Pablo Hernández S. J. no periódico eclesiástico de Buenos Aires de 1904. — Num relatório que passa por obra do P. Ferrufino, se diz claramente que era pintura (Pastells II. p. 514). — Frei Pedro J. de Parras, franciscano, que visitou Itaty em meados do sec. 18, escreve que “es una imagen de María Santísima aparecida en aquel sitio, muy milagrosa.” (Diário, na Rev. de Ia Bibl. de Buenos Aires, t. 4, por Trelles, p. 283). Nada sabe do P. Roque nem da “conquistadora.” — ... la conquistadora”... la rasgaron con sacrilega impiedad.” (carta do P. Vásquez Trujillo ao P. Mucio Vitelleschi, Buenos Aires 22 dez. 1629).

XXXI

O cavalo do P. Roque

Outro incidente que acho nas fontes não o julgo dever calar, porque, apesar de causar estranheza a muitos, não deixará de despertar um quê de simpatia no rio-grandense, filho da região dos campos.

Um dos tuxavas conjurados levava o cavalo do P. Roque, mas o animal de abatido não pastava. Por mofa disseram os índios que o vieram ver: “E’ que chora a morte do amo Roque”.

Ouvindo este nome, começou o animal a relinchar tristemente e toda a vez que ouvia o nome do amo dava este e outros sinais de pesar. Debalde tentavam nele cavalgar, cuspidos a todo cavaleiro, até que afinal um índio se lembrou de vestir a batina do mártir. Eis que o animal lhe obedece, mas só enquanto o selvagem trazia aquele despojo; mal largava a batina, não achava meio de subjugá-lo.

Convencendo-se assim todos de que de nada lhes serviria tal cavalo, o qual, ainda pelo pesar que mostrava, parecia exprobrar-lhes constantemente o crime, a flechadas o mataram.

O luto deste irracional, diz Eusebio Nieremberg, não deixou de impressionar um ou outro dos assistentes e o tuxava que o tivera em seu poder chegou a converter-se, chamando-se Diogo de Tambabe. De perseguidor que antes fora, veio a ser defensor acérrimo dos cristãos e propagador zeloso da fé.

Quando um missionário se dispunha a entrar por terra de infieis, oferecia-se Diogo para o acompanhar e auxiliar.

Nessas excursões exortava os fiéis com viva e eficaz eloquência. Sucumbiu mártir de caridade, pois, servindo aos enfermos em tempo de peste, foi vítima do contágio. Quando já se debatia nas vasculas da morte, invocava ainda o nome do glorioso mártir, pedindo-lhe entre lagrimas perdão, dizendo que não soubera o que fazia, quando deu morte a quem lhe vinha trazer a vida. (V. B. n. II).

XXXII

Honras feitas às relíquias

Desbaratada a conjuração, voltaram os vencedores ao povo de N. Sra. da Conceição em procissão que mais tinha de triunfal que de funerária.

É o protestante Southey que no-la descreve : “Erigiram-se, diz o autor, pelo caminho arcos festivos e acenderam-se fogos de alegria. Os ataúdes em que iam os santos restos eram alternadamente levados por morubixabas e oficiais espanhóis, marchando de um e outro lado jesuítas, que de toda a parte afluíam a assistir à solenidade. Seguiu-se o exército em ordem de batalha e no meio os prisioneiros; após vinham as crianças da redução, depois as mulheres, logo atrás os homens e por fim os tuxavas.”

Inumaram-se os despojos imortais em Conceição, menos o coração do P. Roque que, com a flecha do suplício, foi mandado para Roma, como acima referimos.

Quando chegou a Assunção, não foi fácil salvá-lo da devoção importuna dos seus patrícios, que todos a uma pediam uma partícula da relíquia que tanto prezavam.

No ofício solene que se celebrou em ação de graças pela coroa do martírio, foi cantado o *Te Deum* por um irmão do mártir que era cônego da catedral. “Outro tanto, diz o P. Techo. fizeram os noviços da Companhia e de S. Francisco e solicitaram alguma relíquia dos mártires. O bispo do Paraguai pôs-se de joelhos ante os seus despojos e disse que se carecia de autoridade para conceder-lhes culto público, sempre os veneraria privadamente. Mucio Vitelleschi, geral da Companhia de Jesus, ficou com o coração do Padre González, atravessado por uma seta. Celebraram a memória dos vitimados religiosos a Academia de Córdoba em um certame ou concurso literário, Nieremberg com um panegírico, o P. Ferrufino em uma sinopse dedicada ao rei católico e Alegambe com eloquente elogio.”

Diz o citado historiador Southey que o regozijo público pela sorte dos que tinham sido exaltados às honras do martírio (regozijo

em que todas as classes tomaram parte), bem como a confiança com que não só os jesuítas e os conversos, mas todos os espanhóis descansaram no patronato e intercessão destes novos santos, tudo isto os impressionou tanto pela sua estranheza como pela sua sinceridade.

Nem eles podiam contemplar, sem admirá-lo, o procedimento dos jesuítas, seu desinteressado entusiasmo, infatigável perseverança e as privações e perigos a que se sujeitavam sem nenhum respeito mundano. Aos que só tinham ouvido falar destes homens portentosos, ganhava a curiosidade de vê-los e os que uma vez caíam sob a influência destes espíritos superiores..." (Southey, Hist. do Brasil, cap. 23) sujeitavam-se ao suave jugo de Cristo.

Existem ainda os restos mortais do P. Roque e dos seus companheiros e qual será o seu paradeiro?

Perguntas são estas que de sobra se justificam com a destruição vandálica das reduções. Escapariam as relíquias na destruição dos templos e edifícios, ou acaso se lhes perdeu tão somente no olvido dos pósteros a memória do jazigo?

É o que não sabemos, mas segundo parece, ainda não temos que renunciar a toda a esperança de podermos um dia responder a estes quesitos.

Trata destas relíquias, como existentes na sacristia da igreja de N. Sra. da Conceição, em 1754, o P. João Escandón, afirmando que vinham os índios venerá-las.

Quase ao mesmo tempo escreveu o P. Bernardo Nusdorffer a sua extensa relação inédita sobre a transmigração dos Sete Povos Orientais. Nela se refere que os outros da Banda Oriental fizeram uma romaria à Conceição, para honrarem as relíquias do venerável mártir Roque González, tendo-se retirado nesta ocasião a caixa que as continha da sacristia. para as poderem venerar os índios.

Na biblioteca nacional de Buenos Aires acha-se um manuscrito de Azara, do ano de 1784. no qual menciona encontrarem-se na dita sacristia os ossos do P. González e de seus companheiros.

Vemos, portanto, que a memória do venerável P. Roque ficou viva entre os índios e se lhe veneravam as relíquias até o último quartel do século 18.

Sobreveio o bárbaro assolamento das reduções, monumentos da ação civilizadora da Europa, e hoje mal se conhece o local ocupado outrora pela igreja do povo da Conceição, pois os alicerces se escondem sob grossa camada de escombros²⁹.



Cruzeiro sepulcral monólito, nos arredores de S. Lourenço, muda testemunha das florescentes Missões dos Sete Povos” do Rio Grande do Sul.

29. O P. Hernández, residente em Buenos Aires, devidamente autorizado pelo internuncio e o bispo do Paraná, D. Rezende de Lastro y Gordillo, formou, em 1904, uma comissão para indagar do paradeiro das relíquias nas ruínas da antiga igreja da Conceição, servindo de notário apostólico o P. Frederico Vogt S. V. D. Mas como ficassem sem resultado todas as pesquisas, foram suspensas as formalidades canônicas até constar o lugar que ocupara a antiga sacristia. O mencionado P. Vogt, vigário em Posadas, pretende levantar sobre as ruínas da antiga igreja outra nova: pouco a pouco há de remover-se, portanto, o entulho que esconde os alicerces tanto do templo como da sacristia.



Outra amostra arquitetônica da igreja de S. Miguel, antes de começadas as obras de conservação.

XXXIII

Restauração

Nienguiri e Cabral, conforme tinham assentado em conselho, deram liberdade aos prisioneiros não envolvidos na conjuração e aos demais culpados concederam anistia geral, para que os índios dispersos voltassem tranquilos a seus pagos³⁰ ou se juntassem às reduções.

A fé nos feiticeiros sofreu abalo geral, pois tudo sucedeu ao invés do que tinham anunciado estes embusteiros e, vendo os índios que, além de enganados, tiveram que passar por sérios perigos, converteu-se-lhes o antigo respeito em aversão e rancor. Tal disposição, de per si já favorável à pregação do evangelho, aproveitaram-na os missionários com todo o desvelo, esmerando-se em reparar os prejuízos causados pelo levante de Nheçum.

Também os habitantes do Caaró, desejosos de verem restabelecida a missão, significaram a um anistiado de nome Tabaty que a eles fora enviado, o arrependimento sincero de que se achavam possuídos; e em prova de sinceridade devolveram um fragmento do cálice de que se servira o P. Roque na última missa. O P. Romero, sucessor do mártir no cargo de superior da missão e que o havia de ser também um dia no martírio, logo se aprestou para corresponder aos desejos dos caaroanos, levando por sócio ao P. Alfaro.

Opuseram-se, porém, os neófitos. Acaso não bastavam vítimas, diziam pesarosos; a cólera dos malvados ainda não estava extinta, ainda fumegavam as macanas tintas de sangue; malbaratassem embora a vida, mas tivessem piedade das almas que, em lhes faltando os pastores, não tinham quem lhes valesse.

Os missionários, porém, seguiram avante e bem depressa se convenceram que não os enganava a gente de Caaró. Daquele madeiro do qual o P. Roque quisera suspender o sino, fizeram uma grande cruz que expuseram à veneração dos fiéis.

Quando chegou de Tucumán o provincial, P. Vásquez, para visitar os jesuítas do Uruguai, julgou conveniente entrar no Caaró com alguma solenidade.

30. No Rio Grande, o mesmo que lares ou habitações.

Saíram-lhe ao encontro os homens mais grados da aldeia e Guarobay dirigiu-lhe a palavra nestes termos:

“Oh! padre, a vossos pés depomos as armas; castigai o delito que cometemos, contanto que não seja a pena de vermo-nos privados dos missionários e da doutrina”.

Terminou pedindo perdão, que também imploraram com lágrimas as mulheres para os maridos e as crianças para seus pais.

Comovido respondeu o provincial: “Bem o sabia, havia de interceder por vós no céu o P. Roque, que tanto sofreu na terra para vos fazer bem.” Passou em seguida a exprimir-lhes a consolação que sentia em ver neles arrependimento tão sincero, efeito da graça divina, que os iluminava, desenganando-os da falsidade e malícia das sugestões dos feiticeiros, que os tinham arrastado a tamanho crime. A fuga de Nheçum bastara para que voltassem a melhores sentimentos, sinal evidente de que não pecaram por malícia, mas por fraqueza como vítimas de sedução.

“Perseverai, disse por fim, inabaláveis; eu vos restituo as armas e convencei-vos que vos amo de todo o coração.” Quando lhes foi traduzido este discurso, romperam todos em pranto tão desfeito, que mal se podia fazer ouvir o intérprete.

No dia imediato celebrou o padre provincial uma missa de desagravo no sítio onde padecera martírio o P. Roque. Restituiu também os cativos que trouxera consigo, e presenteou os morubixabas com peças de fato bordadas e outros mimos. Retirando-se para a margem do Uruguai, designou como chefe da aldeia a Guarobay e prometeu-lhes um missionário.

De fato não tardou em chegar o P. Oregghi, o qual aceitou esta penosa missão com maior alegria do que seu irmão, que era cardeal, recebera o barrete vermelho das mãos de Urbano VIII, grande fautor da família Oregghi.

O novo cura era homem de acrisolada virtude. No mesmo ano em que chegou, reduziu seiscentas famílias e batizou setenta e nove crianças. Como consta dos livros autênticos da Companhia, diz Techo, foram batizados no Caaró mais de nove mil pessoas.

Quem não reconhece em colheita tão inesperadamente copiosa a intercessão do mártir?

Sim, não podemos duvidar, nunca há de esquecer esta terra do Rio Grande, regada, nos anos da juventude e virilidade, com o suor dos trabalhos e peregrinações apostólicas e enfim fecundada com o sangue do martírio, quando ele contava 60 anos de idade.³¹

XXXIV

O local do martírio

Hoje em dia levantam estátuas e monumentos, não só a beneméritos da pátria e da humanidade, mas também a homens de merecimentos duvidosos. Nos tempos antigos tratavam mais de executar obras louváveis do que celebrá-las. Quantos beneméritos e abnegados servidores da pátria não há, cujo nome é olvidado e cujo túmulo nenhuma lápide comemora! Quem sabe hoje o paradeiro dos ossos do apóstolo do Brasil, o ven. P. José de Anchieta? Quem conhece os sítios, onde derramaram o sangue aqueles heróis que penetraram as florestas dos selvagens para levar-lhes as luzes do evangelho e da civilização?

Só no Rio Grande do Sul, não há menos de cinco desses homens heroicos que ensoparam esse torrão com o seu sangue para bem dos seus primitivos habitantes. Não venho perguntar, onde se encontram suas estátuas ou os monumentos que a gratidão levantasse a esses sapadores da civilização e iniciadores do cristianismo nessa terra: só pergunto: Quem sabe onde se acham os seus túmulos? Ninguém os conhece.

Só depois de muitas e penosas pesquisas me foi dado verificar um vestígio do local do glorioso martírio do primeiro apoóstolo do Rio Grande do Sul. Procurei nas fontes, em documentos inéditos e nos historiadores; uns calavam-se, outros falavam em Caaró, mas sem acrescentar a latitude ou o território, se era em terras do Brasil ou do Paraguai. Aumentavam até a dificuldade, dando a denominação de Caaró ora a um povo ora a uma localidade. Consultei os mais

31. .Techo, Hist. Parag. Liv. VIII, cap. 34.

antigos mapas da América do Sul; nem estes forneciam informação satisfatória. Depois de meses de ímprobos investigações já quis dar por desesperado o caso, quando na última hora, antes de deixar a cidade de Buenos Aires, onde também fizera diversas indagações, achei os mapas que vêm copiados neste livro. Em ambos acha-se bem marcado o lugar do martírio, entre os atuais povos missioneiros de S. Lourenço e S. Miguel, que ficam entre os rios Piratini ao sul e o Ijuí ao norte, ambos tributários da margem esquerda ou oriental do Uruguai, no Estado do Rio Grande do Sul.

Para determinar o local de Caaró ou do martírio, vê-se no mapa de 1744, que uma cruz, em cima da palavra Caaró, está um pouco ao norte de S. Miguel e S. Lourenço. mais perto deste povo, aproximadamente a 28° 10' de latitude sul e 54° 42' de longitude occid. de Greenw. Uma nota na margem inferior, a qual não vem aqui, diz que este sinal, a cruz, indica o local onde os padres Roque González e Afonso Rodríguez foram martirizados pelos índios guaranis, na ocasião da sua primeira conversão.

Ainda em 1789 existiam lá duas capelas, uma de S. José e a outra dedicada a S. Carlos, na margem do arroio Carogué. Na capela de S. Carlos venerava-se um quadro que representava o martírio do P. Roque e seus companheiros³². O nome do arroio Carogué dá testemunho da antiga redução Caaró; pois o nome Carogué, traduzido da língua guarani significa: Aqui foi Caaró.

Hoje nem nos mapas nem na região se acha vestígio desta denominação do arroio ou da capela.

O dito arroio passava por entre os povos de S. Lourenço e S. Miguel rumo norte, desembocando no rio Ijuí pela margem esquerda.

Esta mesma direção toma hoje um arroio de nome Urupúa que também desagua no Ijuí e parece idêntico com o antigo Carogué³³.

Outros conheciam-lhe outro nome, o de Iribú-carú e conforme sua interpretação indica que corvos comeram lá um missionário

32. Diário do comissário de limites, chefe da 2. partida de demarcação em 1788. D. Diego Alvear, dia 13 de abril de 1789.

33. Vide o mapa do Rio Grande do Sul. organizado pelo major de artilharia Maria José C. Jaques de 1891 e outro editado por C. Echenique, Porto Alegre 1902. Diz. porém, o dr. Hemeterio J. Velloso da Silveira, conhecedor como poucos da região missioneira, ser outro *Urugua* o hodierno nome do antigo arroio Carogué. (*Missões Orient.* Porto Alegre, 1909, p. 265).

que foi morto pelos índios guaranis. Bartholomeu Mitre diz a este respeito: “Porém eu creio que o dito nome vem do fato que o P. Roque González, jesuíta, e o seu companheiro Aff. Rodríguez foram comidos pelos pássaros ou tribos depois que os mataram os índios do povo que eles fundaram com o nome de todos os Santos entre S. Miguel e S. Lourenço; depois de perdoado o crime cometido, fugiu aquele povo para o Paraná por terem sido atacados pelos mamelucos que cativaram parte deles e o resto incorporou-se a outro povo.”³⁴

Quanto aos corpos do P. Roque e dos seus companheiros, não é verdade que os comeram os corvos, como já dissemos, mas daí vemos como o nome daquele arroio ficou ligado à memória do seu martírio.

Assim como não sabemos ao certo onde param os ossos do primeiro apóstolo do Rio Grande do Sul e protomártir da antiga província do Paraguai; nem sequer há uma lápide ou uma simples pedra que nos lembre o lugar santo, onde selou com o sangue a fé de nossos avoengos. Passei pelo sítio, em princípio de 1892, sem suspeitar que era tão memorável e tão digno de ser visitado e assinalado ao menos por um cruzeiro ou uma simples laje que informasse o viandante sobre o importante fato.

34. Revista del Rio de la Plafa, 1873. n. 188.

XXXV

Sucessos de Caaró

O provincial Diogo Boroa escreveu, em 1637, umas Noticias sobre as reduções do Paraná e Uruguai. Num fragmento que delas nos resta lê-se o seguinte sobre Caaró: “Só desta redução poderia tecer-se longa narração que muito interesse despertaria.”.

De quanto nos relatam Boroa e Montoya na sua *Conquista Espiritual*, se colige que o P. Roque cumpriu a promessa dada depois da morte, mas que primeiro fez passar seus protegidos pelo cadinho das provações e, segundo parece, tinha pressa em ver grande número deles reunidos consigo na glória eterna. Pois declarou-se entre os caaroanos uma doença terrível. que o P. Jeronymo Porcel descreveu, em carta dirigida ao provincial, da qual extraiu o P. Boroa o que segue:

“Acometia os doentes dor de cabeça tão violenta que os olhos se lhes injetavam de sangue e se lhes tolhia o uso da razão.

Os próprios índios diziam que eram como peixes em agua à qual se lançara erva *tingui*³⁵. Tumores na garganta impediam qualquer alimentação e, em se abrindo, exalavam cheiro insuportável. Todo o corpo se cobria duma como lepra, coisa nunca vista naquelas terras. Padeciam dores como de cólicas cruciantes e criavam-se nos intestinos, com espanto geral, gusanos cheios de peles. As inchações e tumores no rosto, além de medonhos para a vista, torturavam os pacientes a fazer dó.

O contágio foi tão ativo que, ao cabo de oito dias, já não havia entre adultos e crianças quem gozasse saúde, de maneira que ao missionário nem ficou moço que lhe aliviasse os trabalhos de enfermeiro duma aldeia inteira. As casas estavam repletas de doentes e não havia quem buscasse água e lenha ou preparasse comida além do infatigável sacerdote. Ele mesmo se espantava de ver como podia com peso tão descomunal de fadiga o que atribuía a um auxílio especial de Deus.

Apesar de morrerem diariamente 6 a 10 pessoas cujo enterro ficava a cargo do padre, não se ouviam na aldeia os lamentos fúnebres outrora tão ruidosos, tanto lhes calara n'alma a doutrina de que tais demonstrações de pesar de nada valiam aos finados.

35. Tinguí – nome genérico de diversas espécies de vegetais pertencentes ao gênero *Phaeocarpus Magonia* que, lançados ao rio, entorpecem ou matam o peixe, de sorte que vem à tona d'água.

Morreram ao todo 852 pessoas, entre as quais 352 crianças.

Os doentes preparavam-se com muito fervor para a morte e alguns sararam, logo depois de sacramentados ou ungidos.

Quebrado, enfim, o primeiro ímpeto da peste, restavam ainda muitos enfermos que sofriam de desarranjo dos intestinos; acomodou-os o padre num hospital que mandara levantar.

Ofereceram-se para enfermeiros alguns membros da congregação mariana que, com admiração e contentamento geral, se sujeitaram a serviço tão humilde e penoso. E acrescentam aqui o dito autor e Montoya, no livro citado, que a devoção a Maria Santíssima se desenvolveu cada vez mais naquela redução, parecendo que a Mãe de Deus pagava em bênçãos as injúrias que recebera.

Celebravam-se as festas da Virgem com especial fervor e em sua honra havia cada sábado missa cantada, e não passava dia em que os índios não recitassem o rosário, por mais cansados que estivessem.

Passemos a narrar alguns casos edificantes que se deram em Caaró:

Um grande devoto da Virgem tinha duas filhas, uma de cinco e outra de três anos, às quais ensinara a rezar o terço e a visitar uma devota imagem na igreja. A maiorzinha dava mostras duma piedade tão encantadora que a todos causava admiração. Sozinha em casa ia ajoelhar-se à miúde, não largando esta prática, por mais que lh'a censurassem.

Ora, estando um dia a porta da rua as duas irmãs, entretidas a rezar, apareceu uma mulher que, trazendo ao colo um menino, disse à menorzinha não receasse, porque logo lhe havia de restituir a irmã. Palavras não eram ditas, já levava nos braços a menina de cinco anos. Correu logo a que ficara, para dentro de casa a avisar a mãe, que sobressaltada acudiu, porém já não se via a senhora, nem a filha respondia aos brados aflitivos.

Nisto voltou o pai e ambos apressaram-se a dar busca às casas próximas e por toda a vizinhança. Mas debalde; com noite cerrada voltaram tristes e chorosos, sem ter achado vestígio de quem com tanta ânsia tinham procurado. Eis quando menos o esperavam, entra-lhes a filha, toda radiante de prazer, dizendo que uma senhora mui formosa a levava, em companhia do filho, que era um lindíssimo menino. Foram ter a um jardim ameno, onde se regalaram com manjares

deliciosos. Dissera-lhe a senhora que, em lugar de contas ou outros adornos do colo, usasse o rosário, e lhe ensinara um canto em honra dela (e dizendo isso, o cantou com graça encantadora).

Aquela senhora não era como as demais, resplandecia-lhe a roupa que nem o sol e a fala era sobremodo doce e terna. “Não sei, assim rematou a narração, porque me tornou a trazer cá. sinto-me tão só, longe dela e de seu filho: depois de os ter visto, já nada me deleita.”

Pasmaram os pais entre atônitos e satisfeitos. Deram de comer à filha, mas depois do manjar que provara nem podia tocar no alimento que lhe ofereciam. Quando no dia seguinte foi levada pelos pais à igreja, em vendo a imagem de Maria Santíssima, exclamou: “É aquela a senhora que me tratou com tanto mimo.” O povo, sabendo do caso, muito se edificou e a menina levou sempre vida exemplar.

Clandestinamente vivia em pecado uma viúva, não tendo, além do cúmplice, outra testemunha a não ser uma filha de dois anos. Porém a criança, apesar de tão tenra idade, repreendia respeitosa e os desvarios da mãe. E como nada conseguisse, enfim lhe declarou: Desejo morrer, para não continuar a presenciar os teus pecados; emenda-te, senão vou ter com Deus para lhe pedir perdão por ti.“

Efetivamente adoeceu a menina e chegou a falecer. Convenceu-se então a mãe de que foram ditas muito a sério aquelas palavras, que tivera em conta de palração infantil. Foi quanto bastou para a pecadora purificar a alma com os santos sacramentos e levar adiante vida irrepreensível, esperando que a filhinha também cumprisse a outra promessa que fizera de lhe alcançar o perdão divino.

Os caaroanos também eram grandes devotos das almas, valendo-lhes com toda a sorte de sufrágios e não menos com penitências, mormente nas sextas-feiras.

Ora um dia se ateava violento incêndio e um vento forte lançava as chamas sobre o colmo das casas, que todas a uma começaram a arder. Socorro humano já não o havia. Lembrando-se, então, das almas, lhes prometeram uma novena e no mesmo instante mudou o vento de rumo e se extinguiu o fogo.



Outra Cruz monólita, relíquia das Missões guaraníticas, atualmente no cemitério da vila do S Ângelo. Rio Grande do Sul.

XXXVI

Nienguiri

Ainda nos resta dar alguma breve notícia sobre o chefe índio que venceu o levante dos pagãos. Não obstante passar Nienguiri algum tanto o nível intelectual dos seus conterrâneos, contudo bem nos pode mostrar de quanto seria capaz a raça indiana, se os inimigos concedessem aos missionários os séculos precisos para lhes fazer entrar a civilização europeia em suco e sangue, como diz o rifão.

Não só sobre as margens do Uruguai, mas também na região do Tape, gozava Nienguiri fama de fervoroso cristão, valente guerreiro e chefe sábio e experimentado.

Longe de se guiar pela aparência das coisas, seguia as luzes que lhe davam uma aprofundada meditação dos fatos passados, indagando-lhes os porquês do êxito favorável ou desfavorável.

Sua piedade e zelo de propagar a fé valeram-lhe, da parte dos cristãos de Piratini, Caarupe e Caaró, o título honroso de Propagador do Cristianismo, nome honorífico que os missionários gostosamente ratificaram. Até Guaimica, talvez o mais influente dos morubixabas da Serra do Mar, costumava dizer que também os índios do Taquary e Jacuhy e terras contíguas deviam a Nienguiri o benefício de ter a Companhia de Jesus iniciado a civilização daquela região.

Como os grandes heróis que na Europa fundaram os reinos cristãos, também ele sabia empunhar a espada contra os inimigos da fé, que o temiam e admiravam.

Quando os chefes contrários já não viam meio de impedir a debandada, propagavam ter sido morto o temido general. Por mais de uma vez os próprios neófitos, ao ouvirem tão fatal notícia, recuaram até que tornasse a aparecer o chefe venerado, em cujos cintilantes olhos se lhes reacendia a apagada coragem.

Às qualidades de guerreiro aliava grande afabilidade de trato e distinção de maneiras. Tinha tal perspicácia em conhecer as diferentes índoles e gênios e juntamente eloquência tão persuasiva que, quer em palestra, quer em conselho, levava a todos aonde queria, até quando se tratava de sacrifícios extraordinários, como se viu na transmigração para a banda ocidental do Uruguai, no intuito de escapar aos ma-

melucos de S. Paulo. Antes queriam os índios afastar-se dos pagos e terras do que da vontade do chefe, o qual, vendo-os resolvidos a dar um passo que naturalmente tanto lhes custava, procurou aliviar-lhes o quanto ponde as fadigas da longa e penosa marcha, fortalecendo-os com louvores e donativos. Deste modo conseguira reter a muitos do louco intento de voltarem à pátria que os enchia de saudade, mas onde os esperava a morte ou escravidão.

Ocupando posição tão elevada e influente, houve-se de modo, tanto em solteiro como no matrimônio, que sempre deu a todos o exemplo de pureza cristã. E para fugir ao ócio, que bem sabia ser almofada da luxúria, lavrava o campo ou exercia o ofício de carpinteiro.

Conquanto fosse chistoso e muito amigo de graças e ditos agudos, nem ele proferia nem consentia qualquer termo mais livre e duvidoso. Também como chefe do povo era zelador da moralidade, não conhecendo temor algum ou condescendência. Marchava contra os paulistas, quando soube que um subchefe levava três concubinas. Exigiu que as despedisse, dizendo que os cristãos deviam vencer o inimigo mais pela virtude que pelas armas.

O intimado tinha que comandar a ala direita na batalha que se ia travar, mas despeitado deixou-se ficar inativo, dizendo: “Vamos ver se o general não só sabe desacoroçoar mulheres, mas também paulistas.”

Niengui em vista disso teve que retirar-se, o que fez com tanta perícia que salvou toda a sua gente.

Sabendo todos quanto era irrepreensível a vida do chefe, muito podiam as suas repreensões em súditos que se entregavam a costumes desregrados; mas, se depois não se corrigiam, punia-os com toda a severidade.

Sempre foi sobremaneira afeiçoado à Companhia, cuja fama, mormente quando atacada por calúnias ou aleives, defendia corajosamente, provando com fatos em contrário a falsidade das acusações. Nada prezava tanto como a fé e a graça de Deus que a ela o chamara.

Quando se extinguiu este luzeiro da nascente civilização, grande foi o luto em todo o Rio Grande. Juntaram-se os missionários, tanto os da vizinhança como os que residiam a grande distância: até da fronteira afluíram morubixabas, guiando grupos de súditos — trouxera-os a todos o desejo de honrarem, ainda depois de falecido, quem em vida

por tantos títulos o merecera. Disputavam-se os chefes a honra de levar o esquife e o orador sacro exaltou os merecimentos do finado pela propagação da fé e civilização cristã.

Sem dúvida não é só ao antigo continente que o americano há de ir procurar os exemplos de civismo e virtude; vultos como o de Nienguiri o provam.

XXXVII

Epílogo

Depois de falarmos da última fundação do P. Roque, lancemos um rápido olhar retrospectivo sobre a sua vida e obras.

Os vinte anos do seu lidar apostólico apresentam uma série ininterrupta de fadigas e sofrimentos e um exercício contínuo das mais abnegadas virtudes. Converteu milhares de almas no Paraguai e Rio Grande, fundou nada menos de dez reduções³⁶ dando a estas e nelas às futuras, organização adaptada ao caráter e índole dos selvagens, no que foi imitado pelos seus sucessores. Deixou a seus confrades um método excelente de tratar proficientemente com os índios. em cujo idioma, nada fácil, compôs a primeira doutrina completa.

Sendo ele o primeiro que nas matas do Rio Grande do Sul abriu brecha à cultura cristã. merece com razão o título de primeiro civilizador e apóstolo desta parte da União Brasileira.

De índole ao mesmo tempo austera e benigna, sabia tão bem temperar o rigor da autoridade com a condescendência de afável doçura, que a todos ganhava a afeição. Para vencer dificuldades e suportar fadigas por amor de Cristo, parecia de ferro. Sua abstinência não se limitava ao deleitoso, passava ao necessário, sobretudo no que diz respeito ao sono e alimento.

A uma atividade espantosa sabia aliar união tão estreita e constante com Deus e tal dom de oração, que poucos o igualavam.

Enquanto superior das missões do Paraná e Uruguai, governava mais com o exemplo que com palavras. Era obedientíssimo, até quando com isso lhe perigasse a fama. Sempre era o mais que podia ser humilde e com ter feito tanto, mostrava a grandeza de sua alma, evitando toda a espécie de arrogância ou presunção.

36. Para comodidade do leitor segue aqui uma tabela cronológica das povoações fundadas pelo P. Roque González. I. **Na bacia do rio Paraná.** 1. N. S. da Encarnação ou Itapuã 1615. 2. Santa Anna ou Apupe 1615. 3. N. S. da Candelária ou Jaguapúa 1616. II. **Na bacia do rio Uruguai.** I. N. S. da Conceição ou Ibitacua 1619. 2. S. Nicolau sobre o Piratini 1626. 3. S. Franc. Xavier ou Jaguariti 1626. 4. N. S. da Candelária sobre o Ibicuí 1626. 5. N. S. da Candelária ou Caasapamini 1628. 6. N. S. da Assunção sobre o Ijuí 1628. 7. Todos os Santos de Caaró 1628. Não foi incluída a redução de S. Ignacio-guaçu, levantada pelo P. Lorenzana e transferida e reconstruída pelo P. Roque. Montoya atribui-lhe a fundação do povo de Corpus Christi e Techo a de Japeyú, ambos criados pelo P. Pedro Romero.

Não é, pois, de admirar que tanta virtude, merecendo-lhe o prêmio celeste, granjeasse também a veneração dos coevos e o assombro dos posteror.

No meio de tantos trabalhos, andava o P. Roque como que numa frágua de sofrimentos físicos e morais. Um achaque crônico do coração tais ânsias lhe causava, que por vezes temia perder o juízo. Mas incomparavelmente mais lhe pesava a cruz constante de escrúpulos pungentes, aridez d'alma, desamparo e tristeza interior.

Escreveu um dia, ao provincial: “Trago a cabeça fatigada e como que partida com tão continua aflição.” Mas acrescenta: “Contudo estou resolvido a perseverar aqui, ainda que morra mil mortes e perca mil vezes o juízo, pois não serão para mim prejuízos, mas grande lucro: portanto, meu padre Provincial, disponha V. Rev.^{ma} de mim, como mais conveniente achar, nem peço estar aqui ou ali.” (Lozano, Hist. da Prov. do Parag., Liv. VIII, cap. 16).

Quanto não estimava o mártir os padecimentos desta vida, quando suportados com paciência e resignação!

Refere o biógrafo do P. Ruíz de Montoya (Dr. Franc. Iarque, Vida do P. Montoya) que este sacerdote, sendo vítima de duas calúnias levantadas por pessoas que lhe eram muito chegadas, reconheceu nesta provação o martírio com “espada de pau” que lhe tinha profetizado o P. Roque, chamando-o não menos heroico que o do sangue.

Creio que não haverá leitor que ao recordar a vida e morte do protomártir e apóstolo do Rio Grande, não concorde com a opinião de Techo o qual declara:

“Se um dia o P. González for canonizado, deverá ser eleito padroeiro deste país.” (Liv. 18, cap. 8). Se este autor nutria já em seu tempo algumas esperanças de lhe ver concedida a honra dos altares, hoje são muito mais fundadas.

Já o P. Boroa, autor do dito auspicioso: “*Um dia será Roque venerado como santo e velará pelo continente americano*”³⁷ ordenara aos reitores dos colégios da sua província, escrevessem ao Sumo Pontífice, pedindo a instauração do processo. Igual súplica dirigiu à Sé Apostólica Felipe IV por intermédio do seu embaixador em Roma.

De fato correu o processo que se chama de informação e há muito que terminou.

37. Techo, liv. VIII, cap. 33.

Depois de um longo intervalo, reassumiu-se ultimamente. por ocasião do tricentenário do martírio do P. Roque, a causa da sua beatificação, sendo postulador da mesma o R. P. Thomaz Travi S. J³⁸.

Terminando, fazemos nossas as belas palavras que o provincial dirigiu ao padre geral Vitelleschi em necrológio do nosso apóstolo³⁹. “Que vida tão feliz em seu decurso e desfecho! Não será este o cúmulo da ventura derramar o sangue no desempenho do encargo apostólico, como remate de suas infinitas fadigas e em abono da verdade que pregamos, entregando a vida por nossa vez àquele que primeiro e sem hesitar a entregou por nós!

38. Em 1671 fizeram pedidos a S. M. o rei católico, em ordem de promover a beatificação. O cabido eclesiástico de Tucumán, o governador, o bispo de Tucumán e a cidade de Santiago del Estero (Pastells, *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia dei Paraguay*, t. III., p. 36 e 37), o vice-rei do Peru em 1672, o Conselho de índias. O embaixador espanhol, cardeal Nidardo, responde que na primeira audiência porá o negócio nas mãos de S. Santidade. (*Ibid.* p. 41-42).

39. É este o texto latino: *O felicissimum vitae decursum atque exitum! Quid amplius et iam optari potest, quam in Apostolico munere, multisque in eo laboribus exantlatis, sanguinem pro ea quam annuntiamus veritatem profundere, eique vitam nostram vicissim offerre qui suam pro nobis prius ponere non dubitavit!* Rançonier, S. J., Litt. Ann. Prov. Parag., Antverpiae 1636).



Sete estátuas, encontradas num casebre a três léguas da cidade de S. Luiz de Missões, veneradas relíquias das florescentes Missões Jesuíticas no Rio Grande do Sul, vítimas do furor pombalino.

Apêndice crítico

A.

Determinação do lugar do martírio do P. Roque González

Sendo assaz desconhecida a vida do primeiro apóstolo e fundador das Sete Missões do Rio Grande, muito mais o será o lugar do seu glorioso martírio. Empreendendo a tarefa de achá-lo e determiná-lo, bem cômico estou das dificuldades que se me opõem. Se consegui vencê-las, esclarecendo mais um ponto obscuro da nossa história, que o decida o criterioso leitor.

Desde já cumpre indigitar uma fonte de equívocos. Os antigos autores ou supunham conhecida a posição das reduções, como bem o podiam, ou, indicando-a, faziam-no de modo que hoje até nos mapas antigos se torna quase impossível qualquer verificação. De mais a mais, deixaram de existir muitos povos antigos e, se não foram substituídos por novos, levantaram-se outros na mesma região, de data portanto muito mais recente. Já se vê logo que, conforme a época em que escrevia o autor, hão de faltar necessariamente indicações geográficas a respeito de muitas reduções.

Igualmente causa não pouco embaraço a variedade na grafia dos nomes geográficos. Por Ijuí, por exemplo, escreve Charlevoix (liv. VII p. 231 e 241. ed. de Paris) *Yyvi*: o brigadeiro Alvear, *Iguy* (Relat. geograf. e hist. Angelis IV): Lozano, *lyui* (Conq. I p. 34): de L'Isle (De-liste), mapa de 1703 (na "Exposição" pelo barão do Rio Branco vol. V) *Iuri*: Techo (VIII cap. 19) *Livi*; Euseb. Nieremberg (Varones ilustres, tom. IV, p. 360, 2ª ed. de Bilbao) *Yuy*.

Enfim dificulta as verificações a identidade ou repetição dos mesmos nomes para lugares diversos. No mapa de *Carafa* encontram-se ao oeste e leste do Uruguai dois povos *St. Martyres*, em outras cartas há outras tais coexistências.

Felizmente em nosso caso está fora de dúvida: 1º que o lugar do martírio é Caró ou Caaró, e 2º que Caaró fica à margem esquerda ou oriental do Uruguai, na região missioneira dentro da circunscrição do Rio Grande do Sul.

O que ainda não foi apurado, é a localidade que corresponde ao antigo Caaró.

O povo de Caaró como local do martírio designam unanimemente os mais antigos autores, como *Montoya*, Conquista éspirit. n. 58, *Techo*, Hist. de la Prov. del Paraguay liv. VIII cap. 23; *Eusebio Nieremberg*, Varones ilustres t. IV p. 368, 2.a ed., Bitbáo 1889; *Charlevoix*, Hist. du Parag. I. VIII p. 239 e 234 (Paris 1757).

Achar-se o lugar que corresponde ao antigo Caaró no âmbito da região missioneira do Rio Grande, evidencia-se pela vizinhança do rio Ijuí, afluente da margem oriental do Uruguai e pela circunstância de ter sido escolhido pelo P. Roque González como próprio para estabelecer comunicação com o oceano por meio do rio Igay, o atual Jacuí. Assim *Techo* liv. VIII cap. 21, *Charlevoix* liv. VII p. 232.

Para remover um equívoco que podia originar embaraço, notamos que pelo nome Caaró designam também a região de maior ou menor extensão, em que estava o povo do mesmo nome. Assim fala *Techo* (liv. VIII, cap. 19) nas florestas do Caaró, em que havia sessenta tuxavas, e no cap. 21 descreve a terra de Caaró, que se estende por dez léguas para o interior do Rio Grande.

Charlevoix faz penetrar ao P. Roque nas vastas florestas de Caaró e diz que é um país limítrofe com todas as partes da província do Uruguai (liv. VIII pp. 230 e 232); *Southey* (Hist. of Brazil, cap. 23) chama-o o país possuído pelos caaroanos. *Alvear* diz: “Iguy (o rio Ijuhy) en la província del Caro.” (Angelis IV).

A maneira de escreverem este nome é algo diferente. Escrevem no Processo del P. Roque González:

Caró: | Montoya
| Techo
| Eusebio Nieremberg
| P. Diego Boroa (Trelles, Arch.]V)

Caro: | Charlevoix
| Southey

Caaro: | Nos mapas:
| O ms. “Razón de las Reducciones”
| O p. Bern. Nusdorffer, ms.
| Barão do Rio Branco, Expos.

Ao consultarmos, pois, os autores para nos indicar a posição do povo de Caaró, os antigos ou contemporâneos não nos dão resposta direta nem indireta, com exceção de Techo.

Este diz que o P. Roque, deixando Caaró, marchou a Livi (Ijuí), passando pelos campos de Piratini (liv. VIII p. 19); conforme esta indicação, estaria Caaró ao menos entre os dois rios mencionados, caso não ficasse mais ao Sul. A segunda vez que fala da posição de Caaró é no cap. 23, onde nos revelou a razão por que se empenhou González pela conversão de Caaró, a saber pela vizinhança com Caasapamini e desta com Livi (Ijuí) que a seu turno confinava com Piratini (S. Nicolau). Ora achando-se, como insinua, Caasapamini ou Candelária ao N. do Ijuí, ficaria Caaró também ao N. do Ijuí, suposição esta que implica com o texto anterior no cap. 19, de forma que nada adiantamos e continha duvidosa a procurada posição.

Restou-nos um fragmento ms. de 1637, do P. Boroa. em que vêm relatórios sobre diversos povos do Uruguai oriental, entre eles o da “Reducción de los Martyres del Caró”, depois de ter falado, em trechos anteriores, duas vezes do *posto do Caró*. Quando fala na redução do Caaró, não se pode duvidar que se refira ao lugar do martírio de González, tanto pela observação introdutória, dizendo que desta única redução podia tecer longa história mui deleitosa de ouvir, como pelo episódio que traz do cavalo de González (Trelles, Rev. do Arch. Nac. de Buenos Aires IV, p. 68).

Sendo o próprio título de Caaró dado por González, Caró de todos os Santos, podia-se perguntar como lhe deu o provincial Boroa o de Mártires do Caró? Seria em honra dos mártires Roque e seus companheiros?

Não encontrando outros autores antigos que tratassem desse ponto, peçamos informações aos mais recentes, entre os quais só Charlevoix e Southey prometem satisfazer a nossa curiosidade. Charlevoix nos dá uma indicação geral no livro VII p. 232 (ed. Paris 1757) que não adianta a questão, e Southey segue Techo. Umas 30 páginas mais adiante diz Charlevoix que o provincial Trujillo em 1629 fundou sobre as ruínas de Caaró outra redução e prometeu enviar um missionário que veio a ser o P. José Oreghi. Este erigiu lá uma igreja com a invocação dos três mártires do Japão, canonizados havia pouco.

Ao mesmo tempo fundou o P. Boroa outra igreja no Caaró, lá onde o Tabaty entra no Uruguay. Donde tirou Charlevoix estas notícias que os autores antigos não parecem conhecer? Ou quisera Boroa, na sua relação acima mencionada, exprimir o mesmo, quando disse Mártires do Caró? Deve existir aqui um equívoco, porque no mesmo ano e pelo mesmo P. Oreghi faz Lozano fundar um povo de Mártires do Japão na banda *occidental* do Uruguai (Conquista I. p. 39).

Techo concorda com Charlevoix quanto a domiciliar neste tempo ao P. Oreghi no Caaró: mas nada diz a respeito de uma mudança do orago daquela igreja. Só afirma que os mártires do Japão são os protetores do Uruguai (Liv. IX, cp. 8). Até aqui, portanto, ainda não conseguimos sair do dédalo de dúvidas e incertezas.

Consultemos agora os mapas.

Os mais antigos calam-se. O primeiro da província do Paraguai, oferecido ao P. Geral Vic. Garafa. traz diversos nomes de regiões antigas nas vizinhanças dos rios Ijuí e Jacuí, como Caapi, Caamo, Caaguas, mas não há vestígios de Caaró. Tampouco o segundo mapa do Paraguai levantado por jesuítas de 1722, nem os posteriores a estes.

Só a carta do Paraguay por G. de L'Isle (Delisle) de 1703, que aliás é muito resumida na nossa região missioneira, traz entre o grão 28 e 29 de latit. merid. e a este e ao sul de Caasapamini (Candelária) o nome de *Caaroas*, designando assim o Caaró por seus habitantes.

Não é para desprezar esta indicação em tal geógrafo e tem valor particular, por não contradizer, mas sim confirmar as cartas que se referem diretamente ao nosso assunto.

Na obra de Lozano — *La descripción corográfica del Grau Chaco*, Córdoba 1733, acham-se também delineadas as Sete Missões do Rio Grande. Lá, quase no centro dos cinco povos, entre o Piratini e o Ijuí, avista-se uma cruzinha e por cima dela lê-se Caaró com esta legenda: “Hic occisi sunt a Barbaris PP. S.^{ta} Cruz, Rodrig. Castillo.” (“Aqui foram mortos pelos bárbaros os PP. S.^{ta} Cruz, Rodrig. Castillo.”)

Por serem de escala reduzida as distâncias, os povos não guardam o rigor das proporções; *porém se distingue perfeitamente Caaró entre os dois povos de S. Lourenço e S. Miguel*. Com a autoridade de Pedro Lozano podíamos dar por decidida a questão.

Mas tenho ainda outras provas que nos confirmam a opinião pela qual optei. Entre estas não é desatendível a que se baseia em o P. Nusdorffer, que numa obra ainda manuscrita sobre as Sete Missões orientais, diz na P. V, n. 67, que, mudando-se os Juanistas para a outra margem Ocidental do Uruguai, passaram por Caaró, lugar do martírio do P. Roque, onde um Miguelista buscava uns bois perdidos. Tudo isso quadra muito bem, se Caaró está no lugar que dá Lozano.

Temos ainda um mapa de 1744, de um autor que se ocultava sob o pseudônimo de “Missionário Veterano” que trabalhou na província do Paraguai. Foi impresso em Viena (Áustria, conforme se lê no mesmo mapa: “Joh Christoph Winkler - sculpsit Viennae”).

Se não é obra d’arte, contudo mostra o progresso da cartografia moderna pela exatidão dos grãos, mormente dos de latitude. Neste mapa, ao sul do Ijuí, um pouco ao norte de S. Lourenço e de S. Miguel, na prolongação de uma linha que passaria quase a igual distância deles, está este sinal (cruz) e em cima dele lê-se *Caaró* com caracteres bem legíveis. Uma nota na margem inferior diz que este sinal (cruz) “signal loca quibus Guarani occasione primae conversionis sequentes PP. S. J. morte violenta affecerunt: *In Caaro inter oppida S. Michaelis et S. Laurentii Patres Rochum González et Alphonsum Rodríguez, etc.*” (marca os lugares onde os guaranis por ocasião da primeira tentativa de os converter mataram os seguintes padres da Companhia de Jesus: em Caaró entre os povos de S. Miguel e de S. Lourenço os Padres Roque González e Affonso Rodríguez, etc.)

Tenho mais uma prova independente das anteriores. É um manuscrito autógrafo posterior ao ano de 1766, cujo autor também não está averiguado. Tem passado este documento por autógrafo do último cronista da província do Paraguai, o P. José Guevara; mas abandonei esta opinião.

O título geral começa assim; “Razones de las Reduções”: um subtítulo reza assim: “En el Uruguay e Tape: “Pueblo del Caaro“. Imediatamente segue este texto: *Fundo el V. P. Roque González en el Caaro, entre San Lorenzo y San Miguel* que son aora, un Pueblo, llamandolo Todos los Santos. Mataron al P.^e y a su Comp.^o P.^e Alonso Rodrig. 2.^o.”

Por este documento inédito vemos, pois, outra vez corroborado o fato que foi entre os povos de S. Lourenço e S. Miguel das nossas Missões do Rio Grande que se deu o glorioso martírio do P. Roque González. (Vide os mapas de 1733 e 1744).

[Legajo Misión del Paraguay]

[Carpeta Misiones Guaranis. Estadísticas]

[A.^o. 6 L]

Em confirmação, transcrevo o seguinte trecho tirado do “Diario del Comisario de limites iefe de 1.^a 2.^a partida de demarcación en 1788, D. Diego de Alvear” que escreve, em 13 de abril de 1789, no seu diário: “San Lorenzo y San Miguel: Pasamos al pueblo de San Lorenzo... Otras dos capillas de San Josef y San Carlos, sobre las tres piernas del Carogüe, separan las pertenencias de San Lorenzo y San Miguel, que dista muy cerca de diez millas... Martyrio de tres jesuítas... Este arroyo del Carogüe desagua en el Ygui (Ijuhy) con dirección al N. y es celebre en la historia de Misiones, por el martyrio de tres jesuítas, Roque González de Santa Gruz, Alonso Rodríguez y Juan del Gastillo, acaecido sobre su márgen hacia los años de 1628. El cuadro de estos ilustres misioneros se venera en la referida capilla de San Carlos.”

O arroio *Carogüe*, se ainda tem este nome, ainda hoje nos diz: “Aqui foi Caró” (Caro-cué), “aqui esteve o povo de Caró.”

B.

Nheçum⁴⁰

Nheçum não é o mesmo morubixaba que acompanhou ao P. Roque a Buenos Aires.

Não se pode negar que a personalidade de Nheçum, como a representa Charlevoix e ao depois Southey, desperta vivo interesse, mormente pelo contraste que assim se estabelece entre os seus antecedentes e o seu procedimento subsequente. Primeiro aparece o chefe índio ao lado de González como alvo de honras militares e civis na ocasião da recepção solene em Buenos Aires, prometendo fidelidade em nome dos povos do Uruguai às autoridades políticas e eclesiásticas, e enfim a apostasia e infidelidade que atinge seu auge no assassinio de González.

Mas a inexorável critica tira-lhe muito do encanto dramático, sendo que não é uma pessoa, mas sim duas as que figuram nesta história sob nome semelhante, porém em circunstâncias diferentes.

“Niezú, o cacique que em Buenos Aires fora festejado cora tanta adulação e distinção andava já cansado das suas relações com os jesuítas,” escreve Southey (Hist. do Brasil, cap. 23) e em seguida narra como mandou assassinar o seu amigo González. Não é exato. Nieza, nome confundido com o de Nheçum, é o chefe índio que acompanhou o P. Roque a Buenos Aires, e nunca chegou a traí-lo nem a apostatar do cristianismo. Nheçum foi o autor do assassinio de González e nunca chegou a ver Buenos Aires.

40. Adoptei a grafia fônica por assim sobressair a diferença dos dois nomes confundidos. O ñ corresponde ao nosso nh e o z espanhol é parecido com o nosso ç.

As grafias dos autores são bastante diferentes:

Necú escreve Montoya.

Nezú escreve Eusebio Nieremberg, Processo de P. Roque González.

Ñeçu (Nheçün) escreve O guarani da Conquista.

Niezú escrevem Techo, Charlevoix e Southey.

Almeida Nogueira, no vocabulário que compôs para o “Manuscripto guarani”, que é propriamente uma tradução da “Conquista” de Montoya para o guarani, escreve sob neçú: “Como nome do chefe Neçu ou antes yneçú pode ser o que se inclina, o cortez”; enquanto Montoya interpreta este nome por “reverencia”. O nome completo era Nheçum retanque.

Charlevoix já antes de Southey tinha sustentado a mesma opinião errônea. Também Pfotenhauer (*Die Missionen der Jesuiten in Paraguay l. 137*) caiu no mesmo erro.

Ser o morubixaba que foi a Buenos Aires diverso de quem mandou assassinar ao P. Roque evidencia-se pelas razões seguintes:

I) Nieza era morubixaba da banda Ocidental do rio Uruguai, na redução denominada da Conceição; Nheçum era chefe principal de Caaró, no distrito do rio Ijuí, tributário da margem oriental do Uruguai. (Techo, Hist. de la Prov. del Parag. liv. VII. cp. 32 liv. VIII, cp. 19).

II) Os nomes dos dois chefes índios, apesar de semelhantes circunstância esta que explica o equívoco são bastante diversos e distinguíveis: *Diego Nieza* — é este o nome completo era o chefe da Conceição; e *Nheçum*, o chefe de Caaró. Em Techo (Hist. do Paraguay, 1. c.) é que se encontram as duas pessoas e os dois nomes bem discriminados. Este autor, quando fala a primeira vez de Nheçum, descreve-o como pessoa que o leitor ainda não conhece, o que não poderia fazer, se fosse o mesmo Nieza já mencionado.

III) Não só os nomes, também os caracteres dos ditos chefes são inteiramente diversos.

O primeiro, Nieza, era batizado, como seu nome cristão o prova e era conhecido como homem de bem. O outro era feiticeiro que aspirava a honras divinas entre seus conterrâneos; era homem devasso que nunca largou seu harém de concubinas nem seus ritos e abominações pagãs; continuava pagão, entregue à sua vida dissoluta e supersticiosa, não menos, como nota Techo, quando construiu a capela do seu povo, como quando mandou matar a González. E como não houvera abjuração do paganismo e batismo de Nheçum, assim não houve nele apostasia do cristianismo (Techo 1. c.. 1. VIII, cp. 19 seg).

IV) Os outros autores antigos não mencionam a Nieza ou por resumidos (Montoya, Nieremberg) ou por não terem ocasião nem motivo de a ele se referirem, como Lozano.

O lugar para isso era a Hist. da Prov. do Paraguay; porém esta não alcança a época de Nieza (termina Lozano com 1615 exclus). E na sua Hist. da Conquista do Paraguay não fala em nenhum dos dois

chefes por não ter motivo, visto que foi composta como introdução para a Hist. da Província, descrevendo o país, as tribos, a conquista pelos espanhóis e dando a história dos governadores.

V) Que Montoya não identificou Nieza com Nheçum, está patente pela maneira como o introduz na história, na ocasião da morte do P. Roque. Se fossem uma só pessoa Nieza e Nheçum, devia Montoya mencionar esta circunstância ou ao menos deixá-la transparecer; entretanto não o fez. (Conquista Espirit., 2.a edição, Bilbao 1892, n. 57).

C.

O verdadeiro nome do 3º governador do Rio da Prata

É este governador quem durante os últimos anos do P. Roque exercia certa influência na atividade deste missionário. Por figurar nos autores com nome idêntico a outro governador contemporâneo, podia esta circunstância dar ocasião a dúvidas e desagradáveis equívocos. Por isso é que vou deslindar aqui este ponto.

Charlevoix (Hist. do Parag. 1. VII, ano 1625) e até *Techo* (liv. VII, cap. 32) e depois deles *Southey* (Hist. do Brasil, cap. 23) e outros dizem que o 3.º governador de Buenos Aires ou do Rio da Prata foi D. Luiz de Céspedes. Ao governador do Paraguay. o 2.º depois da separação dos dois governos, dão todos os autores o mesmo nome e com razão, *Lozano* (Hist. de la Conquista, 1. III. cap. 13) acrescenta-lhe ainda o de Feria, e *Zinny* (Hist. de los Gobernadores del Paraguay) chama-o Luiz de Céspedes Garcia Xeria.

Apesar de tudo, o nome do 3.º governador do Rio da Prata, não é Luiz de Céspedes, mas sim Francisco de Céspedes. Assim vem na citada Conquista de *Lozano*, tomo III cap. 16. onde lemos: “*Sucedióle pues, en el gobierno del Rio de la Plata, a 19 de Setiembre de 1634, don Francisco de Céspedes; natural, etc.*”

Outrossim existem dois officios manuscritos do mesmo governador, ambos datados de Buenos Aires e do ano de 1626, que comecem assim: *Don Francisco de Céspedes, Gobernador e Capitán General*

de la provincia del Rio de la Plata.” (Bibl. Nac. MSS. Coleção Angelis VII — 24, Rio de Janeiro.) (Ib. Coleção Angelis VII — 26). De ambos os documentos mss. possuo copias autênticas. (Cf. o Apend. dos Documentos justific.)

Explica-se o erro para Charlevoix e os que o seguiram por não conhecerem a Hist. de la Conquista de Lozano, que só em nossos tempos foi publicada. Entretanto M. de Moussy, que escreveu uma — *Description de la Confédération Argentine* — dez anos (1864) antes da publicação da História da Conquista de Lozano, não caiu no mesmo erro, provavelmente por ter à disposição outros documentos. (V. N.^a V e VI.)

D.

Retificação cronológica

Os cronistas e historiadores que escreveram sobre o Paraguai dizem ser o ano de 1620 o da separação dos dois governos do Paraguai e do Rio da Prata e fazem entrar o seu primeiro governador no mesmo ano. Houve engano cronológico. Foi no ano de 1617 que uma cédula real dispôs a divisão dos dois governos; outrossim foi no ano de 1618 que se realizou a solene recepção do primeiro governador, D. Diego Góngora, em Buenos Aires. Assim o testemunham os documentos descobertos e a primeira vez publicados por Ricardo Trelles. Vide documentos N. 1 e n. 2. *dos Anexos de la Memória sobre Cuestión de limites entre la República Argentina y el Paraguay por Man. Ricardo Trelles, Buenos Aires 1867.*

A desmembração eclesiástica é que fê-la em 1620 o papa Paulo V, encarregando a D. Pedro de Carranza, primeiro bispo de Buenos Aires, de estabelecer os limites de sua diocese com a do Paraguai. Carranza tomou posse do novo bispado em Janeiro de 1621. V. Documentos N. 11 dos citados Anexos.

Transcrevo aqui o princípio e mais um trecho do citado documento N. 2:

“Recepción del Gobernador D. Diego de Góngora — Cabildo de 17 de Noviembre de 1618.

“En la ciudad de la Trinidad, puerto de Buenos Aires, en diez y siete dias del mes de Noviembre de mil y seiscientos y diez y ocho anos, con el senor D. Diego de Góngora, Caballero del hábito de Santiago, que viene proveido por Gobernador y Capitán General destas Provincias, para el recibimiento de Su Señoría, se juntaron en las casas del Cabildo — la Justicia y Regimiento desta ciudad...

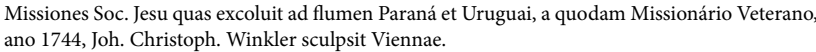
“Y juntos en este Cabildo, Su Senoría del dicho senor Don Diego de Góngora, presentó una Real Providencia y Cédula, de Su Majestad, sellada con su real sello y librada por los señores del Real Consejo de indias, por el cual le nombra y provee por su Gobernador y Capitan General destas Provincias del Río de la Plata y pueblos del Gobierno que se ha separado, y manda, sea recibido á el dicho cargo. ..“

“Documento N. 11. Testimonio de la Toma de posesión del nuevo obispado del Río de la Plata por su primer obispo D. Fray Pedro de Carranza, en 19 de Enero de 1621.

“En la Ciudad de la Santísima Trinidad, puerto de Buenos Aires, Provincia del Río de la Plata, á diez y nueve dias del mês de Enero de mil seiscientos veinte y un anos.

“A hora de las cinco de la tarde, poco mas ó menos, teniendo noticia el P. Gabriel de Peralta, Vicario de esta dicha ciudad, como el Ilustrísimo y Reverendísimo Senor D. Fray Pedro Carranza, Obispo de este nuevo Obispado del Río de la Plata, hoy dicho dia, quiere tomar la posesión de él, fué al Fuerte y Casas Reales donde al presente posa S. S. Ilustrísima...

“...vino Su Senoría á la dicha Iglesia Mayor, donde fué recibido con palio, y estando dentro de ella, se arrodilló é hizo oración delante del altar mayor y sagrario donde está el Santísimo Sacramento, y hecha en presencia del dicho Vicario, Clero, Prelados y Religiosos, Gobernador y Cabildo y demás personas que presentes se hallaron: el dicho Senor obispo dijo: que, habiendo aceptado la dicha dignidad y recibido las Rulas de Su Santidad y egecutoriales reales de Su Majestad, se embarco y vino a esta dicha ciudad de la Trinidad, donde está erigida, e senalada la Iglesia Catedral, y presentó sus bulas y egecutoriales ante el dicho Gobernador.”



Missiones Soc. Jesu quas excoluit ad flumen Paraná et Uruguai, a quodam Missionário Veterano, ano 1744, Joh. Christoph. Winkler sculpsit Viennae.

Notas bio-bibliográficas

sobre os autores que foram com preferência consultados

Montoya (P. Antonio Ruiz de) Conquista Espiritual, hecha por los religiosos de la Compañía de Jesús en las provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape. Bilbao, 1892. Imprensa del Corazón de Jesús.

O padre Montoya, mais conhecido por suas obras linguísticas, gramática, o catecismo e o tesouro ou vocabulário da língua guarani, escreveu também uma pequena obra histórica de muito valor, em que descreve o que viu e ouviu nas célebres reduções do Paraguai. Era muito rara esta obra até que há pouco se tornou mais acessível por uma impressão feita pela tipografia do S. Coração de Bilbao.

Nasceu Antonio Ruiz de Montoya em Lima, no ano de 1582, de pai sevilhano, próximo parente do conhecido Teólogo jesuíta Diego Ruíz de Montoya.

Entrou na Companhia de Jesus em 1606. O primeiro provincial da província do Paraguai levou-o ainda noviço para Córdoba de Tucumán, onde fez os estudos.

Desde 1620 foi superior das reduções, das quais dá aqui breves apontamentos históricos, que trazem o selo de testemunha ocular. Negócios da sua província o levaram à corte de Madrid. Lá publicou, em 1639, as obras acima mencionadas. Voltando para a América do Sul, deram-lhe os superiores por domicílio o colégio de Lima, onde residiu até à sua santa morte, em 1652. Seus restos mortais foram trasladados para Assunção.

A *Conquista* foi traduzida para a língua guarani. Para facilitar a leitura desta tradução, escreveu Almeida Nogueira um extenso e erudito vocabulário, como também um esboço gramatical do guarani, obras publicadas sob a direção do notável riograndense e ex-bibliotecário da Biblioteca Nacional, o Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, nos volumes VI e VII dos Anais da mesma Biblioteca, Rio 1879.

Techo (P. Nicolás del) *Historia Provinciae Paraguariae Societatis Jesu*. Leodii ex offic. typograph. Math. Hovii 1673 in fol.

O P. du Toict — é este o nome próprio belga do Techo — nasceu em Lille, em 1611, veio para a América pelo ano de 1640 e morreu em 1685⁴¹. Conforme um ofício ainda inédito que lhe foi dirigido por D. Felipe Regis Gorbalán (F. Rege Gorvalán apud Lozano), governador do Paraguai (1671-1681), foi reitor do colégio de Assunção.

Andrés Lamas e outros enganam-se, fazendo-o chegar da Europa em 1649, visto que já funcionava como cura de Apóstolos em 1648, conforme ms. de Angelis (Bibl. Nac. do Rio de Janeiro. Mss. de Angelis. lat. X. 22); tampouco teve o cargo de provincial, como quer Lamas, mas sim o de superior das Missões⁴².

A excelente obra de Techo dá o desenvolvimento histórico da missão e província do Paraguai desde os inícios até a metade do século XVII, pouco mais ou menos.

Para esta época é o autor mais completo e de grande autoridade. Segundo nos informa Lozano no prólogo da sua História da Companhia de Jesus, valeu-se Techo duma obra do provincial P. Juan Pastor que ficou manuscrita.

Não pude ter fonte melhor; pois com grande cuidado costumava o P. Pastor investigar e revolver os monumentos antigos. Lozano é de opinião que uma das causas de se não continuar a obra do P. Pastor foi o receio que a continuação também tivesse a sorte pouco invejável de ficar num arquivo entregue às traças e ao esquecimento.

Houve da obra de Techo por muito tempo só uma tradução inglesa e há uma dezena de anos também uma espanhola, que bem se pode chamar malograda, porque, além de ser feita por pessoa incompetente, traz um extenso prólogo devido à mão não menos inábil de quem pretende suprir o que entende faltar na obra.⁴³

É verdade, Techo não deu como outros autores posteriores um esboço da organização das reduções; também as indicações corográficas são por vezes deficientes ou duvidosas. Parece que escrevia para os missionários e contemporâneos que estavam a par de tudo isto.

41. O P. Diego González em Faenza escreveu erroneamente 1680. Techo morreu só em 1685. Mss 84. p. 44.

42. Vide MS. Catalogi Paraguariae.

43. Cf. "Declaración de la Verdad." Introducción por el P. Pablo Hernández S. J. I e III. Buenos Aires 1900.

Igualmente desconheceu as constituições do sínodo de Assunção, cuja publicação é de data muito recente. Explica-se, portanto, o seu silêncio a respeito do catecismo do padre Roque González.

Que não compôs sua valiosa obra sem espírito crítico, como quer um autor moderno, é bem patente por ex. no 6.º cap. do liv. XI, em que rejeita um milagre atribuído ao P. Christovam Arenas, fundamentando sua opinião, ou no cap. 22 do mesmo livro, onde nega um fato maravilhoso contado no *Compêndio histórico* do P. Santiago Damián, porque tem contra si testemunhas oculares que o P. Techo examinou. Destoa sim, uma observação feita sobre o caráter do governador Hernandárias, assacando-lhe o ter subordinado a utilidade pública à ambição de fama e glória!

Do citado cap. 22, vemos também que o P. Techo escreveu, senão toda a obra, ao menos uma parte de sua história no Rio Grande do Sul, passando pelo povo *Jesus Maria*, que ficava no atual município de Santa Cruz do Rio Pardo.

Lozano (P. Pedro S. J.) *Historia de la Conpañía de Jesús en la Provincia del Paraguay*, 2 tom. em fol. Madrid 1754 e 1755.

O P. Pedro Lozano tinha entre seus contemporâneos a fama de homem doido e de historiador consciencioso e erudito. E esta opinião, longe de diminuir, cresceu com a publicação do outras obras suas, a ponto de ser lido hoje por uma das mais graves autoridades na história da América do Sul. Citam-no frequentemente historiadores, viajantes, geógrafos, naturalistas de diversas nações e línguas. Tanto mais é de estranhar sabermos tão pouco sobre a vida de homem tão notável.

Até os últimos decênios ignorava-se-lhe o lugar e dala do nascimento, bem como o ano em que faleceu.

Graças às investigações de Andrés Lamas, sabemos hoje que nasceu em Madrid em 16 de setembro de 1697 e que entrou na Companhia de Jesus em 7 de dezembro de 1711. Mas apesar de muitas pesquisas não conseguiu determinar o ano do falecimento.

Quem encheu esta lacuna foi o P. Pablo Hernández S. J. o erudito e incansável investigador do fontes históricas. Podemos hoje afirmar que morreu o eminente historiador em 8 de fevereiro de 1752 em Humaguaca (ou Humahuaca, Moussy) viajando para Sucre.

Humaguaca. última cidade ao norte da República Argentina, é estação obrigada de trânsito para quem se dirige ao Peru ou Bolívia; apesar de se achar entre os trópicos, tem o clima frio, devido à sua altura de 3000 metros.

Residia habitualmente no colégio máximo em Córdoba de Tucumán; suas obras, porém, dão testemunho de frequentes viagens. Esteve nas Missões do Paraguai; chegando até Santa Fé, desceu o Paraná em jangada. Em outra viagem chegou até o Alto Uruguai e, novamente embarcado da mesma forma, seguiu rio abaixo. Nas margens deste rio e de seus tributários, o Quaraí e o Rio Negro, recolheu petrificações. Subiu também os Andes. Examinou os arquivos de Santiago del Estero, de Tucumán e Salto.

Os dois tomos da sua história contêm 1607 páginas em fôlio. Começa pela entrada da Companhia de Jesus no território de Tucumán e alcança o ano de 1614. É pena não ter levado mais adiante esta importantíssima obra, para a qual estava preparado como poucos, tanto mais que ele mesmo a isso alude (1º cap. do livro I desta história). O erudito Techo cita os acontecimentos até o ano de 1644, mas a falta de documentos o obrigou a uma concisão por vezes destituída da desejável clareza.

A segunda obra de Lozano. que aqui mais nos interessa é a *Historia de la Conquista de la Provincia del Parayaguay, Río de la Plata y Tucumán*, publicada por Andrés Lamas em 5 tomos em 8º, Buenos Aires 1873.

É a bem dizer a história civil e eclesiástica da antiga província do Paraguai.

O primeiro tomo de 464 p., comentado por um douto prefácio de 148 páginas da lavra do Dr. Andrés Lamas, forma introdução, contendo uma coreografia que é de grande valor para a geografia histórica, e um esboço da história natural com exceção da mineralogia. Também a etnologia teve ali o seu desenvolvimento. O 2.º e 3.º tomo contêm a série dos governadores e bispos com os sucessos principais desde o descobrimento do Rio da Prata até ao ano de 1745.

O 4.º e 5.º tomo contém o descobrimento, conquista e governo civil e eclesiástico de Tucumán; é obra original em que Lozano não tem antecessor.

Esta insigne obra histórica foi composta só para servir de introdução à história da Comp. de Jesus de que acima demos notícia.

Quanto à história natural, contém os erros do seu tempo, deixando-se também por vezes seduzir pela autoridade dum autor a contar uma fábula. Entre os lapsos históricos talvez seja o mais estranho o que se acha no vol. I. p. 37 e no vol. 111, p. 430, dizendo que na batalha do Araraguay em 1641 foram derrotados os paulistas de sorte que nunca mais ousaram infestar a província do Uruguai, enquanto ele próprio afirma no dito vol. III. p. 324 que em 9 de março de 1652 voltaram e apresentaram batalha aos índios das reduções do Uruguai, em que outra vez foram batidos os paulistas. Bauzá caiu no mesmo erro de dizer que não tornaram a voltar mais (*Dominación espan.* I. p. 372, 2.ª ed.)

Autores espanhóis perguntaram, porque seria que uma obra, com razão aquilatada de monumental, teve que esperar tanto tempo pela publicação.

Azara acha a razão num certo azedume contra os espanhóis, que aparece no livro. Creio que a explicação é pouco satisfatória, 1.º porque o tal azedume não é senão independência e imparcialidade exigida em historiador sério, e 2.º acha-se muito mais pronunciado na obra publicada em 1755.

Deve-se, pois, procurar a solução em outras circunstâncias, particularmente nas da imprensa daquela época.

Eram proverbiais as dificuldades que encontravam em geral os autores daquele tempo em editar os seus livros, mormente se diziam respeito à América. Causa-nos certa estranheza este fato, pois o grande interesse que dedicava o público europeu ao novo continente, parece que devia animar escritores e livreiros, vendo garantida a publicações desta natureza uma aceitação geral. Obstava, porém, o governo que tinha demasiado empenho em suprimir tudo quanto pudesse dar ideia de suas colônias ultramarinas aos estrangeiros, que procurava afastar das suas colônias.

Na América mesma eram muito procurados tais livros, bem ao invés do que sucedia na Hespanha. onde eram *olvidados e tão pouco*

apreciados. Porém as despesas da importação os encareciam demasiadamente. Além disso nenhum autor estava seguro de que se não vedaria a circulação do livro na América, até depois de impresso.

Assevera Lamas que foi devido a estas circunstâncias que até o fim do século 18 deixaram de imprimir as três quintas partes dos escritos sobre a América, sendo não raro de autores de renome e de reconhecido merecimento.

Não tiveram melhor sorte os cronistas-mors das índias, cujo título encerrava uma dupla garantia da aceitação, já pela competência que tal cargo supunha, como pela riqueza e variedade dos materiais autênticos que tinham à mão. Contudo ficaram inéditos, para citar só dois exemplos, os estudos feitos por ordem de Felipe II sobre a Nova Espanha, e grande parte dos trabalhos da expedição científica enviada ao Peru e Chile, em 1777.

Se tal sorte coube às elucubrações de cronistas-mors e com missões enviadas por ordem régia, bem se compreende por que não se imprimiram várias obras de jesuítas.

Tomando em conta os ligeiros apontamentos que apresentamos, o leitor não estranhará porque dentre as obras de Lozano foi preferida para a publicação a *História da Companhia à História Civil ou da Conquista*.

Além de não exigir a primeira obra impressão tão dispendiosa, continha a última notícias e informações por demais abundantes e minuciosas, para não despertar os zelos dum governo cioso em extremo dos pingues emolumentos que tirava de suas colônias.

As obras de Lozano, entre publicadas e inéditas, orçam por 21. Mencionamos ainda *Descripción corográfica del gran Chaco, Guaylamba, etc.*. Córdoba (Espanha 1733; é o primeiro livro monográfico e ainda hoje de valor.

Ha pouco saiu à luz outra obra de Lozano, *Historia de las Revoluciones de la Provincia del Paraguay*, 1721-1735. Buenos Aires 1905. O ms. foi anunciado como autógrafo de L. nos conhecidos catálogos de Hiersemann em Leipzig, de quem o comprou depois de verificada a autenticidade o Dr. Parodi em Buenos Aires pelo preço convencional de 2014 marcos.

Deve-se a conservação de tão precioso escrito a circunstância de ter vindo à mão dum soldado flamengo que serviu na guerra da tríplice aliança contra o Paraguai.

Foi publicado com o auxílio da *Junta de Historia y Numismática Americana* e sob a direção do amigo D. Samuel A. Lafone Quevedo, em 2 tomos, cada qual de umas 500 paginas. O 1.º leva o nome de “Antequera” e termina com a execução deste audacioso e astuto caolho; O 2.º intitula-se “Los Comuneros”, contando a sublevação desses revolucionários e a sua derrota.

A narração dramática destas revoluções manifesta quanto lavravam já naqueles tempos as ideias de independência na América meridional. Estas sublevações não foram senão prelúdios dos movimentos que um século mais tarde determinaram a definitiva separação da Espanha.

Gay (Cônego João Pedro) *Historia da República Jesuítica do Paraguay*, Rio de Janeiro 1863.

O vigário Pedro Gay trabalhou com muito interesse e nobre dedicação. Transluz por toda sua obra volumosa o sincero esforço de achar a verdade e uma imparcialidade rara no tempo em que escrevia.

Sua *República Jesuítica* é uma densa selva de documentos, tratados, traduções e notas por vezes preciosas, na qual o leitor curioso, porém menos experimentado, pode errar o caminho.

Falta a crítica necessária: copia p. ex. (p. 39) sem discernimento as povoações fantásticas de Azara, as quais este audacioso afirmador diz terem sido fundadas pelos espanhóis no Guaira, em 1555.

Se Gay tivesse consultado somente a *Conquista Espiritual* do Montoya, testemunha de vista, teria evitado este e outros equívocos.

A verdade é que até 1610 não houve no Guaira povoação alguma das ditas de Azara, com o que se dissipam em fumo todas as suas gratuitas e aéreas afirmações. (Cf. *Declaración de la verdad. Introducción por Pablo Hernández*, n. XII.)

Não se pode, porém, negar que Gay alcançou ainda muitos restos de ruínas que hoje já não existem e também muitos índios testemunhas dos sucessos que descreve. Muitas observações são, portanto, de relativa autoridade e grande valor.

Ressente-se esta obra também da mão do corretor, o cônego Pinheiro, introduzindo uma das suas ideais e invenções prediletas, aberração em que o cura de S. Borja não teria cabido. Nas páginas 131 e 132 distingue duas épocas na história dos jesuítas, sendo a segunda marcada pelo predomínio censurável de intenções político-econômicas.

Não pretendo aqui dar uma resenha completa do livro de Gay, cinjo-me ao que diz respeito ao P. Roque González, onde não faltam inexatidões e desfigurações.

A narração traz o cunho duma tradução malfeita dum original guarani ou duma relação oral de índios menos bem informados a respeito do mártir. De fato confessa algures o cônego Gay que seguiu um manuscrito composto em S. Borja.

Conta por ex. como o P. Roque, depois da missa, fez soar uma porção de peças de moeda de prata, que tinha colocado por detrás do cálice e ao redor da pedra d'ara, para excitar a admiração dos índios que nunca tinham visto moeda cunhada e para os dispor a mais facilmente acreditarem na palavra de Deus e que disso com efeito muito se agradaram os neófitos. Nada disto contém os autênticos documentos.

Ha mais os seguintes erros: Que Nheçum estava presente à morte de Roque González, que esta se realizara na hora da comida, que Nheçum e outros se converteram. Em geral o livro de Gay não conhece a posição superior que ocupa o fundador das Missões. Quanto a outras inexatidões, veja a nossa *Historia do Rio Grande do Sul dos dous primeiros séculos*.

Bauzá, (Francisco). *Historia de la Dominación Española en el Uruguay*, 2ª ed. Montevideo 1895.

D. Francisco Bauzá nasceu em Montevideu em 7 de outubro de 1849. Seu pai foi o general D. Rufino Bauzá, impertérrito servidor da causa da independência do Uruguai.

Fez Bauzá os estudos preparatórios na escola alemã de Montevideu e cursou depois no Lyceu latim, matemáticas e filosofia. Alis-

tara-se no exército que seguia para a guerra do Paraguai: porém, uma enfermidade que o acometeu na viagem, o obrigou a regressar e a desistir do seu intento. Na guerra civil de 1870-1872 foi tenente da guarda nacional e tomou parte no combate da União. Ao mesmo tempo batia-se em brilhante campanha jornalística.

Em 1875 aceitou do seu governo o cargo de agente confidencial ante o governo argentino para reatar as relações interrompidas no momento crítico em que se preparava uma revolução dos emigrados. Não só conseguiu aquilo de que vinha incumbido, mas ainda celebrou o importante tratado de neutralidade entre ambas as repúblicas do Prata. Mais tarde foi deputado e senador e representou duas vezes o seu país no Brasil.

Nas campanhas parlamentares revelou-se verdadeiro orador de parlamento. Na sua carreira política soube salvar ilesa a reputação duma integridade irrepreensível.

Escreveu diversas obras, entre elas *Estúdios Literários*, 1885 — *Estúdios constitucionales*, 1887 e outras. *La Historia de la Dominación Española* é um dos poucos livros que nunca perdem os seus atractivos; apreciação em que estão de acordo pessoas das mais diversas posições e condições. Manifesta-se nele profundo amor à verdade, sólida e sincera investigação para a achar, sutil sagacidade em descobri-la e prová-la, e enfim imparcialidade a toda prova, a qual nem o patriotismo consegue declinar do prumo.

Além disso encantam e cativam uma crítica fina, os horizontes largos da intuição histórica, uma arte de narração que faz reviver os caracteres históricos o seus tempos. Em uma palavra, possui o ilustrado estadista todos os dotes de genuíno historiador.

Ha questões na história da América do Sul que, quanto mais discutidas, tanto mais parecem envolver-se em trevas. Mas B. sabe às vezes cortar e dissipá-las com a luz intensa e rápida do raio, de maneira que gregos e romanos a uma devem ceder à irrecusável evidência. Que energia há por exemplo no seguinte apótema: ...Entre os que exterminam uma raça e aqueles que a conservam, a religião, a filosofia e a história, se decidirão pelos últimos.” (t. 1. 382). Eis como refuta a opinião quase universal, que os missionários pretenderam escravizar os índios: ...Introduzindo a civilização, mostram que não pretendiam escravizar os índios.” (I. p. 384).

Nota-se este másculo vigor numa apreciação verdadeiramente histórica, sobretudo no que diz sobre a política sul-americana na Espanha, durante o século 18., nos traços com que pinta o vulto de Carlos III e no paralelo que estabelece entre Carlos II e Fernando VI.

Também o apêndice crítico do tomo II revela uma independência e penetração admiráveis.

Não admira, pois, que poucos e menos relevantes sejam os erros que se encontram nesta obra, por ex. quando diz que dá no mesmo descender o gênero humano numa família ou de diversos troncos humanos (I. p. 140); ou quando fala em duas civilizações opostas, sendo uma a aborígine uruguaia (I, p. 185) ou quando coloca a fundação de S. Borja no primeiro quartel do século 17. (I, p. 368), etc.

Divide-se esta História em 3 tomos, todos ornados de retratos.

Tomo I. Desde o descobrimento do Rio da Prata até a fundação de Montevideu (1730) 560 p., com um mapa.

Tomo II. Desde o estabelecimento do governo espanhol no Uruguai até a revolução de Maio (1730-1810) 798 p.

Tomo III. Desde os sucessos precursores da revolução no Uruguai até a invasão e consolidação da conquista portuguesa contra os esforços da diplomacia da Espanha (1810-1821) 844 p.

Com razão diz um patricio do Bauzá: “Não só os orientais, mas os sul-americanos em geral podem ufanar-se de tal história que se torna um fator da nacionalidade, pondo-lhe em relevo o mérito.”

ÍNDICE

	Pag.
Prefácio	5
Introdução	7
Anos do juventude e sacerdócio	15
Entra na Companhia de Jesus — Missão entre índios ferozes	18
Perigos e obstáculos	21
Pacificação dos guaycurús	23
O P. Roque no Paraná	25
Fundação de Itapuã	29
Fundação de S. Anna — Visita do governador	34
Expedição ao Alto Paraná	36
Peste e outras provações	39
Início das missões no Rio Grande do Sul	41
Grandes e vários obstáculos	43
Sistemas de catequese dos índios	45
Fundação do povo da Conceição no Uruguai	47
A língua guarani	49
Tentativa de explorar o Uruguai — Tempos de luto e dias de festa	53
Um pajé ou feiticeiro uruguaio	56
Fundação de S. Nicolau, a primeira das Sete Missões	57
Viagem a Buenos Aires e brilhante recepção	59
Um interinado perigoso	61
Em caminho ao país do Tapes	64
Entra no Tape, hoje Cima da Serra	65
A mais antiga descrição do Rio Grande do Sul	69
Trabalhos apostólicos na região das Sete Missões	72

Funda o P. Roque a redução de Caaró	74
A conjuração	75
Martírio do venerável P. Roque e de seus companheiros	76
Atividade ulterior de Nheçum	80
Castigo de Nheçum e mais conjurados	82
O coração do P. Roque	84
A “Conquistadora”	88
O cavalo do P. Roque	90
Honras feitas às relíquias	91
Restauração	95
O local do martírio	97
Sucessos de Caaró	100
Nienguiri	104
Epílogo	107
Determinação do lugar do martírio do P. Roque González	111
Nheçum	117
O verdadeiro nome do 3.º governador do Rio da Prata	119
Retificação cronológica	120
Notas bio-bibliográficas	123

ILUSTRAÇÕES

O P. Roque, segundo uma pintura recente da Irmã Mansueta, religiosa franciscana	3
Frontispício da igreja de S. Miguel	49
Parte lateral da igreja de S. Miguel	55
Paredão da igreja de S. Miguel	63
A torre da igreja de S. Miguel em reconstrução	68
Parte lateral da igreja de S. Miguel	71
Martírio dos padres Roque González e Affonso Rodríguez	78
Martírio do padre João del Castillo	81
Relicário que contém o coração do P. Roque	86
Cruzeiro monólito em S. Lourenço	93
Amostra arquitetônica da igreja de S. Miguel	94
Cruz manólita em S. Ângelo	103
Sete estátuas, relíquias dos Sete Povos	110

MAPAS

Mapa hist.-etnográfico do Guaíra (1610—1630), organizado por C. Teschauer S. J	33
Missiones Soc. Jesu Paraguayenses, desumptae ex P. Lozano	85
Missiones Soc. Jesu quas excoluit ad flumen Paraná et Uruguai, a quodam Missionário Veterano, ano 1744, Joh. Christoph. Winkler sculpsit Viennae	122

